



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgetba@ufba.br](mailto:pgetba@ufba.br)



**LÍCIA MARIA MIRANDA PEREZ**

***AS CONSTRUÇÕES TÓPICAS NA FALA CULTA DE SALVADOR***

**SALVADOR**  
**2006**



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



**LÍCIA MARIA MIRANDA PEREZ**

***AS CONSTRUÇÕES TÓPICAS NA FALA CULTA DE SALVADOR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iracema L. de Souza  
Área I - Linguística Histórica

**SALVADOR**  
**2006**

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

P438 Perez, Lícia Maria Miranda.  
As construções tópicas na fala culta de Salvador / por Lícia Maria Miranda Pérez . - 2006.  
153 f.

Orientadora : Profª Drª Iracema Luiza de Souza.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.

1. Língua portuguesa - Sujeito e predicado. 2. Mulheres de nível superior - Salvador (BA). 3.  
Homens de nível superior - Salvador (BA). 4. Lingüística. I. Souza, Iracema Luiza  
de. II. Universidade  
Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 81'1  
CDD - 410

**A Hélio ( *in memoriam* ) e a Lourdes,**  
meus pais, primeiros e inesquecíveis  
mestres.

**A Michelle, a Leilane e a Priscila,** minhas  
filhas, pelas lições aprendidas no dia- a- dia.

**A Marconi,** meu esposo, pelo  
companheirismo na escola da vida.

## **Agradecimentos**

**A Deus**, Força e Luz de todas as minhas conquistas.

**À Profª Drª Iracema Luiza de Souza**, orientadora querida, pela sua competência, pela sua dedicação e pela sua valiosa ajuda em meu crescimento profissional.

**À Família ProPEEP**, Alex Simões, Aline Mascarenhas, Cirlene Farias, Dilair Reis, Erivelton Santana, Kaline Mendes, Laura Almeida, Lice Santa Inês, Margarida Oliveira, Marina Hatty, Marcos Crisóstomo, Nívea Bispo, Tânia Nolasco e Zilda Castro, pelo exemplo de convivência harmoniosa.

**À Profª Drª Maria do Socorro Netto**, pela presença amiga constante, pelas reflexões e pelos estímulos inesgotáveis.

**À Profª Drª Tereza Leal Gonçalves Pereira**, por ser a primeira a estimular o meu interesse científico e pelos conhecimentos adquiridos.

**À Profª Drª Therezinha Maria Mello Barreto**, pela atenção e pela ajuda recebidas.

**À Profª Drª Norma da Silva Lopes**, pelo apoio e pelas valiosas sugestões apresentadas para aprimorar este trabalho.

**Às amigas Neila Oliveira Santana e Eivalda Alves Araújo**, pela cooperação durante a realização da presente pesquisa.

**A todos os professores do PPGLL**, pelos ensinamentos que possibilitaram o meu aprimoramento profissional e científico.

**Aos membros do PPGLL**, pela atenção com que sempre fui tratada ao longo desses anos.

**A todos os mestrandos de 2004-1**, pelas horas divididas entre estudos, preocupações e vitórias.

## Resumo

Esta pesquisa visa a discutir as construções de tópico marcado recorrentes na fala culta de Salvador. Com esse intuito, constituem-se amostras de dados dos *corpora* do Projeto Nurc/Salvador relativos a 1970 e 1990, as quais são analisadas quantitativa e qualitativamente, tendo como suporte teórico-metodológico a Sociolingüística, o Funcionalismo e a Pragmática. Os resultados obtidos contribuem para a discussão a respeito do Português do Brasil e o seu enquadramento como uma língua de proeminência de sujeito e tópico, sobretudo no registro coloquial.

**Palavras-chave:** Tópico marcado, Funcionalismo, Pragmática e Sociolingüística.

## **Abstract**

This research is intended to investigate the marked topic constructions present in the language spoken by the graduated population of Salvador. The samples are data from the *corpora* of the NURC/Salvador Project 1970 and 1990, which are fully analyzed based on Sociolinguistics, Functionalism and Pragmatics. The results contribute to the discussion of the Portuguese spoken in Brazil and its consideration as a language of prominence of subject and topic, mainly in the colloquial register.

**Keywords:** Marked topic, Functionalism, Pragmatics and Sociolinguistics.

## Lista de Gráficos

Gráfico 1 -	Distribuição Geral das CTs nos <i>Corpora</i> Trabalhados	94
Gráfico 2 -	Distribuição das CTs em 70 e 90	95
Gráfico 3 -	Relação entre Faixa Etária e Tempo no Tópico com Quebra de Seqüência	133
Gráfico 4 -	Relação entre Faixa Etária e Tempo no Tópico com Retomada	134
Gráfico 5 -	Relação entre Faixa Etária e Tempo na Topicalização	134
Gráfico 6 -	Relação entre Faixa Etária e Tempo na Topicalização com Supressão da Preposição	135
Gráfico 7 -	Relação entre Faixa Etária e Tempo no Tópico Sujeito Especial	135
Gráfico 8 -	Relação entre Gênero e Tempo no Tópico com Quebra de Seqüência	137
Gráfico 9 -	Relação entre Gênero e Tempo no Tópico com Retomada	137
Gráfico 10 -	Relação entre Gênero e Tempo na Topicalização	138
Gráfico 11 -	Relação entre Gênero e Tempo na Topicalização com Supressão da Preposição	138
Gráfico 12 -	Relação entre Gênero e Tempo no Tópico Sujeito Especial	139



## Lista de Tabelas

Tabela 1 -	Distribuição das CTs em 70 e 90	95
Tabela 2 -	Relação entre os Tipos de Correferentes e a Função Sintática do Tópico no uso do Tópico com Retomada no NURC 70	109
Tabela 3 -	Relação entre os Tipos de Correferentes e a Função Sintática do Tópico no uso do Tópico com Retomada no NURC 90	109
Tabela 4 -	Relação entre a Função Sintática do Tópico e as CTs no NURC 70	115
Tabela 5 -	Relação entre a Função Sintática do Tópico e as CTs no NURC 90	115
Tabela 6 -	Relação entre a Estrutura do Tópico e as CTs no NURC 70	117
Tabela 7 -	Relação entre a Estrutura do Tópico e as CTs no NURC 90	117
Tabela 8 -	Relação entre o Tipo de Verbo e as CTS no NURC 70	120
Tabela 9 -	Relação entre o Tipo de Verbo e as CTs no NURC 90	120
Tabela 10 -	Relação entre o Contexto em que Ocorre o Tópico e as CTS no NURC 70	122
Tabela 11 -	Relação entre o Contexto em que Ocorre o Tópico e as CTs no NURC 90	122
Tabela 12 -	Relação entre o Traço Semântico do Tópico e as CTs no NURC 70	124
Tabela 13 -	Relação entre o Traço Semântico do Tópico e as CTs no NURC 90	124
Tabela 14 -	Relação entre o Elemento Interveniente e as CTs no NURC 70	125

Tabela 15 -	Relação entre o Elemento Interveniante e as CTs no NURC 90	125
Tabela 16 -	Relação entre a Posição do Sujeito no Comentário e as CTS no NURC 70	127
Tabela 17 -	Relação entre a Posição do Sujeito no Comentário e as CTs no NURC 90	127
Tabela 18 -	Relação entre o Preenchimento do Sujeito e as CTs no NURC 70	129
Tabela 19 -	Relação entre o Preenchimento do Sujeito e as CTs no NURC 90	129
Tabela 20 -	Relação entre a Faixa Etária e as CTs no NURC 70	131
Tabela 21 -	Relação entre a Faixa Etária e as CTs no NURC 90	131
Tabela 22 -	Relação entre o Gênero e as CTs no NURC 70	136
Tabela 23 -	Relação entre o Gênero e as CTs no NURC 90	136

## Lista de Abreviaturas e Siglas

ADV	Adjunto Adverbial
CN	Complemento Nominal
CTs	Construções Tópicas
D.E.	Deslocamento à Esquerda
D.E.Suj.	Deslocamento à Esquerda de sujeito
D.E.Ob.Dir.	Deslocamento à Esquerda de Objeto Direto
D.E.Obl.	Deslocamento à Esquerda de Oblíquos
D.E.Anac.	Deslocamento à Esquerda de Anacoluto
DID	Diálogo entre Informante e Documentador
ELP	Escola Lingüística de Praga
GT	Gramática Tradicional
LF	Língua Falada
NURC	Norma Urbana Culta
OD	Objeto Direto
OI	Objeto Indireto
OVS	Objeto, Verbo, Sujeito
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
PFS	Perspectiva Funcional da Sentença
PPGLL	Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
S	Sentença
SA	Sintagma Adjetival

SADV	Sintagma Adverbial
SN	Sintagma Nominal
SOV	Sujeito, Objeto e Verbo.
SP	Sintagma Preposicional
SU	Sujeito
SV	Sujeito, Verbo
SVO	Sujeito, Verbo e Objeto
Top	Topicalização
Tp	Tópico
TSuj	Tópico Sujeito
TVO	Tópico, Verbo, Objeto
UFBA	Universidade Federal da Bahia
ULN	Usuário de Língua Natural
VOS	Verbo, Objeto, Sujeito
VS	Verbo, Sujeito
VSO	Verbo, Sujeito, Objeto

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>	
<b>1</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>19</b>
1.1	A INTERAÇÃO ENTRE O FUNCIONALISMO, A PRAGMÁTICA E A SOCIOLINGÜÍSTICA	19
1.2	A TEORIA FUNCIONALISTA	21
<b>1.2.1</b>	<b>Outros aspectos relevantes na teoria funcional</b>	<b>26</b>
1.2.1.1	O modelo de interação verbal de Dik	27
1.2.1.2	A gramática funcional	28
1.3	A PRAGMÁTICA	30
1.4	A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA	33
<b>1.4.1</b>	<b>Variação e mudança</b>	<b>34</b>
<b>2.</b>	<b>O FENÔMENO TÓPICO-COMENTÁRIO</b>	<b>39</b>
2.1	A ORDEM DOS CONSTITUINTES E O TÓPICO	39
<b>2.1.1</b>	<b>Uma incursão histórica</b>	<b>39</b>
<b>2.1.2</b>	<b>A ordem das palavras no português do Brasil</b>	<b>46</b>
2.2	O CONCEITO DE TÓPICO	47
2.3	TIPOLOGIA DE TÓPICO	49
2.4	CARACTERÍSTICAS DO TÓPICO	53
<b>2.4.1</b>	<b>Características das línguas de tópico</b>	<b>57</b>
2.5	O TÓPICO NA TRADIÇÃO GRAMATICAL	60
<b>2.5.1</b>	<b>Pleonasma</b>	<b>61</b>
2.5.1.1	Objeto pleonástico	61
<b>2.5.2</b>	<b>Objeto direto preposicionado</b>	<b>62</b>
<b>2.5.3</b>	<b>Anacoluto</b>	<b>62</b>

<b>3</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>68</b>
3.1	AS AMOSTRAS	71
3.2	A VARIÁVEL DEPENDENTE E SUAS VARIANTES	71
<b>3.2.1</b>	<b>Tópico com quebra de seqüência</b>	<b>72</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Tópico com retomada</b>	<b>73</b>
<b>3.2.3</b>	<b>Topicalização</b>	<b>74</b>
<b>3.2.4</b>	<b>Topicalização com supressão da preposição</b>	<b>75</b>
<b>3.2.5</b>	<b>Tópico sujeito especial</b>	<b>76</b>
3.3	AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	78
<b>3.3.1</b>	<b>Correferentes</b>	<b>78</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Função sintática do tópico</b>	<b>79</b>
<b>3.3.3</b>	<b>Estrutura da construção de tópico</b>	<b>80</b>
<b>3.3.4</b>	<b>Tipos de verbo</b>	<b>81</b>
<b>3.3.5</b>	<b>Contexto em que ocorre o tópico</b>	<b>82</b>
<b>3.3.6</b>	<b>Traço semântico do tópico</b>	<b>83</b>
<b>3.3.7</b>	<b>Presença ou ausência de elemento interveniente</b>	<b>83</b>
<b>3.3.8</b>	<b>Posição pré-verbal ou pós-verbal do sujeito</b>	<b>84</b>
<b>3.3.9</b>	<b>Preenchimento do sujeito</b>	<b>84</b>
3.4	AS VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS	85
<b>3.4.1</b>	<b>Faixa etária e tempo</b>	<b>87</b>
<b>3.4.2</b>	<b>Escolarização</b>	<b>89</b>
<b>3.4.3</b>	<b>Gênero</b>	<b>91</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>93</b>
4.1	CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO	96
<b>4.1.1</b>	<b>Tópico com retomada</b>	<b>96</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Topicalização</b>	<b>98</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Tópico com quebra de seqüência</b>	<b>99</b>
<b>4.1.4</b>	<b>Tópico com supressão da preposição</b>	<b>102</b>
<b>4.1.5</b>	<b>Tópico sujeito especial</b>	<b>104</b>
4.2	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	108
<b>4.2.1</b>	<b>Tipos de correferentes</b>	<b>108</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Função sintática</b>	<b>115</b>

<b>4.2.3</b>	<b>Estrutura do tópico</b>	<b>117</b>
<b>4.2.4</b>	<b>Tipo de verbo</b>	<b>120</b>
<b>4.2.5</b>	<b>Contexto em que ocorre o tópico</b>	<b>122</b>
<b>4.2.6</b>	<b>Traço semântico do tópico</b>	<b>124</b>
<b>4.2.7</b>	<b>Elemento interveniente entre o tópico e o comentário</b>	<b>125</b>
<b>4.2.8</b>	<b>Posição do sujeito no comentário</b>	<b>127</b>
<b>4.2.9</b>	<b>Preenchimento do sujeito</b>	<b>129</b>
<b>4.3</b>	<b>VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS</b>	<b>130</b>
<b>4.3.1</b>	<b>Faixa etária e tempo</b>	<b>131</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Gênero e tempo</b>	<b>136</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>141</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>149</b>

## INTRODUÇÃO

A comunicação é essencial para o desenvolvimento do ser humano. É da interação entre os falantes que se desencadeia o processo de enriquecimento de idéias e a troca de experiências, os quais constituem a base da vida em sociedade.

A produção do falante apresenta, muitas vezes, em algumas situações de fala, o aparecimento de certas expressões e termos que não prejudicam a comunicação. Assim, o locutor acrescenta a seu repertório lingüístico aquilo que constitui o resultado da dinâmica pertinente ao uso da língua em contextos diversos. Não há conhecimento de língua que seja uniformemente falada por pessoas de diferentes faixas etárias, pertencentes a diversas camadas culturais e sociais, em qualquer circunstância.

Com o surgimento da ciência lingüística, no século XX, a língua falada passou a ser considerada como o verdadeiro objeto de estudo científico, devido, principalmente, ao fato de ser nessa língua que ocorrem as mudanças e variações que, incessantemente, a transformam.

Discorrendo sobre as mudanças que marcam a Lingüística na segunda metade do Século XX, afirma Travaglia (2002, p.28):

A partir da década de 60 ganharam corpo diversas correntes de estudos da língua (Lingüística Textual, Análise do Discurso, Análise da Conversação, Semântica Argumentativa, Sociolingüística em diferentes correntes, Pragmática), que podem ser reunidas sob o título geral de lingüística da enunciação ou do discurso e que tratam não só do sistema formal, mas se dedicam a fazer também uma lingüística da fala que considera a variação lingüística, bem como a inserção e relação da língua com a situação de comunicação como um todo e com cada um dos seus componentes.



Observa-se, assim, que, nas últimas décadas, pesquisas têm sido realizadas, visando a descrever a modalidade da língua falada, sobretudo em empregos lingüísticos de usos freqüentes.

Dentre os elementos lingüísticos que não se submetem a uma sistematização extracontextual, por terem uma função discursiva, está a construção tópica, fenômeno fundamentalmente heterogêneo. O tópico é o elemento inicial da sentença, definido como a informação dada (está contida na informação pragmática do parceiro de interação), é parte de um enunciado identificado gramaticalmente ou por elementos contextuais, sobre o qual se faz uma declaração ou comentário, que é a informação nova, pois não está contida na informação pragmática do parceiro de interação.

Para Lambrecht (1994, p.20), “In order to determine whether an entity is a topic in a sentence or not it is often necessary to take into account the discourse context in which the sentence is embedded ”<sup>1</sup>.

Devido às várias acepções de tópico, faz-se necessária a distinção entre o tópico frásico ou sentencial e o discursivo. O tópico discursivo está relacionado ao sentido mais geral de assunto, ou seja, é o tópico do texto. O tópico da sentença ou tópico frásico está relacionado a seu sentido mais restrito, mais próximo da sentença, no limiar entre a sentença e o discurso, que a depender da sua relação com o sujeito pode ser não marcado e marcado.

---

<sup>1</sup> a fim de determinar se uma entidade é ou não tópico em um sentença é necessário levar em consideração o contexto discursivo no qual a sentença está encaixada.

Sobre o assunto declara Duarte (2003, p.471):

em línguas de proeminência de sujeito como o português, quando o mesmo constituinte acumula a relação gramatical de sujeito com o papel discursivo de tópico como acontece em (1), chama-se tópico não marcado; quando o tópico frásico não tem a relação gramatical de sujeito, como é o caso em (2), denomina-se tópico marcado.

(1) Os miúdos		telefonaram.
sujeito		predicado
tópico		comentário
(2) O Pedro	os miúdos	vieram com ele da escola.
tópico	sujeito	predicado
	comentário	

Esta pesquisa fundamenta-se em diferentes estudos que tratam do tópico marcado, tendo como suporte teórico-metodológico a Sociolingüística Variacionista e o Funcionalismo em consonância com a Pragmática. Na investigação são identificadas, caracterizadas e cotejadas as estruturas de tópicos marcados recorrentes em amostras da fala culta de Salvador, extraídas de dados do Projeto NURC/Salvador, nas décadas de 1970 e 1990. Analisam-se os contextos lingüísticos e extralingüísticos favorecedores ou inibidores dessas construções, procurando-se localizar, nas transcrições da fala, respostas às questões levantadas na presente pesquisa.

As hipóteses investigadas são traduzidas nas seguintes questões norteadoras:

- a) Quais os principais tipos e características de tópicos marcados encontrados na fala culta dos soteropolitanos nas décadas de 70 e 90?

- b) O emprego das construções tópicas é influenciado por grupo de fatores de natureza social e de natureza estrutural?
- c) A língua portuguesa pode ser enquadrada como língua com proeminência de sujeito e tópico?
- d) O tópico marcado é uma variável estável ou há indicação de mudança lingüística?

Em razão do rigor formal, as construções de tópico marcado são combatidas pela tradição gramatical e são tratadas como elementos estranhos à estrutura da língua, por não estarem em consonância com a estrutura SVO (sujeito, verbo e objeto), modelo canônico do Português, considerado o mais aceitável para assegurar uma comunicação efetiva. A constatação de ocorrência de construções tópicas, no seio de uma comunidade de fala constituída de informantes com escolaridade superior, poderá indicar que essas estruturas têm sido adotadas por falantes da norma culta, o que poderia ser uma razão para não considerá-las desvios da norma-padrão como afirma a Gramática Tradicional.

Sobre a recorrência do tópico na língua falada, Mollica (2003, p.13) afirma:

Construções sintáticas como [...] **“é o tipo de matéria que eu não gosto dela”, “a Lingüística, ela é muito difícil”**(grifo nosso) estão presentes no português de hoje, alternando com os equivalentes semânticos **“é o tipo de matéria que eu não gosto”, “a Lingüística é muito difícil”**(grifo nosso). Esses são alguns dos inúmeros exemplos, através dos quais é possível ilustrar a variabilidade de uma língua.

A presente dissertação organiza-se em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**, discorre-se sobre a Sociolingüística Variacionista e o Funcionalismo em consonância com a Pragmática, aportes teóricos dessa pesquisa. No segundo, **O FENÔMENO TÓPICO-**

**COMENTÁRIO**, faz-se uma abordagem sobre a ordem dos constituintes e o tópico, os conceitos, as diferentes tipologias e as características desse fenômeno, através do ponto de vista de vários lingüistas, destacando-se os trabalhos de Li e Thompson, Pontes, Decat, Duarte, Chafe, Vasco, Castilho, dentre outros. Enfoca-se também o tópico na tradição gramatical. No terceiro, **ASPECTOS METODOLÓGICOS**, caracterizaram-se os *corpora* estudados e explicitam-se os critérios utilizados na sua constituição, bem como os procedimentos empregados para a análise. No quarto, **ANÁLISE DOS RESULTADOS**, computa-se a freqüência das variáveis e, a partir desse resultado quantitativo, é feita a análise qualitativa, procurando-se depreender as propriedades sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas na escolha de cada variante.

Diante do paradoxo entre a realidade lingüística vigente, sobretudo na modalidade oral, e o tratamento dado pela gramática tradicional, combatendo certas estruturas em uso, dentre elas a relação tópico-comentário, constata-se a importância teórica e metodológica de estudos sobre as construções tópicas.

Por mais que os gramáticos aleguem que determinadas estruturas tópicas comprometem a comunicação, percebe-se que, no discurso, isso não acontece. Ao contrário, os falantes as utilizam de forma refletida, como elementos recorrentes para dar maior clareza e prosseguimento à conversação.

Segundo Bagno (1999, p.98), “o gramático tradicional encara a língua falada como um objeto descontextualizado, independente das pessoas que falam”.

Espera-se que esta pesquisa dê subsídios para a adoção de futuras práticas pedagógicas, calcadas em novos paradigmas lingüísticos, tendo em vista a linguagem em uso.

# 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 A INTERAÇÃO ENTRE O FUNCIONALISMO, A PRAGMÁTICA E A SOCIOLINGÜÍSTICA

Esta pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos e metodológicos do Funcionalismo, da Pragmática e da Sociolingüística, uma vez que os estudos demonstram que não existe uma só teoria, um só método que dê conta do universo da língua falada. O processo acumulativo da ciência não é linear, com uma teoria sucedendo a outra, ou começando onde a outra parou. As convergências e as possíveis divergências fazem parte da construção do conhecimento.

O quadro teórico permite a junção dessas teorias, pois acredita-se que elas não são excludentes, e sim, complementares. O Funcionalismo, que estuda a língua em uso no momento da interação verbal no contexto social, aproxima-se da Sociolingüística.

Segundo Neves (2001, p.16),

a gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões lingüísticas na interação verbal, o que pressupõe uma certa pragmatização do componente sintático- semântico do modelo lingüístico. Essa visão é a que se encontra desde o começo do século, na Escola lingüística de Praga, que, para Dirven e Fried (1987, p.X) foi sociolingüística *avant la lettre*.

Na teoria funcionalista, não existe, como na sociolingüística, uma teoria da mudança, embora entre os princípios essenciais da gramaticalização, propostos por Hopper (1991, p.22), o da camada (*layering*) trate da variação: "Within a broad

functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with.”<sup>2</sup>

Como se pode observar, o citado princípio reflete a utilização de uma nova forma para desempenhar mais de uma função. A interação de formas novas e velhas é de interesse também da Sociolingüística.

Essa idéia é corroborada por Cunha et al. (2003,p.29):“Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua ao longo do tempo é que dão forma ao sistema”.

No enfoque funcionalista, a Pragmática é o componente mais abrangente, dentro do qual se devem estudar a semântica e a sintaxe, de acordo com o princípio de que toda explicação deve ser procurada na relação entre linguagem e uso no contexto sócio - interacional.

A investigação da sintaxe nos termos da Pragmática é comum a todas as abordagens funcionalistas atuais. Dessa forma, não há lugar para uma sintaxe autônoma, pois o fenômeno lingüístico é explicado através das relações contraídas pelo falante, pelo ouvinte e a suposta informação pragmática de ambos.

A Pragmática, por focalizar a apropriação e a adaptação da língua à sua ambiência, constitui uma perspectiva funcional de qualquer aspecto lingüístico, por isso deve ser preocupação do fonologista, do sintaticista, do neurolingüista e do sociolingüista. (NEVES, 2001).

Nas três últimas décadas, os estudos têm demonstrado que os aspectos funcional e social da linguagem se interpenetram, dada a relação intrínseca entre os

---

<sup>2</sup> Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. À medida que isso acontece, as velhas camadas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer, coexistindo e interagindo com as camadas mais novas”.

níveis de estrutura da língua. Portanto, é mister não desvinculá-los da sua função comunicativa.

Sabe-se que o estudo da dependência do contexto para a interpretação semântica do enunciado constitui a área de interesse da Pragmática. Em vista disso, pode-se inferir que a Sociolingüística, por tratar igualmente da problemática do contexto, não deve ser desligada dessa teoria.

Assim, é possível deduzir que o Funcionalismo, a Pragmática e a Sociolingüística tratam de fenômenos variáveis da linguagem que se alteram em contextos situacionais, interacionais e discursivos. Portanto, as três teorias não se excluem.

Dada a relevância e a importante contribuição de diferentes diretrizes de análise, para o estudo de um fenômeno controverso na literatura lingüística e na tradição gramatical, a exemplo das construções tópicas, acredita-se que essa articulação fornecerá mais subsídios para enriquecer a compreensão do fenômeno em tela.

## 1.2 A TEORIA FUNCIONALISTA

Não há uma definição única de Funcionalismo, uma vez que o termo funcional tem sido relacionado a diferentes escolas e tendências, o que torna impossível a existência de uma teoria monolítica que seja compartilhada por todos os que se identificam com essa corrente. Diversos modelos se sucedem, centrados nas estruturas, em princípios gerais, no conhecimento lingüístico do falante e no uso. As referidas escolas explicitam seus princípios e oferecem suas análises, segundo tais princípios.

No entanto, qualquer abordagem funcionalista tem como base comum de interesse a análise lingüística, levando-se em conta a interação verbal e a importância de se privilegiar a Pragmática. Devido aos seus vários modelos, os estudos funcionalistas referem-se aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram. Assim, há o funcionalismo de Nichols, Halliday, Dik, Chafe, Martinet, Givón, dentre outros.

Segundo Kato (1998), há dois tipos de Funcionalismo: um mais abstrato, o europeu, que se aproxima da língua I (internalizada), e tenta descrever a competência sintática do falante; e um mais concreto, o americano, que estuda a língua E (externa) e a descreve em uso.

Basicamente, o conceito e as concepções de Funcionalismo estão filiados aos princípios norteadores da Escola Lingüística de Praga (ELP), formada por um grupo de estudiosos que começaram a atuar em 1926, presididos por Mathesius, para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralingüística.

Nessa perspectiva, as frases são consideradas unidades comunicativas que transmitem informações, ao tempo em que estabelecem ligação com a situação de fala, dando especial importância aos contextos verbal e não-verbal.

Os principais pontos de contato entre a concepção da ELP e a visão funcionalista da linguagem, consoante Neves (2001, p.16), são:

- rejeição da distinção entre competência e atuação;
- admissão de estratos;
- compreensão de que os itens que se estruturam nos enunciados são multifuncionais;
- tentativa de construir a teoria no interior do próprio sistema.



A partir de 1947 é que as idéias funcionalistas são consolidadas por Martinet, tendo se desenvolvido, posteriormente, em vários Funcionalismos não só no Ocidente como no Oriente, os quais tomaram vida própria e independência. O Funcionalismo, como corrente lingüística, surgiu, em 1970, nos Estados Unidos.

Ao lado da noção essencial de que a linguagem é um instrumento de comunicação, encontra-se nessa teoria um tratamento *funcional* da própria organização interna da linguagem.

Um aspecto que tem influenciado as análises funcionalistas é a questão do estatuto informacional dos constituintes da oração, ou seja, a informação nova e velha, as quais retomam os conceitos de tema e rema da ELP.

Segundo Koch (1997, p.57), “a questão da articulação tema/rema foi desenvolvida pelos lingüistas da Escola Lingüística de Praga preocupados com a organização e hierarquização das unidades semânticas de acordo com seu valor comunicativo”.

Do ponto de vista funcional, tal hierarquia se concretiza através de blocos comunicativos, que têm sido denominados tema (tópico, dado) e rema (foco, comentário, novo), concepções que variam segundo duas perspectivas:

- a perspectiva oracional, que considera tema aquilo que se fala, e rema o cerne da contribuição, aquilo que se diz sobre o tema, não havendo coincidência necessária entre tema e dado, rema e novo;
- a perspectiva contextual, que vê no tema a informação contextual, deduzível, e no rema, a informação nova, desconhecida, não deduzível.

A essa última interessa a estrutura informacional do texto, particularmente, os meios lingüísticos para a caracterização sintática da perspectiva funcional da sentença. A referida análise reparte a frase em um elemento comunicativamente

estático e de baixa informatividade, facilmente recuperado, o tema, e um elemento comunicativamente dinâmico e de maior informatividade, o rema.

De acordo com Halliday (1985), a oração como mensagem é composta de tema, o ponto de partida da mensagem, e rema, a mensagem propriamente dita. O tema é geralmente a peça deduzível ou velha da informação, enquanto o rema é, em geral, a parte nova, a parte impossibilitada de ser recuperada pelo falante, seja no texto ou no contexto situacional.

Chafe (1976) define a informação dada como a que já é conhecida do ouvinte no momento da informação verbal, e nova, como aquela de que o ouvinte toma consciência no momento em que é proferida. Ele considera que o fluxo de informação determina a ordenação linear dos sintagmas nominais na frase, cuja seqüência é apropriada para o falante obter a atenção do ouvinte, mas o fluxo de atenção pode ser controlado de acordo com a alteração da ordem.

Segundo Dik (1989), as expressões lingüísticas devem ser pensadas como meios empregados pelos falantes para evocar no ouvinte a interpretação que deseja. Elas normalmente contêm alguma informação velha, dada, ou seja, já é do conhecimento do parceiro e, alguma informação nova, a que não está contida na informação pragmática do parceiro de interação.

Menéndez (1993, p.48) aborda as noções de tema e rema dentro do ponto de vista textual. Para ele, “El tema oracional se relaciona con el grado de conocimiento mayor que hablante y oyente comparten y a partir del que la informacion puede avanzar”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O tema oracional se relaciona com o grau de conhecimento maior que o falante e o ouvinte compartilham e a partir do que a informação pode avançar.

Nesse âmbito de abordagem, qualquer informação velha tem de ser incorporada a um contexto, a saber, de um conhecimento partilhado, para que sejam agregadas novas informações. O rema oracional tem um grau de dependência textual e contextual menor que o tema, já que a informação nova não é conhecida. O sujeito e predicado que são noções estruturalistas, ocasionalmente, podem coincidir com o tema e o rema.

As noções oracionais de tema e de rema são o passo necessário para se poder chegar às noções textuais de tópico, o tema textual, e comentário, o rema textual. O tópico (o tema textual) é a informação velha que inicia o processo comunicativo; o comentário (rema textual) representa a informação nova na posição final do processo comunicativo.

No modelo funcionalista da linguagem, a função das formas lingüísticas desempenha um papel predominante. Os funcionalistas definem a sentença como uma unidade sintática e o texto como uma unidade operacional. Assim, a função textual diz respeito à organização interna da frase vinculada ao seu significado como mensagem, em relação ao seu contexto.

O requisito básico do paradigma funcional é que as expressões lingüísticas devem ser descritas e explicadas em termos de um quadro geral fornecido pelo sistema pragmático de interação verbal. O citado paradigma analisa os elementos lingüísticos como resultado das relações comunicativas e não, fora do contexto.

O que caracteriza esse novo paradigma é a linguagem em uso, para o propósito de interação entre os seres humanos e não, a linguagem em si mesma e por ela mesma com elementos dissociados do contexto. Em suma: o ponto comum a todos os conceitos funcionalistas é que o uso das expressões lingüísticas é determinado pelas condições reais de produção, o que se verifica no apego social,

especialmente por regras pragmáticas, baseadas na capacidade social do usuário da língua natural. Outra característica do modelo funcionalista reside na recusa em reconhecer fronteiras teóricas ou metodológicas entre a sintaxe, por um lado, e a organização semântica, por outro. Cabe aqui lembrar que o tópico, na tradição gramatical, é considerado desvio da norma padrão, porque não está no domínio das regras gramaticais prescritas pela gramática normativa.

O tópico, por ter função discursiva, não pode ser analisado fora do contexto, mas pode ser analisado como resultado das relações comunicativas, isto é, segundo o paradigma funcional.

Através das construções tópicas, pode-se perceber a dinamicidade da língua, bem como a interação entre os falantes. Assim, no paradigma funcional, as CTs não são tratadas como elementos dissociados do discurso.

### **1.2.1 Outros aspectos relevantes na teoria funcional**

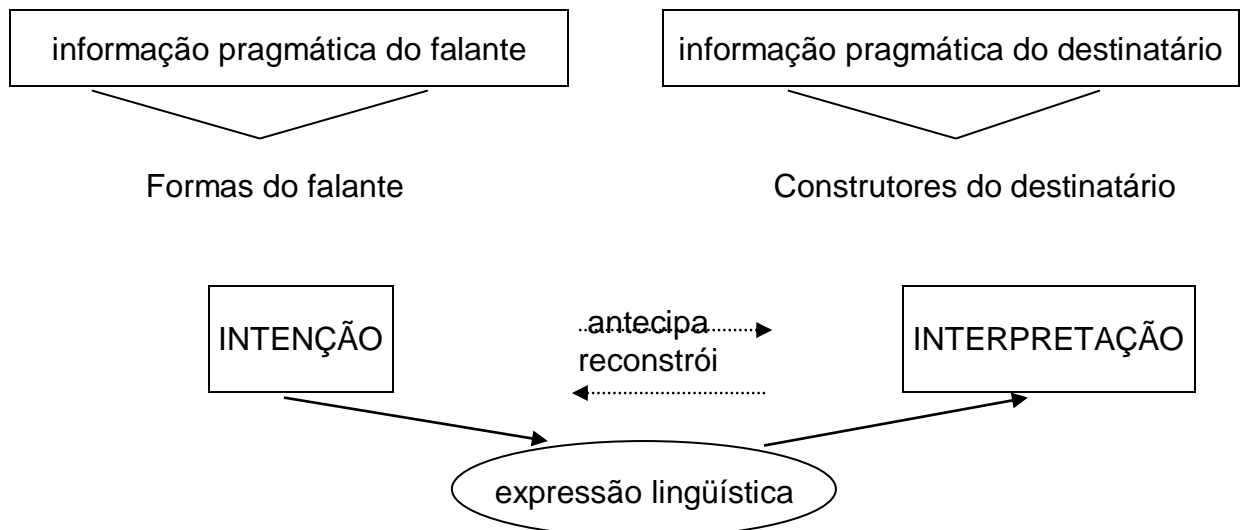
Insta ressaltar que, dentre os elementos relevantes da teoria funcional, ainda se encontram o modelo de processamento verbal, elaborado por Dik (1989), e o conceito de gramática funcional. A importância de se refletir sobre esses aspectos está ligada ao fato de que o uso de CTs ocorre no momento da interação verbal. Assim, compreender-se-á melhor a inserção dessas estruturas lingüísticas no modelo proposto.

A Gramática Funcional é uma gramática do uso que tem a interação verbal como objeto. Ela também possibilita a interpretação das estruturas tópicas, uma vez que revela as propriedades das expressões lingüísticas, verificando como se processa a comunicação nas línguas.

No Funcionalismo, a descrição completa da estrutura da sentença requer a inclusão de referência ao falante, ao ouvinte, aos seus papéis e ao seu estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente, visto ser a comunicação a primeira função da língua.

#### 1.2.1.1 O modelo de interação verbal de Dik

Simon Dik (1989 apud NEVES, 2001, p.19) apresenta um modelo de como se processaria a interação verbal:



No modelo apresentado, a expressão lingüística é função da intenção do falante, da sua informação pragmática e da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário.

A interpretação do destinatário é função da expressão lingüística, da informação pragmática do destinatário e da sua pressuposição em relação à intenção comunicativa atribuída ao falante.

De acordo também com esse modelo, a interação verbal constitui uma das formas de atividade cooperativa estruturada. É estruturada, porque é governada por

regras, normas e convenções; é cooperativa porque necessita de, pelo menos, dois participantes para atingir seu objetivo. Portanto, além das regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas que governam a constituição das expressões lingüísticas, existem as regras pragmáticas que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões lingüísticas são utilizadas.

Cabe lembrar que o fenômeno sintático é compreendido no momento da interação discursiva, logo, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação, em decorrência das estratégias de organização das informações dos falantes. Todas essas concepções se aplicam à estrutura tópico-comentário.

No campo da sintaxe, os funcionalistas consideram mais aceita a idéia da não-arbitrariedade. Segundo Givón (1990), a sintaxe icônica é motivada, pois revela um grau de não-arbitrariedade das estruturas em relação ao que elas significam. Assim, uma sentença é iniciada com uma construção de **tópico** (grifo nosso) porque o referente sobre o que se declara algo deve preceder a declaração propriamente dita, isto é, o **comentário** (grifo nosso).

#### 1.2.1.2 A gramática funcional

O termo Gramática Funcional implica uma fundamentação em significados e uma interpretação de formas lingüísticas. Essa gramática explica os enunciados da língua em relação às predicções, que são as designações lingüísticas e cognitivas dos estados das coisas.

Para Neves (2001, p.2), “a concepção que está na base das reflexões da Gramática Funcional é a de que, nessa gramática, tudo se explica em referência a como a língua é usada, isto é, como se obtém a comunicação com essa língua”.

O que se entende, a partir daí, é que os componentes fundamentais do significado na linguagem são os componentes funcionais. As regras de uma Gramática Funcional são formuladas em termos de propriedades funcionais e categoriais dos constituintes da sentença. As propriedades categoriais são características intrínsecas, ao passo que as funcionais implicam, necessariamente, uma relação de um dado constituinte com outros na construção em que ele ocorre.

As relações funcionais distribuem-se em três diferentes níveis que representam, respectivamente, as funções semânticas, sintáticas e pragmáticas. O primeiro nível especifica os papéis que exercem os referentes dentro do estado de coisas designado pela predicação em que ocorrem; o segundo especifica a perspectiva da qual é apresentado o estado de coisas na expressão lingüística, como sujeito e predicado; o terceiro especifica o estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicacional mais abrangente em que eles ocorrem.

Segundo Givón (1971 apud CASTILHO, 1997, p. 30), nos quadros da Gramática Funcional, “A sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”. Nesse mesmo texto, Givón sustenta que, no processo de gramaticalização, o modo pragmático da comunicação dá lugar ao modo sintático; com isso, expressões lingüísticas com vinculação sintática fraca se transformam em expressões fortemente ligadas.

Pesquisas sobre a gramaticalização juntamente com a discursivização e a semanticização permitem considerar mais adequadamente as línguas naturais em seu dinamismo. A gramaticalização esclarece o aparecimento de construções tópicas, sobretudo na língua oral do falante, no dinamismo da sintaxe da língua falada.

Castilho (1997, p.31) comprovou a dimensão sincrônica da gramaticalização ao examinar casos de repetição na língua falada, em que uma construção de tópico se sintaticiza como argumento interno de um nome ou de um verbo, passando em seguida a adjunto, migrando para a direita da sentença, como sujeito, sobrevivendo sua elipse como estágio final do processo.

Os estudos de elementos lingüísticos que escapam às tentativas de sistematização que excluem o contexto, seja ele físico-situacional ou discursivo, vêm reforçar as teorias que entendem a importância da Pragmática, do Funcionalismo e da Sociolingüística para se compreender a língua. Como exemplo desses elementos lingüísticos, estão as construções tópicas.

### 1.3 A PRAGMÁTICA

Consoante Pinto (2001), o filósofo americano Charles S. Peirce foi o primeiro autor a utilizar a palavra *pragmatics*<sup>4</sup> no seu artigo intitulado: *How to make our ideas clear?*<sup>5</sup>, no qual trata da tríade pragmática, ou seja, da relação entre símbolo, objeto e interpretante. Seus dois principais seguidores foram William James e Charles Morris que passaram adiante as interpretações de sua obra. Mais tarde, somaram-se a eles, com destaque, Willard V. Quine, Donald Davidson e Richard Rorty.

Nesse mesmo texto, Pinto (2001) afirma que, só no final da década de 70 e início de 80, os estudos da Pragmática mereceram atenção e, assim, publicaram-se periódicos e livros inteiros sobre o tema. No Brasil, Marcelo Dascal, em 1982, edita uma coletânea de textos filosóficos para a consolidação da Pragmática. Em 1987,

---

<sup>4</sup> pragmática

<sup>5</sup> Como elaborar idéias claras?



Jacob L. Mey e Schlieben-Lange debatem em torno da questão relacionada ao objeto da Pragmática.

A Pragmática é uma área heterogênea que possui diferentes perspectivas. Como no Funcionalismo, os estudiosos desse domínio possuem alguns pressupostos em comum.

O primeiro ponto acordado entre eles é que a Pragmática é a ciência do uso lingüístico, através da qual se procura explicar antes a linguagem do que a língua, ou seja, ela estuda a linguagem, levando-se em conta a fala, e nunca a língua isolada de sua produção social.

Segundo Pinto (2001), a única forma de se pensar os fenômenos lingüísticos é através do seu uso. A prática social que chamamos linguagem é, para a Pragmática atual, indissociável de suas conseqüências éticas, sociais, econômicas e culturais. Pela óptica da Pragmática, o falante é tanto ator ou atriz da relação de intercompreensão, quanto participante e reprodutor/a das instabilidades de processo de vida social que coordena essa ação.

A realidade social é, nessa área, um conceito concreto, ou seja, um conjunto de atos repetidos, dentro de um sistema regulador, sendo a linguagem a sua parte presente e legitimadora. Dessa forma, a pesquisa pragmática considera inócua e ineficiente qualquer descrição da comunicação que exclua os aspectos sociais.

Os estudos pragmáticos pretendem definir o que é a linguagem e analisá-la, trazendo para a definição os conceitos de sociedade e de comunicação descartados pela Lingüística saussuriana na subtração da fala, ou seja, na subtração das pessoas que falam.

Outro ponto em comum entre os estudiosos dessa teoria é que os fenômenos da língua não são puramente convencionais, mas constituídos de elementos

criativos, inovadores que se alternam e interagem durante o processo de uso da linguagem.

Os pragmatistas que se dedicam a levantar problemas teóricos sobre a linguagem, defendem a imprevisibilidade e a criatividade como propriedades lingüísticas, sendo que a própria condição do fazer teórico lingüístico não pode mais ficar relegada ao plano das especulações.

Os temas escolhidos para estudo na perspectiva da Pragmática, a exemplo do fenômeno tópico-comentário, são amplos e variados, uma vez que a Pragmática é uma área genericamente definida por pesquisar sobre o uso lingüístico. Nessa perspectiva, os aspectos lingüísticos são sistematicamente submetidos a análises em contextos extra-oracionais.

Pezzati (2004, p.174) confirma essa perspectiva ao afirmar:

As funções pragmáticas especificam o estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicacional mais abrangente em que eles ocorrem, como **Tópico** e Foco (grifo nosso). Observa-se, assim, que o estudo da dependência do contexto para a interpretação dos enunciados é de interesse da pragmática, principalmente no que tange ao fenômeno tópico-comentário.

Dentro da dimensão pragmática, as construções tópicas ocorrem em uma situação comunicativa na qual falante e ouvinte, de forma interativa, asseguram uma comunicação plena, efetiva, sem prejudicar a clareza da sentença.

Através de tal constatação, pode-se inferir que uma das características das CTs é funcionar como elementos coesivos; é a chamada coesão seqüencial que diz respeito aos procedimentos lingüísticos, por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes do enunciado, parágrafos e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas à

medida que faz o texto progredir. É importante ressaltar que a progressão pode fazer-se com elementos recorrentes ou não.

#### 1.4 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolingüística Variacionista é uma das áreas da Lingüística que estuda a língua em funcionamento e suas variações em uma comunidade de fala, focalizando, principalmente, os empregos lingüísticos, em especial, os de caráter heterogêneo.

Ao definir a Sociolingüística, Silva-Corvalán (1989) destaca dois objetos de estudo: um no sentido lato, que aborda a relação dos fenômenos lingüísticos com fatores sociais, tais como a organização sócio-política e econômica de uma comunidade de fala, fatores individuais como idade, gênero, etnia e nível de escolaridade e com fatores externos como os aspectos históricos e a situação de interação; o outro, no sentido restrito, que estuda o fenômeno da variação interrelacionada a fatores sociais, os quais são pré-requisitos básicos no processo de mudança lingüística.

Na perspectiva sociolingüística, a língua falada é o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social do tipo comunicação face a face, sendo o vernáculo um sistema de regras categóricas e variáveis. Estas são levantadas, a partir dos dados, e a escolha de uma ou outra forma decorre de circunstâncias lingüísticas ou extralingüísticas, aquelas são obrigatórias, não há exceção, pois já acontecem sistematicamente.

A abordagem da Teoria da Variação instrumentaliza a análise sociolingüística. Essa teoria assume a heterogeneidade sincrônica das línguas como sistemática,

defendendo a necessidade de se correlacionar língua e contexto social. Além disso, busca sustentar suas hipóteses em amplos levantamentos de dados empíricos da comunidade de fala. O iniciador desse modelo teórico-metodológico é o americano William Labov que, juntamente com Weinreich e Herzog (1994), formulou dois princípios gerais, para a pesquisa sociolingüística, ambos apoiados pela referência a um corpo considerável de evidências, que são: o princípio da normal heterogeneidade e o princípio da gramática da comunidade discursiva. Este toma como objeto de descrição lingüística o uso que se constrói na comunidade de fala, aquele considera que a língua em uso não é objeto fixo, mas variado. Assim, a Sociolingüística rejeita a variação livre. O tópico não é uma variação livre, na medida em que a ocorrência de variantes pode ser correlacionada com fatores internos e externos à estrutura lingüística.

#### **1.4.1 Variação e mudança**

Para a Sociolingüística, variação e mudança não são vistas separadamente, nem externas ao sistema, mas como parte integrante do seu caráter heterogêneo, em que o aparente caos resultante da variação é altamente sistematizável. A variação é a existência de formas que competem para dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. As duas formas existem na mesma sincronia, até uma delas ocupar todos os espaços. Assim, a relação entre elas é muito próxima, pois toda mudança implica uma variação, mas nem toda variação determina uma mudança. Esta não ocorre de forma abrupta, por isso não há interferência na comunicação entre os membros da comunidade de fala.

No estudo da variação, parte-se do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais, no sentido de que os usos de estruturas lingüísticas são motivados e as alternâncias configuram-se sistemática e estatisticamente previsíveis, por isso passíveis de serem analisadas e descritas cientificamente. Assim, não há probabilidade de relacionar a aleatoriedade aos usos de formas lingüísticas.

No referido estudo, as formas lingüísticas que competem são chamadas de variantes, as quais, em conjunto, configuram a variável. As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando), durante um período curto ou até por séculos, ou podem sofrer mudanças quando uma das formas desaparece. As variáveis podem ser independentes e dependentes.

As variáveis independentes constituem grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que não agem isoladamente, mas operam em um conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

As variáveis dependentes correspondem ao fenômeno lingüístico em estudo.

As mudanças representam no campo da Sociolingüística a correspondência análoga das mudanças históricas em geral, que são próprias da humanidade, imersas no decurso temporal, conforme Lausberg (1963).

Na Sociolingüística variacionista, destacam-se cinco problemas para resolver a questão crucial da mudança lingüística. Esses cinco pontos de reflexão foram reunidos em sua totalidade e sistematizados pela primeira vez por Weinreich, Labov e Herzog (1968) com as seguintes denominações:

- 1 O problema das restrições remete à questão de definir quais as condições que favorecem ou restringem as mudanças, e, por conseguinte, qual o conjunto das mudanças possíveis.
- 2 O problema da transição coloca para a teoria da mudança a necessidade de definir e analisar o percurso através do qual cada mudança se realiza.
- 3 O problema do encaixamento apóia-se em grande parte na máxima do estruturalismo diacrônico de que uma mudança lingüística só poderá ser compreendida, considerando-se a sua inserção no sistema lingüístico que ela afeta.
- 4 O problema da avaliação levanta uma importante discussão acerca do papel do indivíduo frente à mudança e frente à própria língua.
- 5 O problema da implementação coloca a necessidade de se definir o que significa explicar alguma coisa em Lingüística.

Segundo Labov (1994, p.69), para a obtenção da mudança em curso, deve-se separar a variação decorrente de fatores sociais da variação resultante de fatores internos. Ele conseguiu provar que a mudança é observável na sincronia pela avaliação da heterogeneidade lingüística dos grupos sociais, embora os fatores sociais não causem propriamente a mudança lingüística, eles determinam a sua expansão.

O citado autor propõe também a utilização de princípios sincrônicos para estudos diacrônicos, ou seja, o estudo do presente para explicar o passado, pois o exame minucioso mostra que boa parte do passado ainda está entre nós. Ele assume que, em termos gerais, as forças condicionantes da variação que operam hoje não diferem substancialmente daquelas que operaram no passado. Enfim, o

estudo da história se beneficia da continuidade do passado e das analogias com o presente.

Assim, pode-se observar que os fenômenos variáveis podem se manter estáveis ao longo de toda a sobrevivência de uma língua ou podem operar-se como mudança. Modificações em um sistema podem ser de curto, médio, longo e longuíssimos prazos.

A Sociolinguística, através da sua objetividade, do seu arcabouço teórico e metodologia matematicamente quantificada permite, ao estudar a fala de gerações distintas, mas coexistentes, apreender um fenômeno lingüístico em variação, um fato em processo de mudança ou como variável estável na comunidade. Essa última é uma das hipóteses em relação às construções tópicas.

É importante ressaltar que, quando se trata de mudança em direção à norma padrão ou em oposição à norma padrão, a influência do gênero exerce grande influência, segundo a literatura que aborda tal aspecto. Assim, quando as mudanças consistem na implementação de uma forma lingüística não-padrão, as mulheres mostram-se mais conservadoras. Quando as variantes não são de prestígio e são estigmatizadas, o sexo masculino as utiliza mais, visto que os homens são mais inovadores.

Em se tratando de variação estável e de mudança em curso, a variável idade dos falantes é crucial para maior clareza nas análises. Em função da variável idade dos falantes, Lobo (1996, p.221-222) considera que três padrões clássicos podem emergir, a partir da forma como se comportam as variantes padrão e não-padrão:

- primeiro, ou padrão curvilinear, se caracterizaria por apresentar a maior incidência da variante padrão nas faixas etárias intermediárias e estaria relacionado a fenômenos de variação estável;

- segundo, ou padrão plano, também estaria relacionado a fenômenos de variação e não apresentaria qualquer gradação em função das faixas etárias;
- terceiro, ou padrão inclinado, apresentaria a maior incidência da variante padrão entre os falantes mais velhos, e a maior incidência da variante não-padrão entre os falantes mais novos. Estaria relacionado a fenômenos de mudança em curso.

Após essas abordagens, pode-se inferir que, através da Sociolingüística, diagnosticam-se as variantes que contextualizam uma variável, descreve-se seu comportamento preditivo e investiga-se o grau de mutabilidade ou de estabilidade de uma variação.



## 2 O FENÔMENO TÓPICO-COMENTÁRIO

### 2.1 A ORDEM DOS CONSTITUINTES E O TÓPICO

#### 2.1.1 Uma incursão histórica

Segundo uma antiga e respeitável tradição filosófico-gramatical, certos tipos de sentença são mais lógicos e mais adequados como modelo de análise gramatical que outros. O modelo de sentença predileto de análise gramatical remonta ao grego, ao latim, e às teorias gramaticais medievais, sendo denominado pelos gramáticos latinos de *Oratio perfecta*<sup>6</sup> a sentença que expressa um pensamento completo. A razão dessa escolha deve-se ao fato de que o estudo da gramática era mais voltado ao estudo das leis do pensamento do que às propriedades formais das sentenças. Assim, observa-se que o modelo canônico é estabelecido, levando-se em conta mais a lógica do que o critério sintático.

Lambrecht (1994, p.190) faz uma incursão histórica do Século XVI até o Século XX, abordando o fenômeno da ordem das palavras em diferentes séculos.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, a colocação dos termos era gramaticalmente livre, uma vez que as funções sintáticas eram indicadas através das desinências de caso. No século XVIII, a ordem SVO do francês era considerada a ordem ideal de palavras por ser a expressão direta do pensamento lógico. No século XIX, discutia-se a posição do sujeito psicológico em oposição ao sujeito gramatical da sentença. No século XX, a importância da posição inicial dos tópicos foi enfatizada,

---

<sup>6</sup> Discurso perfeito.

veementemente, pelos estudiosos da Escola Lingüística de Praga e por outros, influenciados por esses lingüistas.

A forte tendência a se considerarem as expressões tópicas como os primeiros constituintes da sentença revela-se um princípio universal muito debatido entre as diferentes teorias lingüísticas.

A reputada universalidade do princípio do tópico - primeiro tem sido questionada por vários estudiosos. Lambrecht (1994, p.200) expõe três argumentos contrários a essa questão. O primeiro argumento é a existência de línguas cuja ordem é VOS ou VSO, nas quais o verbo ocupa a primeira posição, o que parece estar numa sentença básica não marcada. O segundo argumento é baseado em línguas como o inglês e o alemão, nas quais o foco pode ocorrer livremente como sujeito da sentença inicial, e o constituinte sujeito não-tópico pode aparecer na posição de argumento canônico depois do verbo. A estrutura informacional de tais sentenças é marcada apenas prosodicamente. O terceiro argumento é que, em certas línguas, a noção de ordem básica das palavras não é aplicada; logo, o princípio do tópico primeiro não se aplica a tais línguas.

Para Lambrecht (1994, p.201), algumas diferenças aparentes entre línguas com relação a esse princípio desaparecem, se for feita uma distinção categórica entre as expressões léxicas e pronominais. Uma vez que a função da expressão tópica não é mais anunciar o referente tópico, mas marcar o seu papel como um argumento na proposição, não há mais qualquer razão funcional para o tópico aparecer no início da sentença. É mais importante estar em estreita associação com o predicado, visto que é o predicado que governa a relação semântica e sintática na oração.

A situação, entretanto, é bem diferente com as expressões tópicas marcadas, sejam lexicais ou pronominais. Somente com essas expressões pode e deve ser feita a posição inicial do tópico, em decorrência de que elas possuem a função primária de anunciar um novo tópico ou marcar o deslocamento de um tópico a outro. É cognitivamente importante que tais expressões ocorram no início ou, preferencialmente, antes da sentença que expressa a informação sobre seus referentes.

Para o autor, o princípio do tópico primeiro pode ser mantido como uma tendência de ordem universal, somente quando ele é aplicado em expressões lexicais e pronominais tópicas, cuja função é anunciar. Observem-se os exemplos a seguir, citados por Lambrecht (1994 p.193):

- 1) The African elephant, it's so hot there, so he can fan himself.<sup>7</sup>
- 2) The typical family today, the husband and the wife both work.<sup>8</sup>
- 3) Tulipes, you have to plant new bulbs every year?<sup>9</sup>

Em todos os três exemplos apresentados, o referente do SN deslocado na sentença é interpretado como um tópico desde que uma ou várias das proposições seguintes possam ser construídas de acordo com a informação. Além disso, em todos os casos o referente do tópico SN tem a exigida propriedade de aceitabilidade pragmática.

A motivação funcional das construções deslocadas é manter o constituinte tópico lexical fora da sentença, em que seus referentes desempenham a função semântica e sintática de argumentos.

---

<sup>7</sup> O elefante africano, é tão quente lá, de maneira que ele pode se divertir sozinho.

<sup>8</sup> A típica família de hoje, o marido e a esposa ambos trabalham.

<sup>9</sup> Tulipas, você tem de plantar novos bulbos todos os anos?

No Brasil, elaboraram-se trabalhos sobre o tópico e a ordem das palavras em estudos diacrônicos, merecendo destaque os de Pontes (1987), Castilho (1997), Decat (1989) e Vasco (1999), os quais serão abordados a seguir.

Pontes (1987, p.156), ao estudar as CTs numa perspectiva histórica, também investiga a ordem dos constituintes, tomando como ponto de partida a hipótese de Givón que considera a ordem VS a mais antiga nas línguas românicas. De acordo com esse lingüista, o sujeito se originou do tópico, sendo que a maior topicalidade do sujeito desencadeou a passagem de VS para SV.

Ao examinar um dos documentos mais antigos da língua portuguesa, o testamento de D. Afonso II, do século XIII transcrito por Leite de Vasconcelos, Pontes só encontrou uma ocorrência de VS, deduzindo que a ordem SV estava bem estabelecida no português arcaico, logo, há probabilidade de que a ordem VS tenha sido sempre a marcada.

Consoante Silveira Bueno (1958 apud PONTES, 1987, p.160) as ordens SV e VS existiam na língua arcaica, mas as regras de posposição do sujeito tal como se encontram nas gramáticas só foram fixadas a partir dos clássicos.

Após o término da pesquisa histórica preliminar, Pontes (1987, p.162) confirmam a hipótese de Givón (1979 apud PONTES, 1987, p.24) de que a ordem VS nas línguas românicas parece mais antiga que a ordem SV e diz que a ordem SV é predominante na língua portuguesa, concluindo que a tendência para enquadrar as orações no padrão dominante SVO continua, pelo exemplo de reanálise encontrado na língua oral contemporânea em orações do tipo “O rádio estragou o ponteiro”.

Castilho (1997, p.42), no estudo diacrônico sobre os tópicos, discorda de Givón (1979) quando ele aborda que a linguagem humana teria evoluído do modo pragmático para o sintático. Assim, a sintaxe teria evoluído a partir do discurso, cuja trajetória seria: tópico>sujeito>tópico. Do discurso, passa pela sintaxe, pela morfologia, pela morfofonologia, até retornar ao discurso, o que acarreta o caráter cíclico dessa trajetória.

A hipótese da trajetória sujeito > tópico é embasada na visão de que a estrutura tópico-comentário seja resultante do enfraquecimento progressivo entre as relações sujeito e predicado, não só em termos morfossintáticos, como também semânticos, fazendo com que o sujeito deixe de ter uma função intra-oracional e se desloque para fora da sentença, passando a exercer a função de tópico.

Para Castilho (op. cit.), qualquer item lexical contextualizado nos usos da língua preserva, ao mesmo tempo, suas propriedades sintáticas, discursivas e semânticas, sem que precisemos estabelecer correlações de procedência genética entre eles. Logo, o referido lingüista não vê a menor utilidade em sustentar que uma categoria do discurso se transforma numa categoria sintática, como nas construções de tópico, em seu trâmite suposto para a categoria funcional de sujeito.

Também Decat (1989, p.129) faz um estudo diacrônico das CTs e constata muita ocorrência de SN posposto, levantando a hipótese de que a posição dos clíticos explica a ordenação geral dos constituintes, aventando a explicação de que as CTs provocaram uma inversão na ordem dos constituintes, decorrendo disso a necessidade da presença dos clíticos para tornar visíveis as funções sintáticas.

A lingüista chama a atenção para a substituição dos clíticos pelos pronomes retos no português atual, e conclui que o enquadramento na tipologia SVO resulta de uma mudança lingüística e diz que “da ordem SOV (característica do latim

clássico) o português chegou à ordem SVO (das línguas românicas) passando antes, pela fase TVO, com construções de tópico e enfraquecimento de clíticos”. O enquadramento na tipologia SVO é resultado de uma mudança lingüística.

Decat (1989, p.116) procura ainda determinar os fatores condicionadores e caracterizadores de CTs. Desse modo ela classifica as CTs em:

- 1) Casos clássicos – para as construções com o verbo **parecer** (grifo nosso) ou construções impessoais;
- 2) CTs com e sem correferente – a correferência é expressa através de um pronome pessoal-clítico ou não, ou de outras expressões anafóricas.

Consideram-se, nessa análise, dois conjuntos de CTs: as CTs de sujeito e as CTs de todos os outros tipos de constituinte, inclusive os pós-verbais, chamadas CTs - complemento.

A hipótese central levantada pela referida autora é a de que certas construções do Português atual constituem uma mudança sintática, o que torna necessário estabelecer que condições o sistema da língua proporcionou para essa mudança, tratando de determinar nos termos de Labov, Weinreich e Herzog (1968, p.101) “que outras mudanças estão associadas com as dadas mudanças [isto é, as que estão sendo detectadas] de modo que não pode ser atribuído ao acaso”.

Analisando a relação entre as mudanças recentes e já ocorridas, Decat (1989, p.120-121) propõe três hipóteses de mudança no PB:

A primeira hipótese é que a mudança foi provocada por uma mudança no sistema de clíticos (no Português atual, há maior ocorrência de não-clíticos);

A segunda hipótese está relacionada à ordem dos constituintes. Nos dados diacrônicos analisados, as construções de tópico provocaram inversão de ordem, originando inclusive a ordem OVS, não mais tolerada no Português atual;

A terceira hipótese, relacionada à estrutura do tipo: “*Minhas gavetas não cabe mais nada nelas*”, “*Essa casa bate bastante sol*”, é a da REANÁLISE das CTs como sujeitos, que objetiva manter o padrão SVO e pode ser consequência de outras mudanças processadas anteriormente no sistema, dentre elas, a do enfraquecimento da morfologia verbal.

Em relação às construções tópicas que são confundidas ou identificadas como sujeito, ou seja, as CTs de sujeito, como as ilustradas por Braga (1986): (26) “**o tio da minha esposa** ele jogava no Bangu” (grifo nosso) e (27) “porque **o cara quando ganha muito dinheiro**, ele fica meio bobo” (grifo nosso), com ocorrência bastante freqüente no português atual, cujos correferentes são pronomes pessoais, não foram encontrados nos dados diacrônicos analisados. Tal constatação pode caracterizar uma possível mudança sintática, uma vez que nenhuma mudança ocorre por acaso, mas pressionada ou provocada por outros fatores presentes no sistema.

Os citados tópicos refletem o enfraquecimento da morfologia verbal em relação aos traços de pessoa e, conseqüentemente, ou se insere o pronome lexical sujeito, para dar conta do traço de pessoa perdido pela flexão verbal e com ele faz-se a concordância (26) ou se interpreta o SN à esquerda do verbo como o sujeito da sentença, com o qual se dará a concordância verbal (27).

Exemplos semelhantes encontram-se nesta pesquisa, os quais são chamados de **tópico com retomada**.

(1) “**O Itaigara**, ele tem muitos morros assim sucessivos.” (NURC 90, inf: 184)

(2) “Então **o jovem rebelde**, ele se trajava daquela maneira.” (NURC 90, inf: 230)

Para Decat (1989), a reanálise das CTs como sujeito evidencia a significação diacrônica dessas estruturas, o que comprova ser o Português uma língua de tópico, como já sugeriram Orsini (2005) Vasco (1999), Castilho (1997) e outros.

Vasco (1999, p.37), considerando também a questão diacrônica, diz que os sujeitos seriam tópicos gramaticalizados no processo de se integrarem aos argumentos do verbo. Algumas propriedades do tópico estariam enfraquecidas, mas ainda haveria similaridades reconhecíveis (a definição usual para o sujeito é a mesma utilizada para o tópico). Por essas razões, em várias línguas, algumas propriedades dos tópicos são compartilhadas pelos sujeitos.

### **2.1.2 A ordem das palavras no português do Brasil**

Ao se estudar a ordem das palavras no PB, na perspectiva sincrônica, verifica-se que o português é uma língua com uma aparente bem estabelecida ordem SVO, mas possui uma forte tendência para violá-la, em condições pragmáticas específicas, mudando a ordem linear das sentenças por necessidade funcional.

É comum, entre os estudiosos, considerar que a ordem não marcada (SVO) atua fortemente em tensão com a ordem marcada (VSO). A maioria dos casos de VS se encontra com verbos intransitivos, mas é possível com transitivos, desde que a compreensão o permita.

Câmara (1976 apud PONTES, 1987, p.107) diz que a gramática restringe a inversão para a ordem VS aos verbos intransitivos, ou transitivos diretos desde que a concordância garanta a função sintática dos argumentos.



Pontes (1987) confirma a referida afirmação sobre o uso de transitivos nas construções VS, dizendo que a inversão nesse tipo de construção é possível graças ao uso da língua ser sempre inteligente e não-mecânico. Como exemplo dessa inserção, tem-se o exemplo dos sujeitos pospostos ao verbo que introduzem, em geral, informação nova ao discurso, atribuindo ao último termo do enunciado o máximo valor de informação.

Apesar de os estudos lingüísticos demonstrarem que a estrutura básica das sentenças do PB não se configura unicamente na estrutura dual sujeito e predicado, a GT ignora as estruturas tópicas porque não seguem a ordem canônica SVO. Assim a tensão SV e VS se mantém viva na língua.

## 2.2 O CONCEITO DE TÓPICO

A noção de tópico tem sido tratada por diferentes correntes lingüísticas, sem contudo haver uma definição única acerca de tal constituinte entre os estudiosos. A noção de tópico é considerada uma das mais controversas na literatura lingüística, embora quase toda abordagem imaginável para sua definição já tenha sido proposta realmente.

Segundo Renhart (apud Pontes, 1986, p.182),

Já foi citada a definição pela sintaxe, como sendo o sujeito (GUNDEL, 1974), pela ordem linear, como o primeiro elemento da S. (HALLIDAY, 1967), e pela entonação do elemento não acentuado (cf. CHOMSKY, 1971 e JACKENDOFF, 1972 que o ligam à noção de pressuposição) [...]. O tópico é definido por outros em termos psicológicos, como “a expressão que representa o centro, ou foco da atenção do falante” (SCHACHTER, 1977, e GARCIA, 1975) [...]. Mas eles não definem o que é tópico.

De acordo com Pontes (1986, p.177),

Uma das noções empregadas pelos lingüistas e que é mal definida ou absolutamente sem definição, é **tópico** (grifo nosso). Fala-se em geral que o sujeito é o tópico da S, mas sem definir o que isso significa. Historicamente, as definições de sujeito e tópicos se confundem. Tanto um quanto outro parecem corresponder “àquilo ou àquele de quem se declara alguma coisa”.

Pontes (1997) reconhece que não é possível fazer uma distinção rígida entre tópico do discurso e tópico da sentença, pois os dois conceitos se confundem, às vezes, sendo utilizados indistintamente por vários estudiosos. Por essa razão, vale-se de outra distinção: a de tópico não marcado e tópico marcado, este tem independência sintática com o sujeito, apesar de manter estreita relação pragmática com a sentença em que se insere.

Em relação ao **tópico com retomada**, na função de sujeito, essa distinção não se aplica, porque o tópico e o seu correferente têm a mesma função sintática, que é a de sujeito.

Observe o exemplo abaixo:

(3) “porque **o banco pra fora da cidade**, ele tem bancos melhores, poltronas geralmente reclináveis e não carregam passageiros em pé, que é muito desagradável.” (NURC 70, inf: 354)

Referindo-se ao tópico marcado, a referida autora ainda o caracteriza:

- pela posição na sentença “que é a primeira, a informação velha”. O comentário vem depois, é a informação nova;
- pela entonação, há uma quebra entonacional depois do tópico; a ocorrência de pronome anafórico correferente ao tópico. Ele é usado para dar clareza, ênfase ou outra razão;

- pelas suas próprias características, e pelo seu caráter discursivo.

### 2.3 TIPOLOGIA DE TÓPICO

A construção de tópico marcado é constituída de tópico, em posição inicial à esquerda, seguido de sentença - comentário, a qual, em geral, é elaborada com sujeito e predicado. O tópico marcado é distinto do sujeito.

Observem-se as construções de tópico marcado nos exemplos a seguir:

Tópico	Comentário
↓	↓

(4) “**Boate**, eu não vou aqui há anos.” (NURC 70, inf: 118)

(5) “**Matinê**, eu pensava que fosse sempre pela manhã.”(NURC 70, inf:167)

Nesta pesquisa, classificam - se os tópicos marcados em cinco tipos: **tópico com quebra de seqüência, tópico com retomada, topicalização, topicalização com supressão da preposição e tópico sujeito especial**, os quais serão exhaustivamente abordados em 3.1 e 4.2.

Chafe (1976, p.184) classifica os tópicos em três tipos: o do inglês, o do caddo<sup>10</sup> e o do chinês.

O tópico inglês é considerado um foco de contraste pressuposto, sendo o elemento inicial da sentença. O tópico do caddo é comparado a um sujeito prematuro, em construções denominadas de duplo sujeito. O falante seleciona primeiramente o sujeito e depois escolhe o esquema de caso, com uma pausa ou

---

<sup>10</sup> Língua indígena americana falada noOklahoma.

partícula de hesitação. Esse tópico não está, portanto, integrado homogeneamente à sentença - comentário. É exemplificado no enunciado a seguir: “**O Néelson**, *ele saiu dos transportes... há mais ou menos uns:: sete... ou oito anos*”.( D2-SP-360:837).

Nesta dissertação, esse tipo de tópico corresponde ao tópico com retomada com pronome lembrete na função de sujeito, a exemplo de:

(6) **As crianças**, *elas... elas tendem realmente, estão mais amadurecidas...* (NURC 90, inf: 009)

Em relação a esse tipo de tópico, Kato (1989, p.127), após ilustrá-lo com os exemplos: “*Pedro, ele vem hoje*” e “*O Pedro, nós vimos hoje*”, diz que, no japonês, o primeiro exemplo é impossível, só podendo haver dois SNs, quando não são correferentes, como no segundo exemplo, e cada um receber o caso **Wa**, independentemente em cada nível. E acrescenta: “O que se verifica então é que qualquer que seja a posição do chamado tópico, no português, ele não poderá receber caso independentemente do pronome correferente, lexical ou nulo em posição argumental”.

Para Kuroda (apud KATO 1989, p.127), a justificativa para a proliferação de construções com pronome correferente ao primeiro SN, na posição (SN, S), é decorrente da obrigatoriedade de preenchimento do sujeito nas línguas que possuem concordância.

O verdadeiro tópico, diz Chafe (op. cit.), é o do chinês, cuja função é estabelecer um esquema espacial, temporal ou individual, dentro do qual a predicação principal se mantém, de modo a limitar-lhe a aplicabilidade de certo domínio.

Pontes (1987) expressa ponto de vista semelhante ao de Chafe (1976) e diz também que o verdadeiro tópico está presente no chinês e se assemelha bastante

com o nosso português coloquial, principalmente, porque, nas sentenças topicalizadas, não é necessária a presença da preposição, o que não acontece no inglês. Como há ausência de preposição no tópico, a interpretação semântica da sentença dá-se no nível do discurso ou do contexto pragmático.

Nesta pesquisa, esse tópico é chamado **tópico com quebra de seqüência**, como o exemplo a seguir:

(7) **Os outros quartos:** bom, começar da sala de som, eu imagino que seja um lugar bem à vontade. (NURC 90, inf: 001)

Duarte (2003, p.492-592) propõe uma tipologia de tópicos marcados, definindo-os com se vê em seguida:

- 1) Tópico Pendente – não existe qualquer tipo de conectividade sintática entre o tópico e um constituinte interno ao comentário. A conectividade é só semântica.

Esse tópico assemelha-se ao tópico com quebra de seqüência desta pesquisa, ao anacoluto de Vasco (1999) e ao do chinês de Chafe (1976). Nesta investigação, opta-se pela terminologia de **tópico com quebra de seqüência**, numa tentativa de fugir da confusão de nomenclaturas e também por considerá-la, em alguns aspectos, mais coerente com as definições apresentadas, visto que não há elemento sintático que ligue o tópico ao comentário, por isso há a quebra de seqüência.

Alguns exemplos dos *corpora* ilustram este tipo de tópico, quando não há correferente entre o tópico e o comentário, conforme o exemplo a seguir:

(8) “**Com relação ao vestuário**, vocês imaginem que nós não podemos confiar o que a história muitas vezes nos passa.” (NURC 90, inf: 230)

- 2) A Deslocação à esquerda do Tópico Pendente – apresenta, apenas, conformidade de traços gramaticais de pessoa, gênero e número entre o tópico e um constituinte interno ao comentário.

Corresponde ao **tópico com retomada** da presente pesquisa, como ilustra o exemplo:

- (9) “ Mas, **a iluminação**... ela... vamos supor: um abajour, uma luz mais fraca, entendeu?” (NURC 90, inf: 001)

No exemplo (9) o **tópico com retomada** possui a mesma função sintática do correferente na sentença, ou seja, sujeito.

Vasco chama-o de deslocamento à esquerda de sujeito, sendo o nome referente à função sintática que ocupa no enunciado. Para ele pode ser: D.E. Suj., D.E. Ob. Dir., D.E.Obl. ou D.E. Anac.

- 3) A Deslocação à Esquerda Clítica – o tópico exhibe propriedades de conformidade referencial, categorial, casual e temática com um constituinte interno ao comentário, sendo a correferência realizada unicamente por um clítico. Nesta pesquisa só foi encontrado um exemplo de tópico com clítico, razão pela qual não se faz referência à deslocação à esquerda clítica.

- (10) “**As massas**, eu devo lhe dizer o seguinte: nós preferimos fazê-las em casa.” (NURC70, inf: 089)

- 4) Topicalização (inglesa): apresenta um elevado grau de sintactização, como ocorre em (11). O constituinte conectado com o tópico é uma categoria vazia. Nesta investigação, adota-se essa mesma terminologia.

- (11) “**pepino, alface**, como pouco.” (NURC 90, inf: 408)

- 5) Topicalização Selvagem é uma variante da topicalização típica do modo oral. É aceita pelos falantes da norma culta, no modo oral informal, desde que o

elemento suprimido, responsável pela ausência de conectividade categorial e casual seja uma preposição sem conteúdo semântico, com o mero papel de atribuidora de caso.

Na presente investigação, utiliza-se o termo **topicalização com supressão da preposição**.

(12) “**Figo**, eu gosto muito.” (NURC 90, inf: 408)

Na tipologia proposta por Vasco, a saber, Anac., D.E., Top. e Tsuj, a Top. é apresentada sem perda de preposição em construções oblíquas.

## 2.4 CARACTERÍSTICAS DO TÓPICO

Dos estudos lingüísticos sobre as construções tópicas, consideram-se também relevantes, para a presente investigação, aquelas apresentadas por Li e Thompson (1976).

Em virtude de os conceitos de tópico e sujeito serem teoricamente nucleares, Li e Thompson (1976) procuram distingui-los, estabelecendo sete propriedades que diferenciam o tópico do sujeito. São elas:

- a) Definição – Pela função discursiva que exerce, o tópico deve ser sempre definido (podendo ser apresentado por um nome próprio, comum e genérico), o sujeito não precisa sê-lo necessariamente;

(13) “**Você, a pós-graduação**, para quem é professor universitário, ela é mais facilitada.” (NURC 90, inf:027)

(14) “ **O navio que vai andar no mar**, ele deve ter um calado maior.” (NURC 90, inf: 001)

(15) “ **Um caso de dermatologia**, entra um clínico para discutir, entra um neurologista, entra... entendeu?” (NURC 70, inf: 164)

Como se pode observar, nos exemplos acima, extraídos dos *corpora*, encontram-se não somente tópicos definidos, a exemplo de (13) e (14), mas também indefinidos, a exemplo de (15). Estes, porém, apresentam baixa frequência.

b) Relações Selecionais em relação ao verbo – O tópico não precisa ser argumento do verbo, o sujeito sim;

O trabalho de Li e Thompson (1976) atém-se, exclusivamente, às construções de duplo sujeito<sup>11</sup>, não incluindo, entre as CTs, o **tópico com retomada**, a **topicalização** e o **tópico sujeito especial**, os quais são também objeto de estudo da presente pesquisa.

Esses tópicos citados anteriormente não se enquadram na propriedade arrolada pelos referidos lingüistas, visto que essas construções tópicas apresentam vínculo sintático com algum elemento ou posição vazia no comentário.

Observem-se os exemplos a seguir:

(16) “**Pivete**. Aqui tem muito pivete.” (NURC90, inf: 004)

Em (16), o tópico com retomada **pivete**, possui a função de OD, apresentando vínculo sintático com o comentário, através do correferente que é um nome idêntico, **pivete**.

(17) “**Defumados**, nós já... eu já comi muitos, entendeu?” (NURC 90, inf: 408)

Em (17), na topicalização, o elemento topicalizado **defumados** apresenta vínculo sintático com o verbo e posição vazia no comentário.

---

<sup>11</sup> Nesta pesquisa, as construções de tópico com quebra de seqüência correspondem às construções tópicas de duplo sujeito de Li & Thompson (1976).



(18) “” **A cidade alta** tem ... vários bancos.” (NURC 70, inf: 109)

Em (18) o tópico sujeito especial é argumento do verbo.

- c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico – Propriedade relacionada à anterior, ou seja, é possível prever que sujeito pode ocorrer com determinados verbos;
- d) Papel funcional – O tópico tem sempre um papel funcional, pois especifica o domínio em que se mantém a predicação. Ele é o centro de atenção. O sujeito nem sempre desempenha papel semântico na S, sendo vazio em muitas línguas como ocorre no inglês e no francês, as formas neutras *it* e *il*, respectivamente;

(19) “**A arquitetura**, eu acho que a Bahia tem bons arquitetos.” (NURC 90, inf: 230)

O tópico **arquitetura** é o centro de atenção nesse enunciado. Quanto ao sujeito vazio, não há ocorrência na língua portuguesa.

e)Concordância com o verbo-A concordância com o verbo é rara, devido à sua independência com o predicado, já o verbo deve concordar com o sujeito. Só existe concordância do tópico com o verbo, quando sujeito e tópico são idênticos. Nos dados da presente pesquisa encontram-se exemplos que ilustram essa afirmação:

(20) “ **Esse terreno**, eu comprei posteriormente.” (NURC 90, inf: 184)

(21) “**Um avião pequeno**, ele pousa em qualquer lugar.” (NURC 70, inf: 354)

O exemplo (20) ilustra o fato de não haver concordância entre o tópico: **esse terreno** com o verbo da sentença *comprei*, já no exemplo (21), dá-se a concordância entre o tópico **um avião pequeno** e o verbo *pousa*, visto que o tópico e o sujeito “ele” são semanticamente iguais. Examinando o exemplo (21), vê-se que o pronome

**ele** (pronome-cópia) retoma o tópico, funcionando como correferente do SN **um avião pequeno**.

f) Posição inicial na sentença – Em virtude de razões discursivas, tópico ocupa o lugar inicial da sentença. O sujeito pode ocupar outras posições no enunciado, tais como, no final ou na posição medial.

(22) “**Quanto à música popular**, aprecio todas elas, fazendo algumas restrições às barulhentas.” (NURC 70, inf:151)

Do exame dessas propriedades propostas por Li e Thompson (op. cit.), pode-se concluir que o tópico é dependente do discurso e o sujeito é dependente da sentença, embora a definição de tópico e sujeito seja a mesma: o termo sobre o qual se faz uma declaração.

Com base na relação sujeito/predicado, tópico-comentário, Li e Thompson (1976) propõem uma classificação das línguas em quatro tipos:

- 1) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura sentencial de sujeito/predicado é predominante, a exemplo das línguas indo-européias;
- 2) línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura predominante é a de tópico-comentário, a exemplo do chinês;
- 3) línguas com proeminência de tópico e de sujeito, em que ocorrem as duas diferentes construções, a exemplo do japonês;
- 4) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, nestas não há distinção entre tópico e sujeito, uma vez que eles se mesclaram, a exemplo do tagalog.

Os citados autores fazem um alerta em relação à tipologia apresentada, afirmando que é possível encontrar sujeitos em línguas de tópico, como também encontrar tópicos em línguas de sujeito. Eles dizem ainda que a construção tópico-comentário foi identificada em todas as línguas analisadas, o mesmo não

ocorrendo em relação à estrutura sujeito - predicado, embora haja maneiras de se identificarem sujeitos em muitas línguas de tópico.

#### 2.4.1 Características das línguas de tópico

Segundo Li e Thompson (1976), as línguas de tópico caracterizam-se por certas peculiaridades morfossintáticas e distribucionais que se destacam como:

- a) Construção passiva marginal – em línguas de tópico, a construção passiva não ocorre, ou aparece de modo marginal com significado especial, devido ao fato de que o elemento topicalizado, por exercer importante papel na construção, não precisa estar em relação direta com o verbo. Já em línguas de sujeito, qualquer outro SN que não o exigido pelo verbo se torna sujeito, torna-se necessário marcar tal escolha na construção passiva;
  - b) Sentenças de sujeitos vazios – nas línguas de tópico, sujeitos vazios como o “it” em inglês, “es” em alemão e “il” em francês, não ocorrem.
  - c) Presença de duplo sujeito – estas construções típicas das línguas de tópico são, segundo Li e Thompson (1976), os casos mais claros de estrutura tópicocomentário. Sujeito e tópico ocorrem na mesma S, podendo ser distinguidos facilmente e há independência do tópico em relação ao verbo;
- (23) **“A higiene**, eu acredito que o certo é que as pessoas troquem de roupa sempre...” (NURC 90, inf: 230)
- d) Controle de co-referência – em língua de Tp, é o tópico e não o sujeito que controla a correferência de elementos nulos, como no exemplo clássico traduzido do mandarim:

Nèike shú yézi dá suóyi wó bu xíhuán

*“Aquele árvore folhas grandes, por isso eu não gosto”.*

- e) Restrições sobre o constituinte tópico nas línguas Tp – não há restrições a respeito do que pode ser tópico;
- f) Tipo de sentenças básicas – nas línguas de Tp, as Ss de tópico são básicas, ou seja, elas não são consideradas transformação de outros tipos mais básicos de sentenças, elas mesmas são sentenças básicas, não é possível derivá-las de outras sentenças. É por isso que não há restrição na sua distribuição. Essas sentenças podem ser afirmativas, negativas, interrogativas exclamativas ou encaixadas.
- g) Codificação superficial – há em línguas de tópico uma codificação superficial para marcar o tópico, não só por marcadores morfológicos, mas também pela posição inicial ocupada na sentença. Em japonês, costuma-se marcar o tópico com o morfema *wa*, e o sujeito com o morfema *ga*.

Eunice Pontes (1987), ao fazer a análise do tópico numa perspectiva funcional discursiva, declara que, no PB, as construções de tópico são tão freqüentes quanto as construções sem tópico e admite que, se Li e Thompson estiverem corretos, o PB é, no mínimo, uma língua em que a noção de sujeito e tópico são proeminentes, sobretudo, no registro coloquial.

Pontes (op. cit.) faz um estudo comparativo entre as características de línguas Tp listadas por Li e Thompson (1976) e o PB e afirma que o Português apresenta algumas características em comum com as línguas Tp, tais como:

- 1) há suspeita de que em Português a passiva não é muito freqüente na fala;
- 2) qualquer SN pode ser tópico;
- 3) em português não há sujeitos vazios;

- 4) no PB encontram-se construções de duplo sujeito;
- 5) a correferência costuma ser controlada pelo tópico;
- 6) não há restrição sobre o tipo de constituinte que pode ser tópico - parece evidente que qualquer elemento da S pode ser tópico. Vejam-se alguns exemplos encontrados nos dados desta pesquisa:

Objeto indireto:

(24) “ **Essa** eu gosto.” (NURC 90, inf: 408)

Objeto direto:

(25) “mas **tudo isso** eu como.” (NURC 90, inf: 408)

Sujeito:

(26) “então **o jovem rebelde** ele se trajava daquela maneira agressiva porque ele tinha o comportamento assim mesmo.” (NURC 90, inf: 230)

Locativo:

(27) “ E **na feira**, além da quantidade tem qualidade também.” (NURC 90, inf:004)

Ao examinar os tipos específicos de construções tópicas, tais como: DE. e Top., a autora diz que é difícil distingui-los, uma vez que, no português, é comum a elipse do pronome.

Pontes (op. cit.p.82 ) sugere critérios que especificam essas estruturas.

a) Nas estruturas em que ocorre Top, observam-se:

- ausência de pausa e de pronome contrastivo;
- presença de SN( s) definidos e indefinidos;
- função discursiva usada para mudança de um tópico a outro, contrastando com o anterior a ele relacionado.

b) Nas estruturas em que ocorre DE, observam-se:

- presença de pausa e de pronome não contrastivo;
- presença de SN(s) definidos, dados;
- função discursiva responsável pela continuidade do discurso;
- função altamente coesiva.

## 2.5 O TÓPICO NA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Em razão de ser a Língua Portuguesa considerada na tradição gramatical como uma língua cuja estrutura sintática corresponde à ordem SVO, as CTs são ignoradas por não se enquadrarem nessa ordem.

Ao se comparar as CTs com os pleonasmos, objetos pleonásticos e anacolutos (recursos usados na literatura por autores renomados e reconhecidos pela GT como construções de estilo, figuras de sintaxe, figuras de construção e figuras de palavras), atesta-se que estes correspondem à exata definição de tópico e comentário.

O rigor formal da censura gramatical, calcada em critérios próprios da língua escrita, ignora as construções de tópico, embora esse fenômeno lingüístico faça parte da estrutura da sentença do Português do Brasil.

O anacoluto, pleonasma e objeto pleonástico serão objeto de comparação com os diferentes tipos de CTs.

### 2.5.1 Pleonasmos

Gramáticos consagrados como Evanildo Bechara (2003), Napoleão Almeida (1995) e Celso Cunha (1986) definem o pleonasmos de maneira semelhante, ou seja, como repetição para fins de clareza, ênfase, reiteração de idéias, reforço do seu significado. Observem-se os exemplos a seguir:

Bechara (2003 p.594): “Vi - o a ele.” (*pleonasmos do objeto direto*).

“Ao pobre, não lhe devo.” (*pleonasmos do objeto indireto*).

Almeida (1995 p.479): “Os sinos já não há quem os toque.”

“Ao qual recado ele Hildácio não respondera.”

#### 2.5.1.1 Objeto pleonástico

Celso Cunha (1986, p.581) refere-se também ao OD pleonástico :

- 1) Vimos que, para dar maior realce ao objeto direto, é costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o, a, os, as* como neste passo:

“**Letras vencidas**, urge pagá-**las**, disse ao levantar-me.”(M. de Assis, OC,539).

“**Os primeiros dias de sua viuvez** passou-**os** Leonor no seu quarto.”(C. C. Branco, OS, I,288).

- 2) Com a mesma finalidade de ênfase, o pronome *lhe (lhes)* pode reiterar o objeto indireto expresso por sintagma nominal colocado no início da frase:

“**À doente** trouxeram-**lhe** uma xícara de caldo que ela pareceu beber com gosto.”(Garret,O,I,426).

- 3) Também para ressaltar o objeto direto ou o indireto usa-se fazer acompanhar um pronome átono da sua forma tônica regida da preposição *a*:

“Temi-**a**, **a** *ela*, a mulher que o guiava.”(G. Rosa, PE,126).

### 2. 5. 2 Objeto direto preposicionado

O objeto direto iniciado por preposição – diz Evanildo Bechara (2003, p.419)- não raro aparece iniciado por preposição nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória;

“*Ao ingrato, eu não o sirvo, porque (para que) me não magoe*”.(RLB. 2,278).

Observa-se que, em alguns dos exemplos em que se repete o objeto direto, há vírgula antes da repetição pleonástica, pontuação essa às vezes exigida pela clareza.

### 2. 5. 3 Anacoluto

Conforme Bechara (2003, p.595),

Anacoluto é a quebra da estruturação lógica da oração: “ Eu que era branca e linda, eis- me medonha e escura” [MB apud SS.1 § 536].[...] O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.”

Coloca-se entre as construções anacolúicas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:



*A pessoa que não sabe viver em sociedade, contra ela se põe a lei.*

*A construção gramatical seria: Contra a pessoa que... se põe a lei.*

*Um anacoluto muito comum é: Eu parece-me que tudo vai bem.*

Consoante Napoleão Almeida (1995 p.248):

o anacoluto (do gr. na = não, mais acólouthon = acompanhado, significa não conseqüente, não coerente) especifica a figura de regência em que um termo da oração vem solto, sozinho, sem nenhuma relação sintática com os outros termos; vem a ser, por outras palavras, a interrupção ou mudança de construção já começada, por outra de nexos diferente.

Diz ainda o citado autor: “Em geral essa interrupção, não raras vezes elegantíssima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação lógica, por si mesma despida de sentimentos.”

*“A terra em que tu morreres, nessa morrerai.”*

*“Eu me parece que...”*

*“Lá a mãezinha, essa, coitada, é que lhe custou muito eu vir-me embora.”*

Segundo Celso Cunha (1986, 581), “o anacoluto (do grego *anakólouthos*, sem seqüência, inconseqüente) é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente, depois de uma pausa sensível.”

Observem - se os exemplos a seguir:

*“A filha dele, a mãe era muito mais alta e mais encorpada.” (José Lins do Rego).*

*“Eu parece-me, que conheço este diabo de o ver em Braga, no café da Açucena, na Cruz de Pedra.” (C.C. Branco, BP, 164).*

Ao apresentar o exemplo de Camilo Castelo Branco, Celso Cunha (1986) explica que foi o pronome **eu** (grifo nosso), que se anunciava como sujeito do verbo seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objeto indireto **me** (grifo nosso).

Em relação **aos pleonasmos**, as definições e exemplos dos diferentes gramáticos (alguns se assemelham) são, indubitavelmente, convergentes, ou seja, considera-se o pleonasma um constituinte em posição inicial, repetido para fins de ênfase ou clareza, para o qual, muitas vezes, exige-se o uso da vírgula.

Celso Cunha (1986) destaca o objeto pleonástico, regido ou não de preposição, cuja finalidade é a mesma dos pleonasmos: clareza, ênfase para ressaltar o objeto direto ou indireto, os quais vêm sempre repetidos por pronomes.

É dispensável uma leitura atenta para se constatar que essas “figuras de estilo, de linguagem ou literária”, como os normativistas as chamam, correspondem à deslocção à esquerda de tópico pendente e a deslocção à esquerda clítica de Duarte (2003), ao DE de Ross (1967) e de Vasco (1999), e ao tópico com retomada da presente pesquisa.

Comparem-se os exemplos a seguir:

Pleonasma GT

*“**A podenga negra** essa, essa corria pelo aposento.” (Herculano).*

*“**Letras vencidas**, urge pagá-las, disse ao levantar-me.” (M. de Assis, OC, 539).*

*“**À doente** trouxeram-lhe uma xícara de caldo que ela pareceu beber com gosto.” (Garret, O, I, 426).*

Deslocação à esquerda clítica

“...**às pessoas**, há- de- lhes fazer espécie como é que podemos tirar as impressões”. (DUARTE, 2003).

“**os gerentes**, trata-os como se fossem míseros contínuos.” (DUARTE, 2003).

Tópico com retomada

(28)“**As massas**, eu devo lhe dizer o seguinte: nós preferimos, inclusive fazê-las em casa.” (NURC 70, inf: 089)

(29)“Bom, **eu...** pra mim, eu digo assim: o tempo irregular.” (NURC 70, inf: 167)

(30)“mas **o encanador, o electricista...** esses se vestem para o trabalho, porque fica mais econômico e assim proceda. (NURC 90, inf: 004)

Deslocação à esquerda de tópico pendente.

“...**eu...** medicina privada não me interessa”. (DUARTE,2003).

“ **O João** ... ouvi dizer que ele tinha ido passar férias a Honolulu. (DUARTE, 2003).

Anacoluto GT

“Lá **a mãezinha**, essa, coitada, é que lhe custou muito eu vir-me embora.”

“**Aquela mina de ouro**, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos.”

Em relação aos anacolutos, observa-se que as definições e exemplos dados pelos gramáticos não diferem muito, apesar de haver algumas divergências entre os pontos de vista apresentados. Bechara (2003) alerta que, fora de situações especiais, devem ser evitados por pessoas que falam e escrevem bem. Napoleão Almeida (1995) os considera expressões elegantíssimas.

Independentemente da semelhança desse constituinte com os duplos sujeitos de Li e Thompsom (1976), anacoluto de Vasco (1999) ou tópico com quebra de seqüência desta pesquisa, um ponto importante a salientar é que a maioria das definições não se coaduna com os exemplos citados. Como se pode afirmar que há

quebra sintática e lógica dos enunciados, se, na maioria dos exemplos, os citados elementos lingüísticos são retomados, posteriormente, por anáforas que têm função coesiva?

O exemplo citado por Celso Cunha (1986, p. 581) é um dos poucos coerentes com a definição atribuída ao anacoluto.

“ A filha dele, a mãe era muito mais alta e mais encorpada.”

Acredita-se que haja falta de sistematização na análise dessas estruturas. Assim, construções semelhantes recebem, muitas vezes, designações diferentes.

Nesta pesquisa, o tópico com quebra de seqüência ocorre quando não há correferentes, o que justifica a quebra sintática na oração. O tópico com retomada ocorre com correferentes, o que justifica a repetição de termos já expressos para maior clareza.

Tópico com quebra de seqüência

(31) “**As pessoas**... os pais começam a entender mais os valores daquela criança, não é? do adolescente e tal.”( NURC 90, inf:027)

Tópico com retomada

(32) “**O indivíduo** só porque ele é inteligente, capaz, tem capacidade de articular-se etecetera, mas ele... (NURC 90, inf:184)

Na GT, ensina-se que o anacoluto quebra a estrutura lógica da oração. Acredita-se que é pura convenção atribuir estrutura lógica somente ao sujeito e ao predicado.

Insta salientar que pesquisas constataam essas construções também em registros formais na escrita, não tão recorrentes como na modalidade oral, pelo fato de sofrerem censura gramatical. O rigor formal tem acarretado problemas no ensino

da língua materna, visto que os professores não as aceitam quando os alunos as empregam.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Consoante MacKenzie (1992 apud NEVES, 2001, p.22), "para a descrição completa da estrutura sentencial, na perspectiva funcionalista, faz-se necessário incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e seu estatuto dentro da sentença de interação determinada socioculturalmente".

Para Givón (1984 apud NEVES 2001, p.24 ),

A sintaxe é vista como a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva). Uma sentença que contenha presumivelmente apenas informação semântica e que não apresente função pragmática não existe realmente, na comunicação, apenas pode representar um segmento artificialmente isolado do seu contexto para fins de análise.

O funcionalismo lingüístico contemporâneo concebe a linguagem como um meio de interação social, o seu interesse de investigação vai além da estrutura gramatical, buscando-se no contexto a motivação para os fatos da língua. (CUNHA, 2003, p. 28).

Segundo Votre (1996, p.53),

Quanto ao método de trabalho, a abordagem funcionalista vai do particular para o geral, porque o próprio critério que permite a descoberta do que ocorre e recorre, de forma regular, e que permite construir a generalização, é o papel comunicativo, e não algum critério formal.

O lingüista adverte que não podem ser reunidos numa generalização todos os processos que tenham uma semelhança formal (deslocamento à esquerda ou à direita) e sim, todos os processos que tenham algum efeito específico na comunicação, (como, comunicação por exemplo, a topicalização). No entanto,

espera-se comprovar a regularidade de forma correspondente à regularidade da comunicação.

Tendo em vista que o objeto de estudo da presente investigação diz respeito às construções de tópico marcado, torna-se necessário recorrer à teoria da variação, pois as CTs correspondem a estruturas variantes.

A Teoria da Variação Lingüística é um modelo teórico-metodológico que quantifica as ocorrências, analisa e sistematiza as variáveis lingüísticas e extralingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. A comunidade escolhida para a presente pesquisa constitui-se de informantes de Salvador com nível superior.

Segundo Tarallo (1985, p. 18),

O modelo teórico-metodológico da sociolingüística parte do objeto bruto, não polido[...]o fato lingüístico que é o ponto de partida, e uma vez mais, um porto ao qual o modelo espera que retornemos sempre que encontrarmos dificuldade de análise. O fato sociolingüístico, o dado de análise, é ao mesmo tempo a base para o estudo lingüístico: o acervo de informação para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua e também para o levantamento e o lançamento de novas hipóteses.

Para o processamento dos dados, utiliza-se o VARBRUL<sup>12</sup> pacote de dez programas que faz o estudo estatístico dos dados, para quantificar as ocorrências, sistematizar, comparar e analisar as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que são usadas pela referida comunidade de fala, para posterior construção de tabelas e gráficos, os quais permitem visualizar, através de percentagens e probabilidades, que fatores favorecem ou inibem a aplicação de uma regra variável.

---

<sup>12</sup> Variable Rules

De acordo com Scherre & Naro (1981), os dez programas do VARBRUL e suas diferentes funções são:

- *Checktok e readtok* – preparam os dados para serem submetidos a análises diversas;
- *Makecell* ou *Make 3000* – produz resultados percentuais os mais diversos, em função dos infinitos desejos do pesquisador, incluindo a preparação dos dados para a análise de pesos relativos;
- *Ivarb* ou *Varb2000* – projeta os pesos relativos para análises binária, ternária (*Tvarb*) e eneária (*Mvarb*);
- *Crosstab* ou *Cros3000* – efetua tabulação cruzada de duas variáveis independentes previamente estabelecidas;
- *Tsort* – efetua pesquisa de dados pelas cadeias de codificação ou pelos contextos explicitados nos arquivos de dados (*Textsort*), seja para a conferência de dados, seja para a criação de novos arquivos de dados;
- *Textsort* – efetua procura de dados com base no contexto, gera arquivos com os dados resultantes da procura;
- *Countup* – gera arquivo com a distribuição bruta dos dados, por variável especificada.

A variável dependente da presente investigação possui cinco fatores. Tal número de fatores inviabiliza a análise de pesos relativos. Por essa razão, chegou-se apenas à definição de percentuais, utilizando-se cinco programas do VARBRUL, tais como: *Checktok*, *Readtok*, *Makecell*, *Crosstab* e *Tsort*. Assim, a análise de regras variáveis não pôde ser realizada.



### 3.1 AS AMOSTRAS

Para o estudo das CTs, a presente pesquisa utiliza amostras de dados extraídos dos *corpora* do Projeto NURC/Salvador, relativos a 1970 e 1990, as quais são constituídas de 24 entrevistas do tipo DID (Diálogo entre informante e documentador), cujos informantes são falantes da norma culta de Salvador, uniformemente estratificados por ambos os gêneros (50% masculino e 50% feminino) e subdivididos em três faixas etárias: faixa 1: 25 a 35 anos; faixa 2: 36 a 55 anos e faixa 3: mais de 56 anos.

Consoante (MOTA,ROLLEMBERG, 1994, p.11), o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta (Projeto NURC), implantado no Brasil a partir de 1969, e em Salvador, na década de 70, visa a proceder à descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social composto por indivíduos de escolaridade superior.

Em virtude de não haver publicação oficial do NURC 90, coletou-se junto ao Arquivo do Projeto NURC, Setor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da UFBA, um segmento representativo do *corpus* da referida década, constituído segundo os mesmos critérios empregados pelo NURC 70.

### 3.2 A VARIÁVEL DEPENDENTE E SUAS VARIANTES

A variação constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas lingüísticas concorrentes que são denominadas variantes. Os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas lingüísticos. A um

conjunto de variantes dá-se o nome de variável, que pode ser dependente ou independente.

A fim de proceder ao estudo dos *corpora*, parte-se da variável dependente, pressupondo-se que o seu emprego não é aleatório, não é livre, mas relacionado a variáveis independentes – fatores lingüísticos e/ou extralingüísticos que restringem ou condicionam o seu uso.

Tendo em vista o objeto de estudo escolhido, a presente pesquisa examina a variável dependente, as construções de tópico marcado, que se constitui de cinco variantes, tais como: **tópico com quebra de seqüência, tópico com retomada, topicalização, topicalização com supressão da preposição e tópico sujeito especial**. Pretende-se estabelecer suas diferenças sintáticas e funcionais, levando-se em conta suas funções no discurso, suas características e a ausência ou presença de correferentes e preposições. As diferentes possibilidades de manifestação das CTs serão caracterizadas a seguir:

### 3.2.1 Tópico com quebra de seqüência

Observa-se que, neste tipo de tópico, ocorre a mudança da construção sintática inicial, geralmente após uma pausa, que é substituída por outra de nexo diferente, composta em geral de sujeito e predicado, cuja relação com o tópico não é sintática, e sim, semântica, havendo, geralmente, relações de hiponímia, hiperonímia, holonímia e meronímia, as quais asseguram que o comentário deve ser relevante acerca do tópico. O referido tópico é caracterizado, principalmente, pela sua dependência com o discurso, funcionando freqüentemente como uma estratégia de introdução de um tópico de transição. Essas CTs são cognominadas de duplo

sujeito por Li e Thompson (1976), que as consideram os casos mais claros de estruturas de tópico-comentário. Cabe lembrar que, diferindo de Li e Thompson (1976), Chafe (1976) chama essas mesmas estruturas de tópico chinês, Vasco (1999) chama-as de anacoluto.

Os enunciados (33) e (34) representam uma estrutura denominada como tópico com quebra de seqüência:

(33)“Bom, **na mecânica**, ...vamos dizer, o que eu gostei mais desse modelo foi o freio.” (NURC 70, inf:354).

(34)“Bom **a mesa**, porque a copa é grande seria mais pra almoço.” (NURC 90, inf:001)

Em (33) o tópico **na mecânica** estabelece uma relação de hiperonímia com o constituinte o freio no comentário. Em (34) o tópico **a mesa** estabelece uma relação de hiponímia com o constituinte a copa no comentário. Assim, o comentário é relevante acerca do tópico, embora não haja conectividade sintática entre o tópico e um constituinte interno ao comentário.

### 3.2.2 Tópico com retomada

Esta construção é formada por um tópico deslocado à esquerda da sentença que é retomado na sentença comentário. A retomada dá-se através de correferentes de diferentes tipos, podendo ser um pronome lembrete, um nome idêntico, um nome genérico, um dêitico, dentre outros. Existe uma conectividade sintática entre o tópico e o comentário. Dessa forma, esse tópico exerce diferentes funções sintáticas na sentença, tais como: sujeito, objeto direto e indireto, locativo e predicativo.

Nesta pesquisa os correferentes encontrados nos tópicos com retomada possuem função, na sentença - comentário, idêntica ao tópico. Vejam-se os exemplos:

Sujeito:

(35)“**O Sindicato de engenheiros**, por exemplo, ele é constituído de vários... vários membros, não é? (NURC 70, inf: 283)

Objeto Direto:

(36)“**Essa lagoa**, eu tive eu conheci ela foi num sábado.” (NURC 70, inf: 354)

Objeto Indireto:

(37)“**Sal, alho**, não gosto desses.” (NURC 90, inf: 408)

Predicativo:

(38)“**O jogo**... a vida já é um jogo.” (NURC 70, inf: 151)

Locativo:

(39)“**O Shopping Piedade**, às vezes que eu fui lá tinha muita gente da classe média pra baixo.” (NURC 90, inf: 408)

### 3.2.3 Topicalização

A topicalização é uma construção tópica que ocorre quando um constituinte da frase é destacado à frente como tópico, sendo o restante o comentário. A posição do termo destacado permanece vazia. Convém assinalar que o elemento topicalizado também pode exercer diferentes funções sintáticas no enunciado. Encontram-se nos dados: topicalização de sujeito, de objeto indireto, de predicativo, de locativo e de complemento nominal. Nos exemplos abaixo, o traço \_\_\_\_ indica a

lacuna que, na ordem canônica SVO, seria preenchida pelo elemento topicalizado,

Topicalização do Sujeito:

(40)“ **Os proprietários**, acho que \_\_\_ não moram ali.” (NURC 90, inf: 001)

Topicalização de Objeto Direto:

(41)“ Mas **o avião**, eu já... conheço \_\_\_ já por força de desempenho da profissão, do pequeno, do teco-teco ao jato ”. (NURC 70, inf: 354)

Topicalização do Objeto Indireto:

(42)“ Bom, **dessa época**, assim que eu me lembro \_\_\_ não.” (NURC 70, inf: 354)

Topicalização do Predicativo:

(43)“Mas **desse tempo** eu já não sou \_\_\_.” (NURC 90, inf: 354)

Topicalização do Locativo:

(44)“**Na Bahia**, nós temos de madrugada a neblina \_\_\_.” (NURC, 70, inf: 164)

Topicalização do Complemento Nominal:

(45)“**da estrutura do sindicato**, conheço muito pouca coisa \_\_\_.” (NURC 70, inf: 360)

### 3.2.4 Topicalização com supressão da preposição

Trata-se de uma modalidade de topicalização muito usada na fala. Sua particularidade consiste na supressão da preposição do constituinte topicalizado. A preposição elíptica é facilmente recuperada pelos interlocutores.

Os exemplos a seguir apresentam CTs em que se estabelece um quadro de referência espacial ou temporal em que, de uma maneira sistemática, não há o emprego da preposição.

(46) “ **qualquer hora** despenca o carro na sua cabeça\_\_\_(NURC 90,inf:037)

(47) “ Então, **todos os edifícios residenciais**, a gente encontra \_\_\_ apartamentos localizados em primeiro, segundo e, às vezes, até em terceiro subsolo.” (NURC 70, inf: 224)

Observem-se outros exemplos de topicalização com supressão da preposição a seguir:

Objeto Indireto:

(48) “ O iluminador eu já falei\_\_\_, não é?” (NURC 70, inf:167)

Complemento Nominal:

(49) “ **Cinema** estou afastado \_\_\_ há muito tempo .” (NURC 90, inf: 167)

Adjunto Adverbial:

(50) “ **O segundo grau**, há um certo distanciamento e tal.”(NURC 70, inf:203)

### 3.2.5 Tópico sujeito especial

As construções de tópico sujeito especial foram agrupadas em quatro formas distintas. O que há de semelhante entre elas é que todas são casos limítrofes, nos quais o SN apresenta-se em posição inicial de sentença em concordância com o verbo, não havendo distinção entre o tópico e o sujeito.

Esses tópicos são ilustrados nos exemplos abaixo:

(51)“porque **com esse sistema de satélite**, né? praticamente está varrendo o Brasil inteiro.” (NURC 90, inf:167)

(52) “**Os cinemas** não gostam de tocar muita música.” (NURC 90,inf:167)

(53) “ ... **o pé** é mais sensível, aí ele fere. E quando forma bolha pra você andar ... é realmente bem difícil.” (NURC 90, inf: 084)

(54) “**A cidade** alta tem muita ladeira”. (NURC 90, inf: 004).

Em (51) o exemplo apresenta o constituinte inicial **com esse sistema de satélite** topicalizado como um SP; em (52) verifica-se um enunciado em que a ordem é a de sujeito-verbo-objeto (SVO), no qual o sujeito é não-animado e o verbo é de ação; em (53) nota-se uma estrutura construída na voz ativa, mas a interpretação remete à voz passiva para que haja coerência, uma vez que o sujeito correferente é passivo; em (54) observa-se um verbo existencial, precedido de um locativo sem preposição, que se desloca e assume a posição de sujeito.

Esta pesquisa pressupõe que a construção tópica mais utilizada é a de tópico com retomada por pronome lembrete, na função de sujeito. Segundo Vasco (1999), Duarte (1989), Galves (1998) e outros, a tendência do Português do Brasil é preencher o sujeito e apagar o objeto direto.

Espera-se detectar também muitas ocorrências do uso do tópico com quebra de seqüência e topicalização, pois estes também se enquadram às características da modalidade oral.

### 3.3 AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

São variáveis lingüísticas ou internas: os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos, os lexicais. Dizem respeito às características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua.

O presente trabalho examina nove variáveis lingüísticas, possíveis de favorecer ou restringir o uso de CTs, são elas: correferentes, função sintática do tópico, estrutura do tópico, tipo de verbo, contexto em que ocorre o tópico, traço semântico do tópico, elemento interveniente entre o tópico e o comentário, posição do sujeito e preenchimento do sujeito.

#### 3.3.1 Correferentes

Identificam-se quatro tipos de correferentes: pronome lembrete, nome idêntico, nome genérico, anáfora zero e dêitico, os quais se encontram sublinhados nos excertos abaixo:

Pronome Lembrete:

(55)“**O pneu** ele tem uma borracha especial com alguma parte da borracha que é aderente.” (NURC 70, inf: 354)

Nome Idêntico:

(56)“**Melodrama**, já chega de melodrama, né?” (NURC 90, inf: 167)

Nome Genérico:

(57)“**A gente**, todo mundo ali vai de chapéu porque tem necessidade por causa do sol.” (NURC 90, inf: 084)



Dêitico:

(58)“Mas **O Centro Administrativo**, já tive oportunidade de passar lá.” (NURC 70, inf: 118)

Anáfora Zero:

(59)“**Fraque**, eu não sei ainda se há quem use \_\_\_\_.” (NURC 70, inf: 203)

Pressupõe-se que os correferentes mais utilizados são os pronomes lembretes. Com o enfraquecimento da flexão verbal para identificação do referente, há a necessidade do pronome lembrete para deixar claro o sujeito a que ele se refere.

### 3.3.2 Função sintática do tópico

Identificam-se sete diferentes funções sintáticas do tópico, a saber, sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial, predicativo, complemento nominal e locativo, ilustradas nos exemplos a seguir:

Sujeito:

(60)“Antigamente, **o colarinho duro** era... ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada.” (NURC 70, inf: 203)

Objeto Direto:

(61)“Por exemplo **porta**, a gente pode encontrar.” (NURC 70, inf: 167)

Objeto Indireto:

(62)“**Figo**, eu gosto muito.” (NURC 90, inf: 408)

Adjunto Adverbial:

(63)“Só **os dias de sábado** é que eu tenho o hábito de... jantar com minha senhora no... aí pela orla marítima.” (NURC 70, inf: 107)

Predicativo:

(64)“Bom, **antiga**... eu digo uma ca...é antiga, não é, pode significar velha, antiga que eu digo, o estilo antigo mesmo.” (NURC 90, inf: 001)

Complemento Nominal:

(65)“**Isso** não tenha dúvida, é de modo geral.” (NURC 90, inf: 184)

Locativo:

(66)“Agora **na cidade baixa**, tem uma rua que só tem bancos.” (NURC 90, inf: 004)

Em relação à variável função sintática, pressupõe-se que a maior ocorrência é a de sujeito, pois acredita-se que, a partir de 1970, houve um incremento maior do uso do tópico com retomada com pronome lembrete na função de sujeito, em decorrência de uma possível mudança paramétrica no PB em direção aos sujeitos pronominais preenchidos.

### 3.3.3 Estrutura da construção de tópico

Essa variável possui seis diferentes estruturas tópicas: SN Lexical, SN Pronominal, SN Complexo, Sentença, Sintagma Preposicional e Sintagma Adjetival.

Vejam-se os exemplos abaixo:

SN Lexical:

(67)“**A sinalização de trânsito**... poderia dizer que a gente tem de dois tipos: a sinalização vertical que são aquelas placas colocadas em poste [...] e a sinalização horizontal, que seria a sinalização de rua.” (NURC 70, inf: 354)

SN Pronominal:

(68)“... **ele**, as roupas que ele usa para o trabalho, ele também usa para passear.” (NURC 90, inf: 007)

Sintagma Complexo<sup>13</sup>

(69)“Mas do... **o período que eu passei como agrônomo da Usina Cinco Rios**, o que eu me lembro mais de trem eram trens que passavam dentro da Usina.” (NURC 70. Inf: 354)

Sentença:

(70)“**Como realmente se faz isso**, eu não sei.” (NURC 70, inf: 224)

Sintagma Preposicional:

(71)“**Com esse eh, eh esses tipos de roupas**, como no caso o *blazer*, calça, então ah.... normalmente é utilizado... é usado o sapato social.” (NURC 90, inf:355)

Sintagma Adjetival:

(72)“**Branco, vermelho**, esses assim eu não gosto.” (NURC 90, inf: 007)

Pressupõe-se que haja grande ocorrência de Sintagma Preposicional, malgrado as pesquisas apontem que a estrutura de Sintagma Nominal é a mais recorrente. Acredita-se que a ocorrência de S e SA seja inexpressiva.

### 3.3.4 Tipos de verbo

A variável lingüística, tipos de verbo, tais como: transitivo (direto ou indireto), intransitivo e cópula , é ilustrada nos exemplos (73), (74) e (75).

Verbo Transitivo:

(73)“Bom, **capoeira**, lógico que eu distinguiria.” (NURC 70, inf: 167)

Verbo Intransitivo:

(74)“... **na quadra de lá** existiam várias casas que hoje tudo transformadas em de, em apartamentos, em prédios de apartamentos.” (NURC 90, inf: 184)

---

<sup>13</sup> Esse sintagma é constituído de orações restritivas ou explicativas.

Cópula:

(75)“**Os supermercados**, as remarcações são constantes.” (NURC 70, inf: 203)

Conjectura-se que os verbos transitivos são os mais favorecedores de construções tópicas. Em razão disso, espera-se encontrar uma variedade maior de tópicos complementos verbais.

### 3.3.5 Contexto em que ocorre o tópico

Os exemplos a seguir mostram tópicos na posição inicial e interno à sentença, também no início das orações:

Inicial:

(76)“**O programa territorial da, da de prefeitura de Salvador** é, incontável a, as dificuldades que se enfrenta.” (NURC 90, inf: 354)

Interno à sentença:

(77)“Eu sei que **os sindicatos**, eles tem um... um... um... conselho, um corpo administrativo do sindicato.” (NURC 70, inf: 360)

A hipótese é a de que o tópico só ocorre em posição inicial, sendo a maior incidência em orações coordenadas iniciais, absolutas e principais, podendo também ocorrer com menos frequência, inseridas no início das orações subordinadas ou coordenadas.

### 3.3.6 Traço semântico do tópico

Identificam-se, nos *corpora* examinados, o traço [+humano] e o traço [-humano], exemplificados nos enunciados abaixo:

Traço+Humano:

(78)“No nosso curso, **os estudantes**, eles elogiam muito o curso de Dermatologia.”

(NURC 70, inf: 301)

Traço-Humano:

(79)“E **fotografia** eu sempre gostava, mas eu comecei a fazer realmente lá tomei curso.” (NURC 90, inf: 084)

Supõe-se que o traço [-humano] tenha um número mais expressivo, em virtude de pertencer a um grupo lexical mais abrangente, embora possa ser encontrado também um número relevante do traço [+humano] nos tópicos com retomada, devido à presença do pronome lembrete.

### 3.3.7 Presença ou ausência de elemento interveniente

Considera-se elemento interveniente qualquer expressão lingüística entre o tópico e o comentário, dentre elas, partículas expletivas, marcadores conversacionais e elementos lingüísticos, como mostram os exemplos:

Presença:

(80)“Mas... **a moderna**, de qualquer forma, você teria um... uma arquitetura toda moderna...” (NURC 70, inf: 224)

Ausência:

(81)“... **meus pais**, eles são separados, na realidade eles não são separados, eles não chegaram nem a ser casados, não é?” (NURC 90, inf: 037)

Espera-se que haja mais ausência do que presença de elementos intervenientes.

### 3.3.8 Posição pré-verbal ou pós-verbal do sujeito

Essa variável é ilustrada nos exemplos a seguir:

Sujeito Pré-verbal:

(82)“**O termo técnico**, realmente eu não conheço.” (NURC 70, inf: 164)

Sujeito Pós-verbal:

(83)“Quer dizer: **Medicina** entram três disciplinas só: Química, Física e Biologia.”  
(NURC 70, inf : 301)

Acredita-se que há relação entre a posição do sujeito e o uso de CTs, uma vez que, quando ocorre o tópico, o enunciado, na maioria das vezes, passa a ter a estrutura: tópico-comentário, e não a ordem canônica: SVO.

A hipótese é a de que haja uma grande incidência de sujeitos pré-verbais.

Quanto aos sujeitos pós-verbais, acredita-se que a maior ocorrência dar-se-á com os verbos existenciais, principalmente, com o verbo existir.

### 3.3.9 Preenchimento do sujeito

Considerar-se-á a ausência ou presença do sujeito, sendo presente o que é realizado lexicalmente. Os ocultos, apesar de serem recuperados pela desinência verbal, consideram-se ausentes. Vejam-se os exemplos a seguir:

Sujeito Presente:

(84)“O bonde realmente, **eu** acho que nesse aspecto está superado.” (NURC 70, inf: 354)

Sujeito Ausente:

(85)“Ah, espinafre! Exatamente. Comemos muito espinafre.” (NURC 70, inf:089)

Supõe-se que a tendência é encontrar mais sujeito preenchido e, em contrapartida, mais objetos nulos, uma vez que as pesquisas constatam que a tendência do PB é preencher o sujeito e apagar o objeto.

## 3.4 AS VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS

São variáveis lingüísticas externas ou extralingüísticas: os fatores inerentes ao indivíduo, tais como: gênero, faixa etária, etnia e outros; os propriamente sociais, a saber: escolarização, nível de renda, profissão etc; e os contextuais, ou seja: grau de formalidade e tensão discursiva.

Para essa investigação examinam-se: a faixa etária, a escolarização, o gênero e o tempo (1970 e 1990), por considerá-las de grande influência sobre o fenômeno em estudo.

Para Labov (*apud* SILVA-CORVÁLAN, 1989),

Os estudos realizados em diferentes países sugerem a existência de três perfis de distribuição, segundo o sexo, o estilo, a classe social etc. que podem ter relação com as diferentes etapas de difusão de uma mudança, relacionados com **as variáveis estáveis, as etapas iniciais de uma mudança e as etapas finais, respectivamente** (grifo nosso).

Uma variável sociolinguística **estável** mostra correlações regulares com a classe social, de tal maneira que a frequência de uso da variável estratifica os falantes em classes sociais (alta, média alta, média, média baixa etc.) claramente diferenciadas. Essa variável apresenta covariação também com o estilo, já que no estilo formal a maioria dos habitantes usa um maior número das formas associadas com a fala da classe alta e no estilo informal ocorre o contrário.

As diferenças de classe e estilo são usualmente acompanhadas de diferenças entre homens e mulheres: estas usam com maior frequência as variantes associadas com maior prestígio; aqueles são mais inovadores.

Até mesmo as reações subjetivas são também estáveis. Verifica-se que os membros de diferentes grupos sociais que estigmatizam as formas linguísticas de menor prestígio se auto corrigem na fala espontânea em direção à variante de maior prestígio.

**Nas etapas iniciais e intermediárias de uma mudança em curso**, a variável apresenta covariação com a classe social, gênero e/ou idade, porém não com o fator estilo, ou seja, os falantes não parecem ter ainda clara consciência do traço em questão.



Os falantes que encabeçam o processo de mudança pertencem aos grupos sociais intermediários, por exemplo, classe média baixa e média alta e aos grupos de idade (entre 15 e 40 anos mais ou menos).

**Nas etapas finais de uma mudança em curso**, os habitantes têm usualmente conhecimento consciente da mudança em questão.

Este padrão reflete o fato de que nas etapas iniciais e médias da mudança, certas variantes e grupos sociais avançam mais rapidamente do que outros. Quando a mudança está para se completar, os grupos que estão mais atrasados se aproximam com rapidez dos mais avançados, durante o tempo em que estes mudam para um ritmo mais lento.

Nas etapas finais de uma mudança, a variante que está prestes a se impor não é mais estigmatizada.

### **3.4.1 Faixa etária e tempo**

A observação da variável faixa etária consiste no estudo de um fenômeno através do tempo aparente e do tempo real. No que concerne ao tempo aparente, estuda-se a mudança em uma mesma sincronia, embora a correlação com a idade não seja o único tipo de informação sincrônica relevante. Criam-se hipóteses de mudança:

- observação entre as faixas etárias;
- indicação de novas tendências de uso da língua;
- documentação de formas já em desuso ou com tendência de desaparecimento em uma única sincronia;

- possibilidade de variação estável.

Em relação ao tempo real, estuda-se a linguagem do falante em mais de uma sincronia. Confirma-se a mudança quando se compara mais de uma época:

- pode-se observar os mesmos informantes em épocas diferentes (no mínimo 20 anos de diferença);
- pode-se também estudar informantes diferentes conservando-se as mesmas características (faixa etária, escolaridade, gênero e outros).

Apenas através da análise em tempo real, pode-se ter documentada a mudança.

O estudo da correlação entre idade e variação lingüística aponta para duas direções básicas:

- A relação de estabilidade entre variantes lingüísticas – um fenômeno varia, mas não muda;
- A existência de mudança na língua – é evidenciada quando a forma inovadora predomina entre falantes mais jovens, enquanto falantes mais velhos preferem a forma não inovadora. Nesse caso, a distribuição linear das variáveis pelas faixas etárias é tomada como indicador de possíveis mudanças.

É preciso distinguir, entretanto, as diferenças etárias que indicam mudanças lingüísticas daquelas diferenças que caracterizam a linguagem de jovens e velhos e se repetem em qualquer geração.

Ao estabelecer relações das variáveis com a faixa etária, Chambers (1994) detecta que as pontuações mais altas de variáveis ocorrem entre os falantes mais velhos e mais jovens, enquanto os falantes de idade mediana possuem pontuações mais baixas. Conclui que isto ocorre, provavelmente, porque para os falantes mais jovens as pressões sociais são mais importantes e estas surgem do seu próprio

grupo, logo eles são mais influenciados por seus amigos do que por qualquer outra pessoa. Portanto, a influência da língua padrão quase não existe. Mais tarde, quando os falantes começam a trabalhar, deixam-se influenciar mais pelos valores sociais da maioria. Conseqüentemente, do ponto de vista lingüístico, eles são mais influenciados pela língua padrão. Já para os mais velhos as pressões sociais voltam a ser menores.

Na presente pesquisa, estudam - se as construções de tópico marcado, através do tempo real e do aparente: neste, investigam - se comunidades concretas e compara a fala dos mais velhos com a dos mais jovens e assume que, qualquer diferença que se observe, pode indicar uma mudança lingüística em curso; naquele, estuda-se a linguagem dos informantes em mais de uma sincronia (década de 70 e de 90), conservando – se as mesmas características, a saber, faixa etária, gênero e escolaridade.

Procurar-se-á detectar variantes ausentes nos mais jovens e presentes nos mais velhos ou vice-versa.

A hipótese é a de que, quanto menor for a taxa etária, maior será a utilização das CTs.

### **3.4.2 Escolarização**

Silva Corvalán (1989) apresenta cinco importantes aspectos concernentes à escolarização.

1. A relação entre escolarização e uso de variantes padrão em geral é associada à predominância das formas padrão a falantes com maior escolarização.

2. A escolarização e implementação de mudanças nos fenômenos de mudança – presume-se que os falantes de maior escolarização tendem a privilegiar mudanças que implementam uma forma socialmente aceita e desfavoreçam mudanças que se opõem ao padrão.
3. O efeito da escolarização associado à idade – as diferenças de escolarização parecem mais significativas entre falantes mais velhos do que entre falantes mais jovens.
4. A relação entre escolarização, classe social e estigmatização – as pessoas com maior escolaridade aprendem a criar mais estigmas em relação às formas não-padrão. As pessoas com menos escolaridade não as estigmatizam.
5. A correlação indireta entre escolarização e uso de variantes formais – embora escolarizados, os falantes não usam muito as variantes formais.

Os estudos sociolinguísticos do Brasil e exterior responsabilizam o efeito da escolarização como fator refreador das mudanças, juntamente com a mídia, mercado de trabalho e outras variáveis.

Ao se encontrar em uso um fenômeno estigmatizado, como o de tópicocomentário em uma comunidade de fala em que todos possuem nível superior de escolaridade, pode-se interpretar que esse fenômeno tem sido adotado e não se trata de "esquisitice" da língua, como vaticina a maioria dos gramáticos.

### 3.4.3 Gênero

Através de estudos realizados, sabe-se que a relação entre gênero e língua indica que, se ocorrer uma mudança lingüística em relação à variedade de prestígio, essa mudança é feita através das mulheres de classe média e que, se essa mudança não estiver de acordo com a norma de prestígio, será introduzida por homens da classe trabalhadora.

Chambers (1994) questiona: "porque homens e mulheres exercem papéis diferentes na difusão da mudança lingüística?"

Para ele não existe uma única explicação, mas podem ser apontados vários fatores:

Em nossa sociedade, as mulheres têm menos oportunidades de destaque e, portanto, marcam seu lugar social por sua aparência e comportamento (também lingüístico). As mulheres estão menos sujeitas à pressão dos grupos do que os homens e estão mais acostumadas às situações formais.

O papel maior que as mulheres têm obtido tradicionalmente na socialização dos filhos faz com que elas sejam mais sensíveis às normas de comportamento já adotadas.

Os homens são direcionados a se comportar de modo duro, rude, rompendo as regras, enquanto as mulheres são educadas para serem delicadas, discretas, caladas, corretas. Portanto, as pressões são maiores sobre as mulheres.

A presente pesquisa analisará vários aspectos dessa variável:

- A relação entre o gênero e a opção pela forma não-padrão – verificará se a forma não-padrão (CT) tende a ocorrer mais entre os homens do que entre as mulheres.

- Gênero e escolarização – observará se a mulher demonstra mais o efeito da escolaridade, por ser mais receptiva à atuação normatizadora da escola. Assim, pressupõe-se que as mulheres usem menos CTs.
- Em variação estável/mudança – investigará se a variável gênero indica forte tendência das mulheres ao uso das formas lingüísticas padronizadas, ao tempo em que observará se há preferência feminina pela forma aceita socialmente, ou seja, preconizada pela GT.

Diante do exposto, a hipótese é a de que as ocorrências de tópico sejam mais recorrentes entre os homens, visto que as CTs são estigmatizadas pela tradição gramatical e as mulheres mostram-se mais conservadoras, quando a variável não é parte da norma *standard*.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos resultados da quantificação de ocorrências de CTs e da observação dos condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos às suas realizações. São considerados os dados levantados nas amostras dos *corpora* de 1970 e 1990, a fim de se proceder à análise qualitativa dos resultados obtidos, procurando comparar o comportamento das CTs nas diferentes décadas.

Para Lambrecht (1994, p.162),<sup>14</sup>

In selecting a topic for a sentence, a speaker makes a communicative decision as to “the point of departure” for the new information, i.e. to the entity that he wishes to convey information about. But before making this communicative decision, the speaker must make certain hypotheses concerning the status of the referent of the topic in mind. On the basis of these hypotheses, the speaker then decides upon the form of the sentence in which the topic is to be coded.

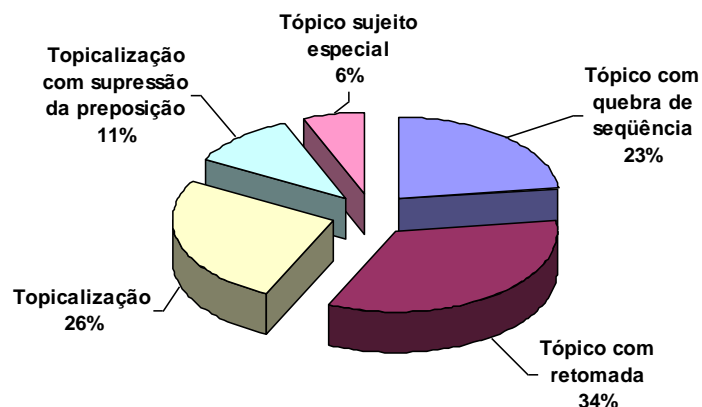
A abordagem funcionalista considera que o uso de determinadas expressões lingüísticas em detrimento de outras é um conjunto de escolhas formuladas pelo falante. Dessa forma, o estudo da língua deve ser concomitante ao estudo da situação comunicativa, pois a atribuição da função tópica passa a ser determinada também por fatores pragmáticos, como interesse, importância ou relevância.

---

<sup>14</sup> Ao selecionar um tópico de uma sentença, o falante toma uma decisão comunicativa como “ponto de partida” para a nova informação, ou seja, a entidade sobre a qual ele quer transmitir a informação. Mas, antes de fazer essa decisão comunicativa, o falante deve formular certas hipóteses concernentes ao *status* do referente do tópico

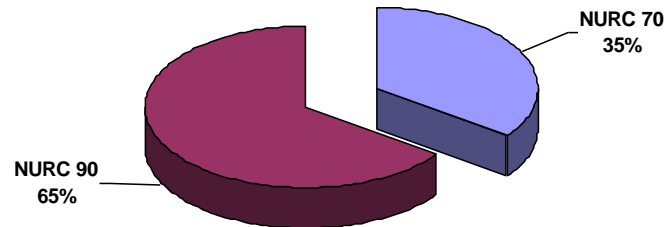
Os resultados serão mostrados, a partir da descrição dos números absolutos e da descrição percentual dos grupos de fatores elencados, considerando-se os mais relevantes. Ao lado da descrição sintática, investigar-se-ão as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas das construções de tópico marcado, tais como: **Tópico com quebra de seqüência**, **Tópico com retomada**, **Topicalização**, **Topicalização com supressão da preposição** e **Tópico sujeito especial** e seus contextos específicos de uso, ou seja, buscar-se-á fornecer evidências para a ocorrência dessas construções, não só na estrutura gramatical, como também nas motivações discursivas geradoras de cada uma delas.

**Gráfico 1:** Distribuição Geral das CTs nos *Corpora* Trabalhados.



A distribuição geral dos cinco tipos de tópico marcado e os seus percentuais de ocorrência podem ser verificados no Gráfico 1. Há um total de 670 ocorrências, seguindo-se uma ordem, de acordo com os índices percentuais: **tópico com retomada** (34%); **topicalização** (26%); **tópico com quebra de seqüência** (23%); **tópico com supressão da preposição** (11%) e **tópico sujeito especial** (6%).



**Gráfico 2:** Distribuição das CTs em 1970 e 1990

Visualizando-se o Gráfico 2, percebe-se que houve um aumento significativo de tópicos marcados da década de 70 para a década de 90.

**Tabela 1:** Distribuição das CTs em 1970 e 1990

Tempo	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
1970	60/233	26	79/233	33	69/233	30	19/233	8	6/233	3
1990	101/437	23	148/437	34	115/437	26	47/437	11	26/437	6

Confrontando-se os tipos de CTs em 70, com um total de 233 ocorrências, identificam-se (33%) de tópico com retomada, (30%) de topicalização e (26%) de tópico com quebra de seqüência, (8%) de topicalização com supressão da preposição e (3%) de tópicos sujeitos especiais; em 90, com um total de 437 ocorrências, identificam-se (34%) de tópico com retomada, (26%) de topicalização, e (23%) de tópico com quebra de seqüência, (11%) de topicalização com supressão da preposição e (6%) de tópicos sujeitos especiais. Observa-se que quase há coincidência nos índices de freqüência das diferentes construções tópicas,

correspondendo à mesma taxa de uso. Esse fato pode indicar a estabilidade do sistema em relação às CTs.

A hipótese mencionada em 3.2.4 confirma-se, pois há maior ocorrência de tópico com retomada por pronome lembrete na função de sujeito. Esse resultado é atribuído ao fato de que a tendência atual do PB é preencher o sujeito e apagar o objeto.

## 4.1 CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO

### 4.1.1 Tópico com retomada

Lambrecht (1994, p.189) procura explicar porque essas construções são tão freqüentemente restritas ao domínio da língua falada, argumentando que, do ponto de vista dos falantes, é mais fácil construir uma sentença complexa, quando a introdução lexical de um tópico referente não ativo é dado independentemente da expressão sintática da proposição sobre o referente e, do ponto de vista dos ouvintes, é fácil decodificar uma mensagem, quando a tarefa de avaliar o tópico referente pode ser executada, independentemente, da tarefa de interpretar a proposição na qual o tópico é um argumento.

Para o citado lingüista, desde que a principal função do deslocamento à esquerda de um sintagma lexical é estabelecer o referente tópico no discurso, nomeando-o e, desde que a principal função de uma expressão tópica pronominal é indicar o papel do tópico como um argumento em uma proposição, a diferença posicional e de marca de caso pode ser vista como conseqüências naturais do princípio de separação do referente.

O **tópico com retomada** costuma ser um sintagma dado no discurso ou no contexto pragmático sempre deslocado à esquerda, o qual, através de anáfora, proporciona relação de retomada de um elemento por outro na cadeia textual, assemelhando-se ao pleonasmo na GT. Possui várias funções no discurso, tais como:

- Função Coesiva:

(86) “**O pneu**, ele tem uma borracha especial com alguma parte dentro da borracha que é aderente.” (NURC 70, inf: 354)

- Função Continuativa<sup>15</sup>

(87) Doc: “Agora é que eu me lembrei aquelas roupinhas eram chamadas de combinação?”

Inf “**Combinação**. Eu acho que é esse nome que eu quero lembrar.” (NURC 90, inf: 007)

- Função enfática à idéia já expressa:

(88) “**Melodrama**, já chega de melodrama.” (NURC 90, inf: 167)

- Função Expressiva: <sup>16</sup>

(89) “**O cinto**, normalmente, eh, as pessoas gostam de combinar o cinto com, com, a cor do cinto com o sapato, né?” (NURC 90, inf: 010)

---

<sup>15</sup> Ela estabelece a continuidade do tópico em relação ao discurso anterior, principalmente, na resposta, quando o tópico é dado pelo interlocutor.

<sup>16</sup> Esta função dá mais clareza ao que está sendo dito.

Cumpra salientar que, neste tópico, a presença do aspecto prosódico é manifestada na pausa entre o elemento deslocado e a sentença - comentário.

(90) “**O quarto crescente...** eh... essa fatia vai enchendo, pouco a pouco, que talvez deve de ter a forma de fatia para ter a forma de queijo.” (NURC 70, inf: 164)

#### 4.1.2 Topicalização

Na topicalização, há uma conformidade de traços semânticos e conectividade casual, categorial e temática entre o tópico e a categoria vazia no interior da frase. Os constituintes topicalizados servem a variadas funções pragmáticas, que, em geral, dizem respeito:

- Ao comentário sobre o conteúdo da própria frase:

(91) “Mas **o tipo de trote que eu tomei** achei uma beleza.” (NURC 70, inf:301)

- À sua utilização como uma estratégia de progressão temática (um elemento da frase anterior é selecionado como tópico da frase seguinte):

(92) Doc: “Como é *o campus* quanto à disposição?”

Inf: “Bom, **o campus** eu não vi, não tive oportunidade de ir, por que eu fui participar de uma comissão de inquérito e me tomou muito tempo.” (NURC 70, inf: 118)

- À função contrastiva:

(93) “...tanto na alta como na baixa. Sendo que, **na alta** tem suas partes que... eh... digamos...tem os pontos turísticos [...].Agora, sendo que na **cidade baixa**, já não tem essa divisão, né.(NURC 90, inf:004)

#### 4.1.3 Tópico com quebra de seqüência

O tópico com quebra de seqüência, nesta pesquisa, assemelha-se ao anacoluto da GT, com uma ressalva: não possui correferente, elemento que, algumas vezes, os gramáticos normativos admitem, o que faz com que o anacoluto se confunda com o tópico com retomada.

Segundo Pontes (1987 p.102),

O anacoluto difere de DE e topicalização [...] A S comentário, como acontece com as chamadas “sentenças de duplo sujeito” em chinês e japonês, é completa com sujeito e predicado. A relação entre o tópico referente e a sentença, que são justapostas, é uma relação a nível do discurso: estabelecemos um elo entre eles baseados no que Grice descreve como máximas da conversação: “Seja relevante” e “Seja breve”. (op. cit.,p.46).

Observem-se os exemplos:

(94)“**Literatura**, eu gosto muito de poesia, também escrevo.” (NURC 90, inf: 027)

(95)“**Arroz** eu não sei agora, mas aonde eu morava era um... um hotel, uma pensão que na época eu dizia que era uma pensão metida à besta que tinha o nome de hotel e era eu e mais três companheiros que nós fomos como bolsistas do Instituto de Cultura Hispânica.” (NURC 90, inf: 408)

Percebe-se em (94) e (95) que não há conectividade sintática entre o tópico e o comentário, visto que o tópico não exerce função sintática no comentário. Em (94) o tópico **literatura** estabelece uma relação de hiperonímia com o constituinte **poesia**, presente no comentário. O tópico **literatura** restringe o âmbito da predicação principal, podendo ser parafraseado por: **quanto a literatura**, eu gosto mais de poesia.

Em (95) não há retomada do tópico. Após uma pausa, o falante abstrai-se do início do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase.

Os **tópicos com quebra de seqüência** são considerados exemplos perfeitos de sentenças que vão além da sintaxe, pois dependem do discurso. Para se interpretar uma sentença que tenha esse tópico é imprescindível saber o contexto anterior, conforme o exemplo a seguir:

(96)“**O rigor em relação educação**, que para os dias de hoje as irmãs são bestas.“  
(NURC 90, inf: 027)

O tópico do discurso é educação. Em um diálogo informal, o documentador pergunta ao informante sobre o seu relacionamento com a pré-escola, em uma determinada época. O informante, então, relata que estudou em colégio de freira e havia muito rigor que, aos poucos foi diminuindo e, nos dias de hoje, as irmãs não são tão exigentes quanto antes (são bestas). Percebe-se que esse exemplo traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação lógica da sentença.

Os **tópicos com quebra de seqüência** funcionam também como reintrodutores de tópico:

(97) Doc "... que tipos de... casas de construção, você conhece no campo, ou na praia?"

Inf: “Olha, **na praia**, eu conheço as construções da ilha, né? É... exato. Nós já tivemos uma casa na ilha, que meu pai já vendeu. Bom, a construção de casa da ilha é aquela casa bem de veraneio mesmo, uma casa espaçosa com... poucos móveis.” (NURC 90, inf: 001)

Neste exemplo, nota-se que o falante começou dizendo que conhecia casas de construção na praia, depois falou que já teve casa na ilha e que o pai já a vendera, em seguida retoma o tópico inicial, falando da construção de casa da ilha.

É peculiar também, nessa construção, a expressão “quanto a” para chamar atenção para um outro subtópico. Este tópico, normalmente, está relacionado a algum antecedente no texto, como uma subparte do tópico do texto.

(98) “Bom, **quanto à projeção**, pode ser essa classificação, né?” (NURC 90, inf: 167)

O tópico do texto versa sobre cinema, e o subtópico, sobre as câmeras de projeção.

É importante ressaltar, outrossim, que esse tipo de tópico pode ter ligação com o discurso anterior (99) ou tende a aparecer quando é elicitado (100). Observem-se os exemplos:

(99) “**escada**, nós morávamos no terceiro andar, como eu já disse... então...” (NURC 90, inf: 001)

Doc: “Sim, cor, tecido, material.”

(100) Inf: “**Tecido? Material**. Eu gostaria de fazer o seguinte: colocar um matelassê com a cor que combinasse, no caso, que... que venha a combinar com a cor do quarto.” (NURC 90, inf: 001)

#### 4.1.4 Tópico com supressão da preposição<sup>17</sup>

Esses tópicos possuem a forma de SN, equivalendo a SP(s) com função e distribuição correspondentes a locativos, objetos indiretos, adjuntos adverbiais e complementos nominais. A preposição suprimida é recuperada, pragmaticamente, através da relação de conectividade categorial e casual estabelecida por ela.

Segundo Pontes (1987, p.17), “numa abordagem transformacional, dir-se-ia que, quando se topicaliza o adjunto adverbial temporal ou de lugar, suprime-se a preposição”.

Os exemplos a seguir, apresentam CTs em que se estabelece um quadro de referência temporal ou espacial.

(101)“...só **os dias de sábado** é que eu tenho o hábito de jantar com minha senhora no... aí pela orla marítima.” (NURC 70, inf: 118)

(102)“**Copacabana**, com aquela largura toda de cem metros tem dias também que você não conseguiu transitar.” (NURC 90, inf: 230)

Em (101) o sintagma nominal **os dias de sábado** equivale a um SP de referência temporal: **nos dias de sábado**; em (102), o SN **Copacabana** equivale ao SP de referência espacial **em Copacabana**.

Observem-se outros exemplos de tópico com supressão de preposição com função de objeto indireto, locativo e complemento nominal em (103), (104) e (105):

Objeto Indireto:

(103)“**o iluminador**, eu já falei, não?” (NURC 70, inf: 167)

---

<sup>17</sup> Designada topicalização selvagem por Zribi-Hertz (1986, apud DUARTE, 2003)



Locativo:

(104)“**As antigas** (construções) existia o que a gente chamava de f... forro.” (NURC 70, inf: 224)

Complemento Nominal:

(105)“**Animais**, essas coisa todas eu tenho saudade.” (NURC 90, inf: 037)

Segundo Callou et al. (1996, p.333),

A ausência ou presença da preposição está efetivamente condicionada à função semântica do constituinte inicial, uma vez que os tópicos sem cabeça: podem ter a função semântica de: tema do nome, cancelando-se a preposição em; de lugar em que se cancelam as preposições em e por, respectivamente; podem estar ou não vinculados a um elemento no exterior da sentença, podem ou não ter o seu papel temático atribuído ao verbo, por eles serem não argumentais.

As citadas funções encontram-se nos dados dos *corpora* estudados e são ilustradas em (106), (107) e (108).

(106)“porque normalmente **apartamento** a gente fica condicionado a vizinhos.”  
(NURC 70, inf: 151)

(107)“**Os supermercados**, as remarcações são constantes.” (NURC 90, inf: 184)

(108)“**Minha casa**, mi... minha mãe é muito católica, meu pai não tem religião.”  
(NURC 90, inf: 027)

Nesse tipo de tópico, percebe-se também: a função contrastiva na relação lógico-semântica do tópico comentário, exemplificada em (109) e o aparecimento do tópico quando é elicitado em (110).

(109) “Agora, quando eu encontro no supermercado, a ervilha verde, **essa** eu gosto.”

(NURC 90, inf: 408)

(110) Doc: “Não, mexe-mexe?”

Inf: “**Mexe-mexe**, gosto muito, mais ultimamente não tenho jogado.” (NURC 70, inf: 151)

#### 4.1.5 Tópico sujeito especial

Nesta pesquisa, os tópicos sujeitos especiais são tratados como casos limítrofes, ou seja, as CTs são identificadas ou confundidas com o sujeito e, a depender do posicionamento teórico do lingüista, esse constituinte é considerado sujeito ou reanálise do tópico como sujeito, instaurando-se a concordância verbal, o que acarreta a ordem canônica SVO, em sentenças como as exemplificadas por Decat (1989, p.119).

“Essa casa bate muito sol. “(Pontes 1985, p.734)

“Minhas gavetas não cabem mais nada. “(Pontes 1985, p.734)

A lingüista declara que não houve ocorrências desses tipos de construção no *corpus* diacrônico analisado por ela, em que os constituintes “**essa casa**”, “**minha gavetas**” são construções de tópico, que estão sendo confundidas com o sujeito. Ela admite que a interpretação da CT como sujeito pode ser vista como uma mudança decorrente de outras mudanças anteriores, dentre elas, a do enfraquecimento da morfologia verbal, o que ”conduz à hipótese de que estamos diante de um caso de

REANÁLISE [...] e estará, obviamente, relacionado aos outros dois aspectos: o dos clíticos e o da ordem”.

Nesta pesquisa, identificam-se quatro diferentes formas de realização de tópico sujeito especial, todas elas apresentam elemento inicial com características de tópico e de sujeito. As mencionadas CTs são ilustradas nos exemplos do primeiro tipo a seguir:

(111)“**A cidade de Salvador** tem muitas ladeiras.” (NURC 90, inf: 004)

(112)“Olhe, **a cidade alta** tem vários bancos.” (NURC 90, inf: 004)

Os enunciados seguem a ordem SVO, permitindo duas diferentes interpretações. Na primeira, considera-se que os SNs iniciais correspondem a tópicos locativos, possivelmente, interpretados como: “**Na cidade de Salvador** tem muitas ladeiras.” e “Olhe, **na cidade alta** tem vários bancos.” Nesses casos, os verbos da sentença - comentário são existenciais, portanto dispensam o sujeito. Na segunda, considera-se que um SN assume a posição de sujeito. Assim, ao predicador “ter” com o sentido de “possuir”, são atribuídos dois argumentos internos: em (111) o sujeito é **a cidade de Salvador** e o objeto é **muitas ladeiras**. Em (112) o sujeito é **a cidade alta** e o objeto é **vários bancos**.

Observe-se o segundo tipo de tópico sujeito especial:

(113)“**No palácio**, normalmente,... eh... pode ser tanto residência como destinado a despacho do governador; ou do presidente.” (NURC 70), inf: 109)

(114)“**Na faculdade de medicina**, pelo menos, segue a rotina normal.” (NURC 70, inf: 301)

Essas estruturas ainda não constam na literatura lingüística. Contudo, há várias observações a serem feitas em relação às frases exemplificadas acima. Malgrado uma das propriedades do sujeito seja a não-presença da preposição, os

constituintes iniciais, aparentemente, são sujeitos preposicionados antepostos ao verbo. Por outro lado, o constituinte inicial concorda com o verbo, o que não coaduna com uma das características do tópico. Percebe-se, portanto, nelas uma mistura de tópico com sujeito, e de predicado com comentário. O fato do SP estar no singular, possivelmente, favorece o uso dessas construções com a interpretação de uma aparente concordância entre o sujeito e o predicado, ou talvez esse tipo de construção ocorra devido à falta da partícula apassivadora **se** após o verbo.

O terceiro tipo de tópico sujeito especial é ilustrado nos seguintes enunciados:

(115)“**ela** (a meia) já lhe arrebenta o pé todo, fere todo.” (NURC 90, inf: 084)

(116)“... se você deixar a meia molhada, **ela** cria bolha.” (NURC 90, inf: 084)

O tópico discursivo das sentenças acima é a meia brasileira. Embora haja uma aparência perfeita de uma ordem SVO, o elemento que ocupa a posição de sujeito possui o traço semântico não agente (meia). O sentido que, pragmaticamente, é construído na voz ativa equivale a uma construção passiva, na qual o sujeito (não agente) permanece com a função de agente da passiva. Desse modo, pode-se interpretar a frase (115) com o sentido de: “O pé fica arrebentado, isto é, fica ferido pelo contato com a meia”. A frase (116) pode ser interpretada com o sentido de: “Bolhas são criadas pela meia.” É importante ressaltar que essa interpretação não é aceita por Pontes (1997).

Pontes (1997, p.37) apresenta exemplos semelhantes aos encontrados nos *corpora*:

“Esse sapato dói meu pé.”

“Essa pimenta arde a boca.”

A lingüista afirma que essas sentenças não são apassiváveis nem clitizáveis. Muitos falantes atribuem a essas sentenças os sentidos equivalentes a: “Esse

sapato faz doer meu pé.” “Essa pimenta faz arder minha boca.” E argumenta que, para o que se pretende dizer, a preposição melhor é “com”. Levando-se em conta essa hipótese de Pontes, os exemplos (115) e (116) acima analisados, seriam respectivamente: (115) “Com a meia (brasileira) o pé se arrebenta todo.” (116) “Com ela (a meia molhada) o pé cria bolha” ou como interpretam os falantes: “ela faz o pé arrebentar todo, ferir todo”, “ela faz criar bolha”.

Nota-se que, nas sentenças (115) e (116), a ligação dos objetos: o pé todo e bolha aos tópicos ou sujeitos **ele** e **ela** substitui o uso da estrutura passiva. A consequência disso, para muitos lingüistas, é a reanálise do tópico como sujeito.

Veja-se o quarto tipo de tópico sujeito especial:

(117) “**As plantas** agarram no sapato e vai fazendo um rombo.” (NURC 90, inf: 084)

(118) “**O Reebok** que botou as solinhas de bolinha embaixo.” (NURC 90, inf: 084)

As sentenças exemplificadas acima constituem mais exemplos da dificuldade para se discernir o que é tópico e o que é sujeito. Em (117) e (118) há, respectivamente, um verbo que exprime ação com um sujeito não-animado, além de um objeto direto. Logo, soa estranho pensar em sujeito e predicado, visto que **planta** e **Reebok** não são agentes da ação de *agarrar no sapato* e de *botar as solinhas de bolinha embaixo*. No entanto, todas as construções, acima arroladas, apresentam elemento inicial com características de tópico e sujeito, a distinção entre eles é semântica.

Há controvérsia entre os estudiosos, tais como Pontes (1987), Decat (1989), Vasco (1999) dentre outros, se se trata de tópico, sujeito, estatuto de tópico como sujeito ou a reanálise dos elementos topicalizados como sujeitos gramaticais.

Pode-se inferir que estas construções sejam também decorrentes do uso pouco freqüente do **se**, no registro coloquial, seja ele índice de indeterminação do

sujeito ou partícula apassivadora ou de outras mudanças anteriores, a exemplo da simplificação nos paradigmas flexionais do verbo de seis pessoas para quatro ou três formas distintas, o que conduz à probabilidade de que está havendo reanálise do tópico como sujeito.

Pode-se também admitir que, como acontece com as línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, identificadas por Li e Thompson (1976), o tópico e sujeito já se mesclaram e não se distinguem mais os dois tipos.

Analisar-se-ão a seguir os fatores lingüísticos e extralingüísticos que podem favorecer ou inibir o uso de CTs.

## 4.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

A ocorrência das variáveis lingüísticas serão examinadas, observando-se os números absolutos.

### 4.2.4 Tipos de correferentes

É importante salientar que, dentre os tópicos identificados, os únicos que possuem correferentes são os Tópicos com Retomada. Em vista disso, cruzam-se esses tópicos com a função sintática exercida e os seus respectivos correferentes, objetivando examinar melhor a função sintática do elemento inicial e a qualidade do elemento de correferência nas décadas de 70 e 90. Os determinantes não foram relevantes, por essa razão não constam nas tabelas 2 e 3.

**Tabela 2:** Relação entre os Tipos de Correferentes e a Função Sintática do Tópico no uso do Tópico com Retomada no NURC 70.

Tipos de Correferentes	Pronome Lembrete		Nome Idêntico		Nome Genérico		Dêitico	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Sujeito	42/42	100	9/9	100	2/2	100	3/3	100
Objeto Direto	4/4	100	5/5	100	1/1	100	1/1	100
Objeto Indireto	-	-	1/1	100	-	-	-	-
Predicativo	-	-	2/2	100	-	-	-	-
Locativo	-	-	1/1	100	-	-	3/3	100

**Tabela 3:** Relação entre os Tipos de Correferentes e a Função Sintática do Tópico no uso do Tópico com Retomada no NURC 90.

Tipos de Correferentes	Pronome Lembrete		Nome Idêntico		Nome Genérico		Dêitico	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Sujeito	87/90	97	12/12	100	11/11	100	5/5	100
Objeto Direto	-	-	4/4	100	1/1	100	3/3	100
Objeto Indireto	2/2	100	4/4	100	-	-	2/2	100
Predicativo	-	-	2/2	100	-	-	-	-
Locativo	-	-	5/5	100	-	-	4/4	100

De acordo com Votre (1996, p.49),

Os recursos gramaticais usados para representar ou codificar referentes são apresentados de forma escalar, dos mais previsíveis aos menos previsíveis: anáfora zero, pronome, SN definido e SN indefinido [...] esses recursos estão disponíveis na língua para codificar a informatividade de um referente nominal a partir do conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

**O tópico com retomada** não possui anáfora zero, por essa razão esse tipo de correferente não se encontra nas tabelas 2 e 3. Em contrapartida, as demais CTs possuem anáfora zero. Em relação aos correferentes e função sintática, nas duas décadas, observa-se que o maior índice de correferente é o de pronome lembrete, sendo a função sintática de sujeito a de maior incidência. Observa-se, assim, que a hipótese foi confirmada. Em 70, todos os correferentes exercem a função de sujeito e de objeto direto, havendo ocorrência maior com o uso de pronome lembrete e nomes idênticos. O objeto indireto e o predicativo só se encontram com o nome idêntico, o locativo é encontrado com o nome idêntico e o dêitico. Em 90, todos os correferentes exercem a função de sujeito e objeto indireto, havendo prevalência do pronome lembrete. Em 70 e 90, o nome idêntico é encontrado em todas as funções, os nomes genéricos só aparecem na função sintática de sujeito e objeto e os dêíticos não aparecem na função de predicativo.

O pronome lembrete determina a concordância verbal. Pontes (1997) aventa a hipótese de que esses pronomes anafóricos são marcas de tópico no PB.

(119)“O **pneu**, ele tem uma borracha especial com alguma parte da dentro da borracha que é aderente.” (NURC 70, inf: 354)

(120)“**O rato**, ele teve uma atitude de gratidão com o leão.” (NURC 90, inf: 001)

Segundo Decat (1989), nos dados diacrônicos do seu estudo a correferência com pronome lembrete com a CT de sujeito não foi encontrada, uma vez que a correferência com a CT de sujeito se dava através de outros elementos ou era nula.



Decat (1989, p.114) acrescenta:

Essa tendência à inserção do pronome lexical sujeito reflete o resultado de mudança no sistema lingüístico da língua, qual seja, a do enfraquecimento da morfologia verbal no que diz respeito aos traços de pessoa. Houve, nesse caso como aponta Galves (1987:20-21), “a perda do caráter pronominal da flexão que terá que ser substituída sistematicamente pelo pronome lexical.” Vê-se assim uma mudança-o enfraquecimento conduzindo a outra, o preenchimento do sujeito[...]Com base na postulação de Langacker (1977) pode-se dizer que houve, no caso acima, uma mudança na morfologia verbal servindo como “causa” para a reanálise constituída pela inserção em pauta.

Kato (1998 p.127) cita o exemplo: “O Pedro, ele vem hoje” e diz que no Português do Brasil o caso pertence à cadeia que se forma entre o SN pleno, em posição inicial e o pronome. Para a lingüista o que se verifica então é que, qualquer que seja a posição do chamado tópico, no português, ele não poderá receber caso independentemente do pronome correferente, lexical ou nulo em posição argumental.

(MUSSALIM, BENTES, 2004, p.188) referem-se a esse tipo de tópico como sujeito e, a partir do exemplo: “**O Nelson**, ele saiu dos transportes... há mais ou menos sete... ou oito anos” (D2-SP-360:837), eles coadunam com a hipótese de Chafe (1976) de que o tipo de sujeito é, na realidade, um sujeito escolhido antecipadamente e, portanto, não homogeneamente integrado à sentença que segue.

Estas considerações de Kato (op. cit.) e de Bentes; Mussalim (op. cit.) vão de encontro aos postulados de muitos estudiosos em relação a esse tema.

Nesta pesquisa, atribui-se ao tópico com retomada na função de sujeito uma estratégia do falante, objetivando assegurar a recepção do seu discurso, havendo,

portanto, uma reativação do elemento deslocado. A inclusão do pronome lembrete é resultante do enfraquecimento da morfologia verbal em relação aos traços de pessoa, a saber, a sua inserção visa a dar conta do traço de pessoa perdido pela flexão verbal, o que corrobora o ponto de vista de Schlieben - Lange (1994, p.228), “... a sintaxe tem que compensar perdas na morfologia”.

Uma ilustração que aponta a redução do sistema flexional é recorrente nos exemplos extraídos dos *corpora*:

(121) “Agora **eu e minha irmã**, a gente sempre estudou nas Mercês.” (NURC 90, inf: 027)

(122) “... mas tanto **eu, como meus irmãos**, a gente sempre soube aproveitar a oportunidade que meus pais deram a gente estudar.” (NURC 90, inf: 027)

Esses enunciados são interpretados da seguinte forma: havendo um SN composto de 1ª pessoa na posição de tópico: **eu** (correspondente ao sujeito) a retomada por pronome lexical no singular favorece o emprego de uma forma verbal também no singular: **a gente**

É importante ressaltar, outrossim, que, dentre os tópicos com retomada, há um peculiar que é o tópico da primeira pessoa<sup>18</sup> Este possui uma estrutura caracterizada pelo elemento inicial **Eu**, repetido na sentença - comentário.

Observa-se essa construção tópica quando o falante centraliza seu discurso em sua própria pessoa, elaborando-o, a partir de suas experiências de vida, seus sentimentos e conceitos pessoais; não se trata, pois, do recurso repetitivo típico da língua, proveniente de hesitação, dúvida ou organização do pensamento. A função sintática deste tópico é sempre a de sujeito, o correferente é sempre o pronome **eu**, conforme o exemplo a seguir.

---

<sup>18</sup> Lambrecht (1994) o chama de *primary topic*.

(123)“... **eu... eu** acho assim, um dos momentos mais marcantes em minha vida, foi a passagem aqui pela escola técnica, **eu... eu** acho assim, **eu** gosto daqui demais, **eu** acho assim, marcou, porque também fiz boas amizades aqui, **eu** tive contato [...] **eu** aprendi cultura aqui...” (NURC 90, inf: 037)

Um fato importante a salientar, também, é que só houve uma ocorrência de clítico como correferente de tópico, a exemplo de:

(124)“Bom, **as massas**, eu devo lhe dizer o seguinte: nós preferimos, inclusive, fazê-las em casa.” (NURC 70, inf: 184)

É provável que esteja ocorrendo no PB a substituição do clítico pelo pronome tônico, conforme os exemplos a seguir:

(125)“**Quanto à música popular**, aprecio todas elas, fazendo algumas restrições às mais barulhentas.” (NURC 70, inf: 151)

(126)“porque eu acho que **os próprios policiais**, e, e, e eu não posso deixar de dar razão a eles.” (NURC 90, inf: 184)

Para Inês Duarte (2000, apud Orsini, 2005), “a mudança em curso no PB em direção aos sujeitos pronominais preenchidos, sugere uma tendência a cliticização dos pronomes retos, de modo usual intimamente ligados às formas verbais”.

Os tópicos com retomada correspondem a diferentes funções na oração, as quais são idênticas a dos seus correferentes na sentença-comentário. Observem-se os exemplos dos que obtiveram índices mais relevantes:

Sujeito → Correferente: pronome lembrete

(127)“Bom, **navio** geralmente ele parte de um ponto a outro.” (NURC 70, inf: 354)

Sujeito →Correferente: nome idêntico

(128)“**O bonde**... ah... o bonde era um negócio muito sério. O bonde que eu tomava era aquele bonde totalmente aberto.” (NURC 70, inf: 354)

Objeto Direto→ Correferente: nome idêntico

(129)“Mas **a escola**... eu acho que não tem escola nenhuma que faça esse... esse tipo de ensinamento, só na... universidade...” (NURC 70, inf: 301)

Outros correferentes são detectados, mas sem muita relevância, a exemplo dos dêiticos e dos nomes genéricos.

Observem-se os exemplos a seguir:

(130)“**Os Quatro Filhos, Colar de Lágrimas, essas novelas gigantescas** passavam anos a fio. (NURC 90, inf: 167)

(131) “**A criança, o bebê** normalmente fica mais coa fralda ou, ou com um shortzinho por cima da fralda(NURC 90, inf: 355)

Nota-se que o correferente sublinhado em (130) é um SN composto de muitos constituintes, visto que há necessidade de mais especificações para o referente imprevisível tornar-se acessível à mente do interlocutor, o mesmo não acontece em (131). Pragmaticamente, o uso maior ou menor da quantidade de forma do correferente está associado à previsibilidade da informação para o interlocutor.

#### 4.2.2 Função sintática

**Tabela 4:** Relação entre a Função Sintática do Tópico e as CTs no NURC 70

Função Sintática do Tópico	Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial		Tópico com retomada	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Sujeito	11/75	15	0/75	-	6/75	8	58/75	77
Objeto Direto	36/49	73	0/49	-	0/49	-	13/49	27
Objeto Indireto	2/11	18	8/11	73	0/11	-	1/11	9
Adjunto Adverbial	0/12	-	12/12	100	0/12	-	0/12	-
Predicativo	2/4	50	0/4	-	0/4	-	2/4	50
Complemento Nominal	1/2	50	1/12	8	0/12	-	5/12	42
Locativo	14/20	70	4/20	20	0/20	-	2/20	10

**Tabela 5:** Relação entre a Função Sintática do Tópico e as CTs no NURC 90

Função Sintática do Tópico	Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial		Tópico com retomada	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Sujeito	16/155	10	0/155	-	26/155	17	112/155	73
Objeto Direto	67/82	81	0/82	-	0/82	-	16/82	19
Objeto Indireto	5/34	15	21/34	62	0/34	-	8/34	23
Adjunto Adverbial	1/23	4	22/23	96	0/23	-	0/23	-
Predicativo	2/4	50	0/4	-	0/4	-	2/4	50
Complemento Nominal	2/6	33	3/6	50	0/6	-	1/6	17
Locativo	23/32	72	3/32	9	0/32	-	6/32	19

É importante salientar que, nas tabelas acima, não consta o tópico com quebra de seqüência, visto que este tópico não possui função sintática. Na análise das referidas tabelas, não haverá referência também ao tópico com retomada, visto que este foi abordado exhaustivamente com os seus correferentes em 4.2.1.

Ao examinar as tabelas , percebe-se que as funções sintáticas de tópicos mais relevantes, nas duas décadas, são as de objeto direto, de locativo e de sujeito, sempre havendo um número maior de ocorrências em 1990. Elas estão ilustradas nos excertos abaixo:

Topicalização de Objeto Direto:

(132)“**Outras farinhas**, não, não como \_\_\_ não.” (NURC 90, inf: 184)

Topicalização de locativo:

(133) “**Aqui na Bahia não** existem... tem com... tem conhecimento, assim, de... de... da coisa em cooperativa.” (NURC 70, inf: 360)

Topicalização de Sujeito:

(134) “**As moças baianas** acredito que \_\_\_ pela sua sensualidade, mais do que todas sempre se vestiram adequadamente.” (NURC90, inf: 230)

Nota-se, também, que as funções sintáticas de topicalização com supressão da preposição mais expressivas, em 1970 e 1990, são as de adjunto adverbial e objeto indireto. Observem-se os exemplos a seguir:

Topicalização de Adjunto adverbial:

(135)“**Carnaval** tá todo mundo na rua de todos os bairros \_\_\_.” (NURC90, inf: 004)

Topicalização de Objeto Indireto:

(136) “**A própria coalhada** nós já falamos \_\_\_.” (NURC 70, inf: 089)

### 4.2.3 Estrutura do tópic

**Tabela 6:** Relação entre a Estrutura do Tópico e as CTs no NURC 70

Estrutura do Tópico	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
SN Lexical	31/152	20	59/152	39	41/152	27	17/152	11	4/152	3
SN Pronominal	4/21	19	10/21	48	7/21	33	0/21	0	0/21	0
SN Complexo	0/8	0	6/8	74	1/8	13	1/8	13	0/8	0
Sentença	0/4	0	1/4	25	2/4	50	1/4	25	0/4	0
Sintagma Preposicional	25/47	54	3/47	6	17/47	36	0/47	0	2/47	4

**Tabela 7:** Relação entre a Estrutura do Tópico e as CTs no NURC 90

Estrutura do Tópico	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
SN Lexical	59/274	22	102/274	37	70/274	26	32/274	12	11/274	3
SN Pronominal	21/64	32	25/64	39	5/64	8	8/64	13	5/64	8
SN Complexo	5/26	19	6/26	13	10/26	39	4/26	15	1/26	4
Sentença	0/10	0	6/10	60	2/10	20	1/10	10	1/10	10
Sintagma Preposicional	16/58	27	7/58	12	27/58	47	0/58	0	8/58	14

Confrontando-se as tabelas acima, confirma-se a hipótese de que a estrutura de tópico mais recorrente é a constituída de SN lexical. Em 70 e 90, respectivamente, essa estrutura é encontrada em todas as CTs, sendo mais freqüente nos tópicos com retomada (39%), em 70, e (37%) em 90, topicalização

(27%) em 70 e (26%) em 90, e tópicos com quebra de seqüência (20%) em 70 e (22%) em 90.

Em 70, observa-se que a segunda estrutura tópica de maior relevância é a de SP, nos tópicos com quebra de seqüência, nas topicalizações e nos tópicos com retomada. Em 90, ocorre o SN pronominal, com mais freqüência nos tópicos com retomada e nos tópicos com quebra de seqüência.

Observem-se os excertos abaixo:

Tópico com retomada com estrutura SN Lexical:

(137)“mas **o motorista...** ele lhe dá o troco numa rapidez contando o dinheiro numas caixinhas que o dinheiro fica ali empilhado.” (NURC 90, inf: 230)

Topicalização com estrutura SN lexical:

(138)“**Aquela sobra de terreno**, então o pessoal aproveitou.” (NURC 90, inf: 037)

Tópicos com quebra de seqüência com estrutura SN lexical:

(139)“**O lavabo**, como só é a pia, então seria... o mármore.” (NURC 90, inf: 001)

Tópico com supressão da preposição com SN Lexical:

(140)“Então **Sábado** eu prefiro ir pra... assim, pra um restaurante do que ir a um cinema.” (NURC 70, inf: 118)

Tópico sujeito especial com a estrutura SN Lexical:

(141)“e **a lua cheia**, geralmente, tem grandes marés.” (NURC 70, inf: 164)

As estruturas com SN pronominal são também recorrentes nos dados desta pesquisa, a exemplo de:

Tópico com retomada com a estrutura SN pronominal

(142)“**Eu**, eu lidei com terra, com planta, essas coisa toda porque eu pra criança se desenvolver pelo menos na minha opinião...” (NURC 90, Inf: 001)



Topicalização com a estrutura SN pronominal:

(143) Doc: “O senado é o maior ladrão.”

Inf: “infelizmente, infelizmente **isso** eu já dizia modéstia a parte há muito tempo.” (NURC 90, inf: 184)

Detectaram-se ainda ocorrências de estruturas tópicas com SN complexo ilustradas em (144), com Sentença em (145), e com SA em (146), mas não relevantes.

(144)“porque **a casa que meu pai está construindo**, eu acho que sai muito grande, entendeu?” (NURC 90, inf: 001)

(145)“Agora, assim, **como era ele por dentro**, eu francamente não me lembro mais.”(NURC 70, inf: 354)

(146)“**Colorido**, eu não gosto.” (NURC 90, inf: 007)

Um outro aspecto importante a abordar é que, nos dados, aparecem CTs com SNs vazios, que são facilmente recuperados, tendo em vista os contextos anteriores.

(147)“**A do dia-a dia** (roupa) que ele vai trabalhar ele repete.” (NURC 70, inf: 354)

(148)“...**a moderna** (a casa moderna) de qualquer forma, você teria um... uma arquitetura toda moderna...oh... você vê por exemplo o emprego de um material mais novo.”(NURC 70,inf:224)

Os dados demonstram que não há restrição às estruturas tópicas examinadas.

#### 4.2.4 Tipo de verbo

**Tabela 8:** Relação entre o Tipo de Verbo e as CTs no NURC 70

Tipo de Verbo	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Transitivo	48/189	25	63/189	33	58/189	31	16/189	9	4/189	2
Intransitivo	1/12	9	3/12	25	6/12	50	1/12	8	1/12	8
Cópula	11/32	34	13/32	41	5/32	16	2/32	6	1/32	3

**Tabela 9:** Relação entre o Tipo de Verbo e as CTs no NURC 90

Tipo de Verbo	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Transitivo	68/333	20	102/333	31	103/333	31	39/333	12	21/333	6
Intransitivo	3/10	30	4/10	40	3/10	30	0/10	0	0/10	0
Cópula	30/94	32	42/94	44	9/94	10	8/94	9	5/94	5

Observando-se as tabelas 8 e 9, percebe-se que mais uma vez a hipótese é confirmada. O tipo de verbo mais usado em todas as CTs, nas duas décadas, é o transitivo, com 189 ocorrências em 70, e 333 em 90. Em 1970, há um percentual de (33%) nos tópicos com retomada, (31%) na topicalização e (25%) no tópico com quebra de seqüência. Em menor percentagem, (9%) na topicalização com supressão da preposição e (2%) nos tópicos sujeitos especiais. Em 90, há uma equiparação de (31%) entre os tópicos com retomada e a topicalização, e (20%) nos tópicos com quebra de seqüência, tendo também um índice baixo no tópico com supressão da preposição (12%) e nos tópicos sujeitos especiais (6%).

De acordo com Votre (1996, p.60),

[...] Quanto ao parâmetro de transitividade, como uma propriedade da oração, seguimos a orientação de Hopper & Thompson (1980) que vêem transitividade como uma dimensão num *continuum* formado por traços de natureza semântica, e gramatical, alguns relativos aos argumentos, outros relativos ao verbo, e alguns à própria oração [...]. A relação entre transitividade, figura/fundo e topicidade é transparente, no sentido de que as orações mais transitivas normalmente se situam em seqüências temporais, de figura, em que se verificam cadeias tópicas, a respeito de referentes agentes.

Pode-se admitir que o verbo transitivo favorece o uso de tópico, principalmente, os tópicos com retomada e a topicalização. Observem-se os exemplos a seguir:

Verbos transitivos no tópico com retomada:

(149)“Eu sei que **os sindicatos**, eles tem um.. um um conselho, um corpo administrativo do sindicato.” (NURC 70, inf: 360)

Topicalização:

(150)“**rádio** também a gente pode encontrar a pilhas...” (NURC 70, inf: 224)

O segundo tipo de verbo mais usado, nas duas décadas, é a cópula com os tópicos com retomada, com tópicos com quebra de seqüência e topicalização, cujo índice é inexpressivo. Em 70, em um total de 32 ocorrências, houve um percentual de (41%) no tópico com retomada, (34%) no tópico com quebra de seqüência e (16%) na topicalização. Em 90, em um total de 94 ocorrências, obteve-se (44%) no tópico com retomada, (32%) no tópico com quebra de seqüência e (10%) na topicalização.

Quanto aos verbos intransitivos, a ocorrência foi pouca. Do total de 12 ocorrências em 1970, identificaram-se (50%) na topicalização e (9%) nos tópicos com quebra de seqüência. Já na década de 90, num total de 10 ocorrências, distribuíram-se (40%) nos tópicos com retomada e (30%) nos tópicos com quebra de seqüência e topicalização, respectivamente.

#### 4.2.5 Contexto em que ocorre o tópico

**Tabela 10:** Relação entre o Contexto em que Ocorre o Tópico e as CTs no NURC 70.

Contexto em que ocorre o tópico	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Inicial			68/207	33	62/207	30	15/207	7	5/207	2
Interno à sentença	3/26	12	57/207	28	7/26	27	4/26	15	1/26	4

**Tabela 11:** Relação entre o Contexto em que Ocorre o Tópico e as CTs no NURC 90

Contexto em que ocorre o tópico	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Inicial	85/361	24	122/361	34	94/361	26	42/361	12	18/361	4
Interno à sentença	16/76	21	26/76	34	21/76	28	5/76	7	8/76	10

Em 1970, observaram-se 207 construções tópicas em contexto inicial, distribuídas percentualmente: (33%) entre os tópicos com retomada, (30%) entre as topicalizações, (28%) entre os tópicos com quebra de seqüência, (7%) entre as

topicalizações com supressão da preposição e (2%) entre os tópicos sujeitos especiais. Em 1990, há ocorrência de 361 CTs em contexto inicial, distribuídas da seguinte forma: (34%) entre os tópicos com retomada, (26%) entre as topicalizações, (24%) entre os tópicos com quebra de seqüência, (12%) entre os tópicos com supressão da preposição e (4%) entre os tópicos sujeitos. Percebe-se que, nas duas décadas, a distribuição foi quase idêntica.

Cabe lembrar que todas as ocorrências de construção de tópico marcado estão sendo examinadas em números absolutos.

Em relação ao contexto interno à sentença, verifica-se que em 70, há 26 ocorrências, sendo o mais alto percentual nos tópicos com retomada (42%), seguidos de (27%) nas topicalizações, (15%) nas topicalizações com supressão da preposição, (12%) nos tópicos com quebra de seqüência e (4%) nos sujeitos especiais. Em 90, há a ocorrência de 76 CTs, internos à sentença, estando (34%) nos tópicos com retomada, (28%) nas topicalizações e (21%) nos tópicos com quebra de seqüência, (10%) nos tópicos especiais e (7%) nas topicalizações com supressão da preposição.

Como era esperado, o contexto favorecedor de CTs é o inicial, apesar de encontrá-las também no interior da sentença, como elemento inicial de orações subordinadas ou coordenadas. Ser o elemento inicial da sentença é uma das características de tópico nas línguas de tópico, arroladas por Li e Thompson (1976). Para esses lingüistas, a posição inicial de tópico está ligada à sua função no discurso: se ele anuncia o tema do discurso, é natural que ele venha primeiro.

Exemplo de tópico em posição inicial em oração absoluta:

(151)“**o termo técnico**, realmente eu não conheço.” (NURC 70, inf: 118)

Exemplo de tópico interno à sentença, inserido em oração subordinada:

(152)“Eu acho que **a gravata** tem gente que ainda usa.” (NURC 70. Inf: 234)

#### 4.2.6 Traço semântico do tópico

**Tabela 12:** Relação entre o Traço Semântico do Tópico e as CTs no NURC 70

Traço Semântico do Tópico	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
+ Humano	6/24	25	14/24	59	2/24	8	2/24	8	0/24	0
- Humano	54/209	26	65/209	31	67/209	32	17/209	8	6/209	3

**Tabela 13:** Relação entre o Traço Semântico do Tópico e as CTs no NURC 90

Traço Semântico do Tópico	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
+ Humano	25/105	24	67/105	63	6/105	6	6/105	6	1/105	1
- Humano	76/332	23	81/332	24	109/332	33	41/332	12	25/332	8

Em 70, há 209 ocorrências de traço [-humano] e 24 de traço [+ humano]. Em relação ao traço [-humano], identificam-se (32%) de uso nas topicalizações, (31%) nos tópicos com retomada, (26%) nos tópicos com quebra de seqüência, (8%) nas topicalizações com supressão da preposição e (3%) nos tópicos especiais. Em 90, há 332 ocorrências de traço [-humano], observando-se um percentual de (33%) na topicalização, seguidos de (24%) no tópico com retomada, (23%) no tópico com quebra de seqüência, (12%) na topicalização com supressão de preposição e (8%) no tópico sujeito especial. Em ambas as décadas, as CTs ocorrem mais com elementos [-humano].

É importante ressaltar, entretanto, que em relação ao tópico com retomada, o índice percentual documentado do traço [+ humano] é bem alto. Esse alto índice, (59%) em 70 e (63%) em 90, pode indicar uma associação entre esse correferente e o uso do pronome lembrete. Esse pronome dificilmente ocorre com antecedente [- humano]. Pode-se deduzir que o antecedente [+ humano] favorece o uso do pronome lembrete no tópico com retomada.

#### 4.2.7 Elemento interveniente entre o tópico e o comentário

Os elementos intervenientes são intercalados, em geral, entre o SN e o SV ou entre o tópico e comentário, mas é desconectado da estrutura do SN. É importante ressaltar que os elementos intervenientes, como “né” e “não é” não pertencem à estrutura da oração propriamente dita; são, portanto constituintes extra-oracionais que servem a variadas funções pragmáticas.

**Tabela 14:** Relação entre o Elemento Interveniente e as CTs no NURC 70

Elemento Interveniente entre o tópico e o comentário	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Presença	24/ 89	27	35/ 89	39	22 / 89	26	4/89	4	4/89	4
Ausência	36/ 144	25	44/ 144	31	47/144	33	15/144	10	2/144	1

**Tabela 15:** Relação entre o Elemento Interveniente e as CTs no NURC 90

Elemento Interveniente entre o tópico e o comentário	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Presença	40/140	29	57/140	41	27/140	19	10/140	7	6/140	4
Ausência	61/296	21	91/296	31	87/296	29	37/296	13	20/296	6

Observando-se as tabelas 14 e 15, percebe-se que há mais ausência de elementos intervenientes do que presença. Em 1970, há 144 ocorrências de ausências e 89 de presenças, as quais distribuem-se da seguinte maneira: Ausência: (33%) nas topicalizações, (31%) nos tópicos com retomada, (25%) nos tópicos com quebra de seqüência, (10%) com tópico com supressão da preposição e (1%) nos tópicos especiais. Presença: (39%) nos tópicos com retomada, (27%) nos tópicos com quebra de seqüência, (26%) nas topicalizações, (4%) nas topicalizações com supressão da preposição e (4%) nos tópicos sujeitos especiais.

Em 1990, há um total de 296 ausências e 140 presenças, distribuídas da seguinte forma: Ausência – (31%) nos tópicos com retomada, (29%) nas topicalizações, (21%) nos tópicos com quebra de seqüência, (13%) nas topicalizações com supressão da preposição e (6%) nos tópicos sujeitos especiais. Presença – (41%) nos tópicos com retomada, (29%) nos tópicos com quebra de seqüência, (19%) nas topicalizações, (7%) nas topicalizações com supressão da preposição, e (4%) nos tópicos sujeitos especiais.

O que se pode depreender desses dados é que, embora o índice de ausência de elementos intervenientes seja maior, a presença de elementos intervenientes é muito recorrente em quase todas as construções tópicas arroladas nessa investigação, sendo portanto, uma variável altamente pertinente. Outro aspecto importante a salientar é que o índice mais alto desses elementos ocorre nos tópicos com retomada em ambas as décadas. Tal fato pode indicar que o falante, ao usar o elemento interveniente, sente a necessidade de recuperar na memória o referente do SN que ficou para trás e, assim, insere o pronome lembrete.



Esta análise coaduna-se com a hipótese de Mollica (1997, p.288) “[...] há maior chance do pronome cópia ocorrer proporcionalmente ao grau de distanciamento existente entre o núcleo do SN e o **que** (grifo nosso)”.

#### 4.2.8 Posição do sujeito no comentário

**Tabela 16:** Relação entre a Posição do Sujeito no Comentário e as CTs no NURC 70

Posição do Sujeito no Comentário	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Pré-verbal	53/189	28	69/189	37	48/189	25	13/189	7	6/189	3
Pós-verbal	1/13	8	4/13	31	7/13	53	1/13	8	0/13	-

**Tabela 17:** Relação entre a Posição do Sujeito no Comentário e as CTs no NURC 90

Posição do Sujeito no Comentário	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Pré-verbal	86/364	24	143/364	39	71/364	20	38/364	10	26/364	7
Pós-verbal	3/8	37	1/8	13	2/8	25	2/8	25	0/8	-

As tabelas referentes a 1970 e 1990 demonstram que a posição predominante do sujeito é a pré-verbal. As pesquisas apontam que a ordem não marcada para a sentença em português é SVO, atuando fortemente em tensão com a ordem marcada.

A ordem de ocorrência é a mesma para os diferentes tópicos. Em 1970, num total de 189 ocorrências, em primeiro lugar, situa-se o tópico com retomada com (37%), seguido do tópico com quebra de seqüência (28%), da topicalização (25%), da topicalização com supressão da preposição (7%) e dos tópicos sujeitos

especiais (3%). Em 1990, num total de 364 ocorrências, em primeiro lugar, situa-se o tópico com retomada (39%), seguido do tópico com quebra de seqüência (24%), da topicalização (20%), da topicalização com supressão da preposição (10%) e dos tópicos sujeitos especiais (7%).

A posição de sujeito pós-verbal é irrelevante nas duas décadas, havendo ocorrências mínimas, as quais foram mais notadas em verbos existenciais. Sabe-se que a construção VS é mais conservadora, portanto mais ligada à língua escrita.

Chaves (1989), através de suas pesquisas, demonstra que os fatores que mais favorecem a ordem VS no português de fronteira são: o sujeito não animado, a presença do advérbio inicial, a ausência de flexão, o verbo intransitivo, o sujeito definido e o sujeito novo.

Estes índices não surpreendem, em razão da pressão normatizadora da escola que privilegia a ordem canônica SVO.

Segundo Votre (1996, p.56),

A construção VS é utilizada em situações de segundo plano, muitas vezes puramente descritivas. O fato do S não ser alvo de fluxo informacional faz com que não se atribuam muitas ações a ele. Isso naturalmente implica num conflito inerente entre VS e verbos transitivos, uma vez que os últimos, por definição, possuem um argumento, para o qual uma ação poderia ser transferida, produzindo alto grau de atividade. [...] em nossos dados encontramos vários casos em que VS ocorre com orações transitivas, mas em que nenhum objeto é efetivamente utilizado.

Mollica (2003, p.59) diz que o *status* informacional está ligado à ordenação verbo e sujeito. No século XVIII, o *status* informacional era o determinante mais

poderoso da ordem VS, isto é, quanto maior a novidade do referente do SN, maior a probabilidade de que ele aparecesse posposto ao verbo.

No decorrer dos anos, essa variável perde primazia, isto é, a ordem VS passa a ser condicionada prioritariamente pelo tipo do verbo predicador: verbo intransitivo não-existencial, verbo de ligação, expressão fixa, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto, verbo bitransitivo. Pode-se admitir que a ordem SV predomina no PB.

Segundo Pontes (1987 p.163),

A ordem VS se mantém em casos especiais, sobretudo em orações marcadas em relação à oração declarativa, afirmativa e neutra. Sua função no discurso está ligada à introdução de elementos novos. O fator surpresa ou descontinuidade do tópico está presente na maioria dos casos.

#### 4.2.9 Preenchimento do sujeito

**Tabela 18:** Relação entre o Preenchimento do Sujeito e as CTs no NURC 70

Preenchimento do Sujeito	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Sujeito Presente	54/202	27	73/202	36	55/202	27	14/202	7	6/202	3
Sujeito Ausente	6/31	19	6/31	19	14/31	46	5/31	16	0/31	-

**Tabela 19:** Relação entre o Preenchimento do Sujeito e as CTs no NURC 90

Preenchimento do Sujeito	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Sujeito Presente	89/372	24	144/372	38	73/372	20	40/372	11	26/372	7
Sujeito Ausente	12/65	18	4/65	6	42/65	65	7/65	11	0/65	-

Observa-se, nas tabelas 18 e 19, que há predominância do preenchimento do sujeito, no comentário, nas duas décadas. Em 70, de um total de 202 ocorrências, há (36%) de sujeitos preenchidos nos tópicos com retomada, seguidos de (27%) no tópico com quebra de seqüência e topicalização, respectivamente, (7%) na topicalização com supressão da preposição e (3%) nos tópicos sujeitos especiais. O não-preenchimento do sujeito obtém índices baixíssimos: 31 ocorrências, sendo (14%) na topicalização.

Os dados de 1990 não são muito diferentes. Num total de 372 ocorrências, registram-se (38%) nos tópicos com retomada, (24%) nos tópicos com quebra de seqüência, (20%) nas topicalizações, (11%) nas topicalizações com supressão da preposição e (7%) nos tópicos sujeitos especiais.

Está havendo uma mudança no quadro pronominal do PB, a exemplo da redução no quadro flexional, o que leva ao preenchimento da posição de sujeito e da rejeição ao uso dos clíticos acusativos de 3ª pessoa e aos pronomes retos em função de objeto. Estes acarretam um maior número de topicalização de OD, aqueles levam ao incremento de tópico com retomada com pronome lembrete na função de sujeito.

#### 4.3 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS

A literatura lingüística tem apresentado muitos trabalhos que fornecem diferentes explicações sobre as variáveis extralingüísticas e a sua relação com fenômenos de variação lingüística, dentre elas, gênero, faixa etária e tempo, as quais são enfocadas neste trabalho.

Para analisar a faixa etária, observem-se as tabelas abaixo:

#### 4.3.1 Faixa etária e tempo

**Tabela 20:** Relação entre a Faixa Etária e as CTs no NURC 70

Faixa Etária	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Faixa 1	18/73	25	19/73	26	25/73	34	10/73	14	1/73	1
Faixa 2	30/97	31	32/97	33	25/97	26	7/97	7	3/97	3
Faixa 3	12/63	19	28/63	44	19/63	31	2/63	3	2/63	3

**Tabela 21:** Relação entre a Faixa Etária e as CTs no NURC 90

Faixa Etária	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Faixa 1	42/176	24	71/176	40	37/176	21	21/176	12	5/176	3
Faixa 2	38/144	27	42/144	29	35/144	24	13/144	9	16/144	11
Faixa 3	21/117	18	35/117	30	43/117	37	13/117	11	5/117	4

A tabela de 1970 demonstra que a faixa etária II usa mais tópicos do que as demais. Em um total de 97 ocorrências, (33%) são usadas nos tópicos com retomada, (31%) no tópico com quebra de seqüência, (26%) na topicalização com supressão da preposição, (7%) na topicalização com supressão da preposição e (3%) nos tópicos sujeitos especiais. Na faixa I, num total de 73 ocorrências, nos jovens, o percentual mais alto é a topicalização com (34%), seguido de (26%) de tópico com retomada, (25%) de tópico com quebra de seqüência. A faixa III obteve frequência menor. Num total de 63 ocorrências, os tópicos mais usados são os

tópicos com retomada (44%), seguidos das topicalização (31%), dos tópicos com quebra de seqüência (19%), (3%) de topicalização com supressão da preposição e dos tópicos sujeitos especiais, respectivamente.

Em 1990, o comportamento das CTs em relação às faixas etárias diferiu um pouco. A faixa etária que mais usa CTs é a faixa I. De 176 ocorrências, (40%) são referentes ao tópico com retomada, (24%) referentes ao tópico com quebra de seqüência, (21%) referentes à topicalização, (12%) referentes à topicalização com supressão da preposição e (3%) referentes ao tópico sujeito especial. O segundo lugar cabe à faixa II. Em um total de 144 ocorrências, (29%) dos falantes usam tópico com retomada, (27%) usam tópico com quebra de seqüência, (24%) usam topicalização, coincidindo com a mesma ordem da faixa I, apesar de as ocorrências de 90 serem maiores. A faixa III, com 117 ocorrências, utiliza mais a topicalização (37%), seguido do tópico com retomada (30%) e do tópico com quebra de seqüência (18%). Essa ordem coincide com a da faixa III de 70.

Segundo Martellota (2003, p.68),

A mudança lingüística não pode ser entendida em termos de uma diacronia linear, caracterizada por transformações decorrentes da evolução temporal. Na abordagem funcionalista, o fator tempo, embora ajude, em alguns casos na avaliação objetiva da hipótese da unidirecionalidade, não é primordial para a compreensão da mudança lingüística; constituindo a análise diacrônica apenas uma das estratégias possíveis para atestar as tendências pancrônicas (Saussure, 1916/ 1973) que parecem estar mais associados à capacidade humana de interpretar o mundo e expressá-lo a outros indivíduos.

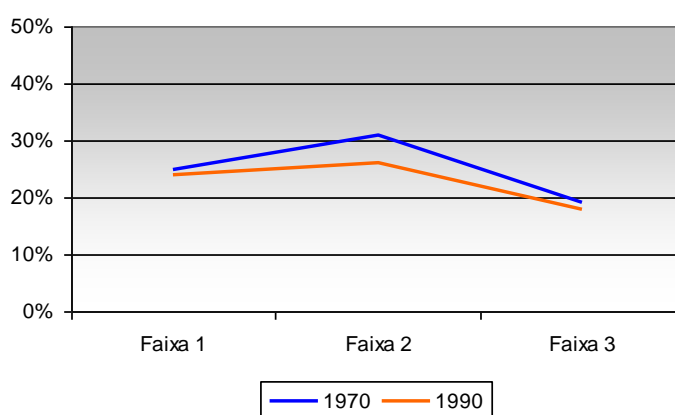
Em 1970, a hipótese em relação à faixa etária não é confirmada, uma vez que a faixa II usa mais tópicos que a I e a III. Sabe-se que, quando uma variação

indica processo de mudança, os mais jovens são os que utilizam mais uma variante; e os mais velhos a utilizam menos.

Em 1990, a hipótese é confirmada, os jovens usam mais CTs, seguidos da faixa intermediária e dos mais velhos. O fator idade apresenta dados significativos, uma vez que a frequência de uso de CTs diminui à medida que o falante envelhece.

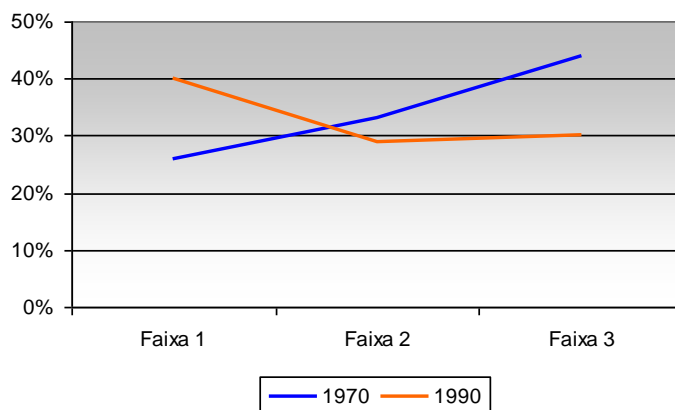
Para uma melhor visualização, observem-se os gráficos a seguir, obtidos com o cruzamento do Tempo e Faixa Etária, com os diferentes tópicos, cuja incidência é analisada em números relativos.

**Gráfico 3:** Relação entre Faixa Etária e Tempo no Tópico com Quebra de Seqüência



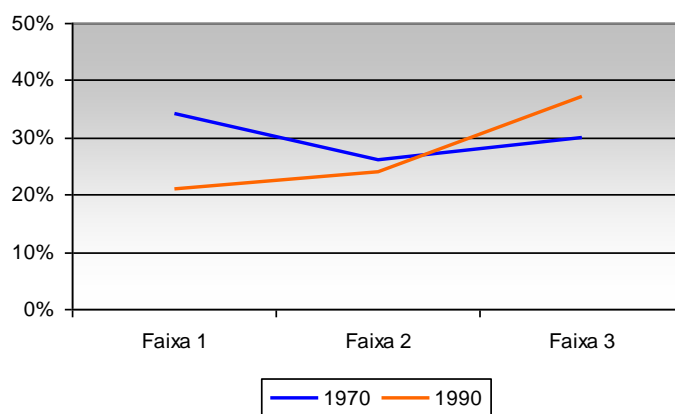
Esses tópicos, em 70 e 90, são mais utilizados pela faixa intermediária.

**Gráfico 4:** Relação entre Faixa Etária e Tempo no Tópico com Retomada



Em 70, os Tópicos com Retomada são mais utilizados pelos falantes mais velhos. Em 90, são mais utilizados pelos jovens.

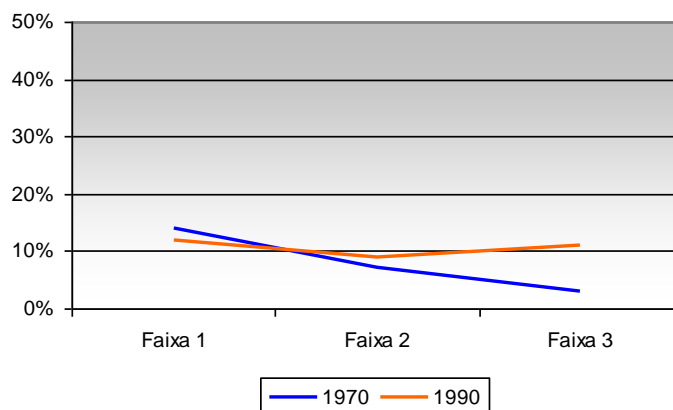
**Gráfico 5:** Relação entre Faixa Etária e Tempo na Topicalização



A topicalização é mais utilizada, em 90, pela faixa III e, em 70, pela faixa I.

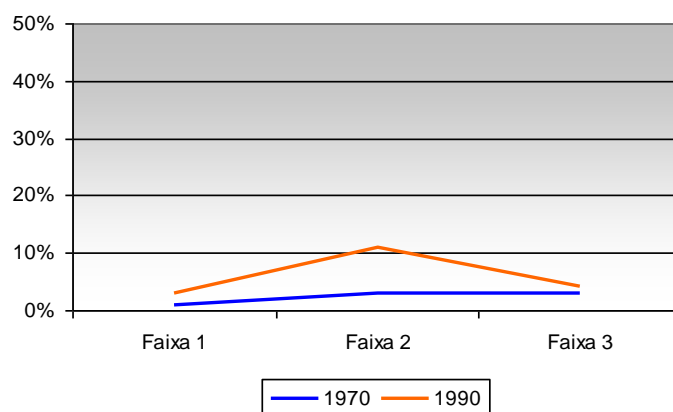


**Gráfico 6:** Relação entre Faixa Etária e Tempo na Topicalização com Supressão da Preposição



Na topicalização com supressão da preposição, há um equilíbrio entre as duas décadas. Em 70, a hipótese é confirmada, os jovens usam mais CTs, seguidos dos da faixa intermediária e dos mais velhos. A idade apresenta dados significativos, uma vez que a freqüência de uso de CTs diminui à medida que o falante envelhece. Em 90, esse tipo de construção tópica é também mais utilizado pelos falantes mais novos, seguidos dos mais velhos e dos intermediários.

**Gráfico 7:** Relação entre a Faixa Etária e Tempo no Tópico Sujeito Especial



Em 70, este tópico apresenta um índice baixíssimo em todas as faixas. Em 90, é mais utilizado na faixa II, apresentando um índice aproximado entre as faixas I e III.

A implementação dessa construção tópica no PB pode estar relacionada às mudanças por que passa o sistema pronominal do PB, a exemplo da redução no seu quadro flexional.

#### 4.3.2 Gênero e tempo

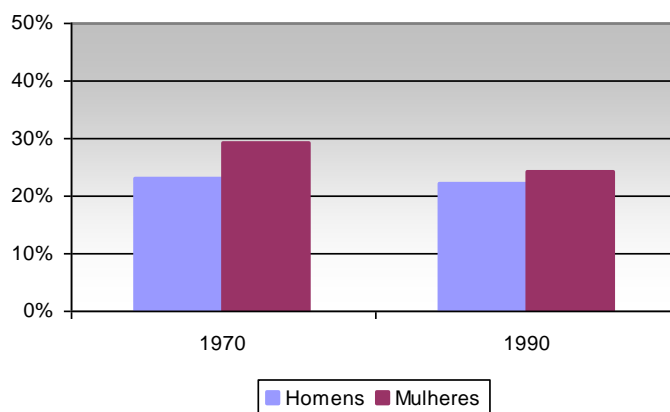
Para a análise do gênero observem-se as tabelas e gráficos a seguir.

**Tabela 22:** Relação entre Gênero e CTs no NURC 70

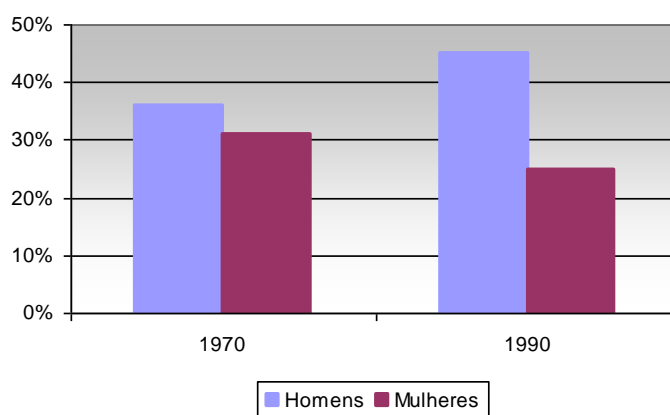
Gênero	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Masculino	29 /127	23	46/127	36	36/127	28	11/127	9	5/127	4
Feminino	31 /106	29	33/106	31	33/106	31	8/106	8	1/106	1

**Tabela 23:** Relação entre Gênero e CTs no NURC 90

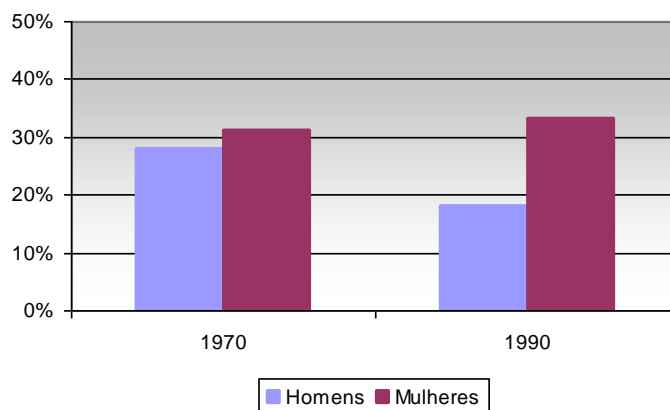
Gênero	Tópico com quebra de seqüência		Tópico com retomada		Topicalização		Topicalização com supressão da preposição		Tópico sujeito especial	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Masculino	41/190	22	86/190	45	34/190	18	16/190	8	13/190	7
Feminino	60/247	24	62/247	25	81/247	33	31/247	13	13/247	5

**Gráfico 8:** Relação entre Gênero e Tempo no Tópico com Quebra de Seqüência

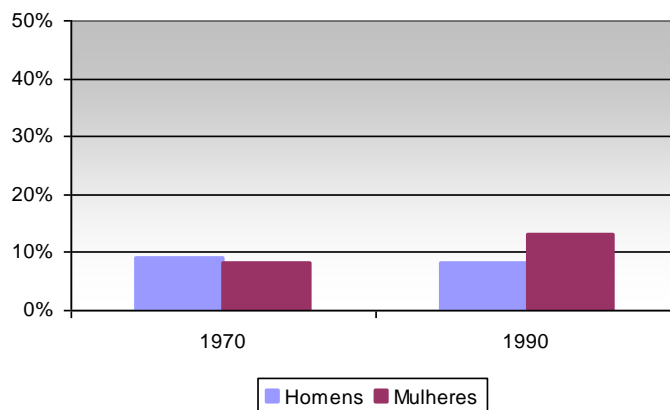
Nas duas décadas, esse tópico é mais utilizado pelas mulheres.

**Gráfico 9:** Relação entre Gênero e Tempo no Tópico com Retomada

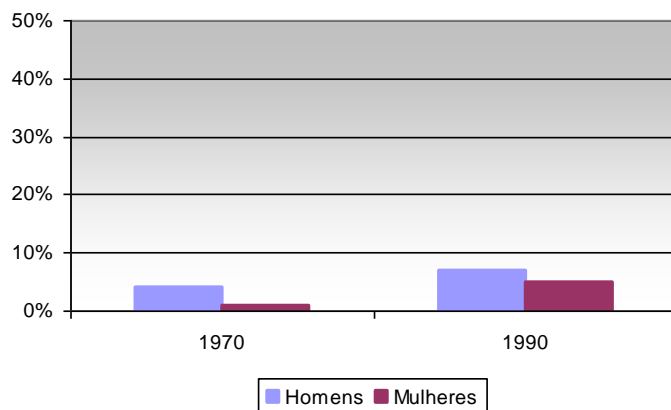
Em 70 e 90, esse tópico é mais utilizado pelos homens.

**Gráfico 10:** Relação entre Gênero e Tempo na Topicalização

Em 70 e 90, as mulheres usam mais esse tipo de construção tópica.

**Gráfico 11:** Relação entre Gênero e Tempo na Topicalização com Supressão da Preposição

Em 90, as mulheres utilizam mais essa construção, entretanto, em 70, os homens lideram o uso com uma diferença de percentual mínima em relação às mulheres.

**Gráfico 12:** Relação entre Gênero e Tempo no Tópico Sujeito Especial

Esta estrutura tópica é mais usada pelos homens de 70 e de 90

Através das tabelas 22 e 23, observa-se que, em 1970, os homens usam mais tópicos do que as mulheres. Em 90, a diferença no percentual entre homens e mulheres é mínima. Num total de 127 ocorrências, os tópicos mais utilizados pelos homens são: tópico com retomada (36%), tópico com supressão da preposição (9%) e tópico sujeito especial (4%). Num total de 106 ocorrências, as mulheres utilizam mais o tópico com quebra de seqüência (29%) e a topicalização (31%).

Em 1990, as mulheres usam mais tópicos do que os homens, embora a diferença não seja muito expressiva. Em um total de 247 ocorrências, o índice de percentual maior é a topicalização (33%), seguindo-se o de tópico com quebra de seqüência (24%) e o de topicalização com supressão da preposição (13%). Em um total de 190 ocorrências, os homens utilizam mais o tópico com retomada (45%), seguindo-se o tópico sujeito especial (7%).

A análise das amostras constata que, na década de 90, as mulheres usam mais tópicos do que os homens, apesar de as construções tópicas não fazerem parte da norma padrão. Pode ser que isso ocorra pelo fato de essas construções não serem estigmatizadas.

Após a análise das variáveis lingüísticas e extralingüísticas, o que se pode deduzir é que, em números absolutos, houve incremento de construções de tópico marcado em 90; em termos relativos, entretanto, a proporção foi quase a mesma.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dos estudos sobre a língua em uso é inegável. Exposto à conversação, o homem adquire a linguagem articulada e, simultaneamente, as formas básicas de socialização. Por outro lado, cabe lembrar que o significado de enunciados e de itens lexicais deverá levar em consideração o contexto lingüístico e situacional em que são empregados.

Segundo Marcuschi (1995, p.1),

Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala, mas não como um ser que escreve, o que traduz a convicção tão generalizada quanto trivial de que a escrita é derivada e a fala é primária. Não é necessária muita genialidade para constatar que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita. Não se trata, com isso, de colocar a oralidade como mais importante, mas de perceber que a oralidade tem uma primazia cronológica indiscutível.

Os avanços nos estudos acerca da língua falada demonstram que ela é uma modalidade de língua que possui determinadas características que a diferenciam da escrita. Assim, não se pode conceber o seu coloquialismo como algo confuso e condenar as expressões usadas na fala que necessitam de interpretação contextual como desvios da norma-padrão ou erros, a exemplo da estrutura tópico-comentário. A investigação dessas construções ultrapassa os limites de uma análise estritamente sintática, pois sua interpretação semântica está relacionada ao contexto do discurso, ou pragmático, ou seja, a ocorrência de CTs atende a motivações discursivas, quer por necessidades comunicativas não satisfeitas, quer pela ausência de designações lingüísticas para determinados conteúdos cognitivos.

Nas gramáticas normativas, tal fenômeno sequer é nomeado, ele é ignorado como se não estivesse presente na linguagem em uso no PB.

De acordo com Bagno (1999, p.128), há uma explicação científica perfeitamente demonstrável para tudo que é considerado desvio da norma-padrão pelos gramáticos conservadores. Eles não se dão conta de que os “erros” são fenômenos amplos de variação, de uma transformação que está se processando nos mecanismos de funcionamento geral da língua.

Essas observações reforçam a teoria funcional, pois ela afirma que os processos de mudança lingüística não se dão de forma arbitrária, mas de mudanças decorrentes de pressões de uso e de pressões cognitivas.

O estudo sobre as construções de tópico marcado na fala culta de Salvador trouxe à baila revelações muito mais relevantes do que a velha dicotomia do certo e errado que ainda está enraizada na mentalidade dos defensores do tradicionalismo normativista.

A presente investigação procurou analisar os dados, fundamentando-se em aspectos teóricos e metodológicos da Sociolingüística, do Funcionalismo e da Pragmática, embasando-se em pesquisas realizadas sobre as CTs, como os estudos de Li e Thompson (1976), Pontes (1987), Chafe (1976), Decat (1989), Vasco (1999), Mollica e Braga (2003), Castilho (1997), Duarte (2003), para fornecer respostas às questões norteadoras das hipóteses investigadas, apresentadas na introdução da presente pesquisa:

- a) Quais os principais tipos e características de tópicos marcados na fala culta dos soteropolitanos?

Identificam-se cinco tipos de construção de tópico marcado na fala culta de Salvador, nas décadas de 70 e 90, cujas características são diferenciadas. São eles:



**tópico com quebra de seqüência, tópico com retomada, topicalização, topicalização com supressão da preposição e tópico sujeito especial.**

O **tópico com quebra de seqüência** caracteriza-se por não apresentar nenhuma relação argumental com o verbo; a relação com o comentário é puramente semântica.

O **tópico com retomada** tem como característica principal retomar o que foi dito antes, através de um correferente na sentença - comentário.

A **topicalização** caracteriza-se pela existência de uma lacuna que seria ocupada pelo elemento topicalizado em frase com a ordem SVO.

A **topicalização com supressão da preposição** é uma variante da topicalização, recorrente na modalidade falada, e não possui a preposição. Mas esta é facilmente recuperada no contexto.

O **tópico sujeito especial** caracteriza-se pela sua similaridade com o sujeito gramatical, em situação de posição inicial e existência da concordância verbal. Ele instaura a ordem canônica SVO. Essa construção é conhecida como caso limítrofe, pois o constituinte inicial é analisado ora como tópico, ora como sujeito.

Nas duas décadas, os tópicos mais usados são o **tópico com retomada** e a **topicalização**, havendo aumento dos **tópicos sujeitos especiais** e um número relevante de **tópicos com quebra de seqüência**, sendo estes últimos estruturas prototípicas de línguas de tópico.

Quanto à função sintática, o **tópico com retomada** é favorecido pela função sintática de sujeito; a **topicalização**, pela função sintática de objeto direto e a **topicalização com supressão de preposição**, pela função sintática de objetos indiretos e adjuntos adverbiais de tempo e lugar.

Um importante papel funcional do tópico marcado, no discurso, é atrair para si o foco de atenção do ouvinte, determinando o tema acerca do qual se faz um comentário. Nota-se, assim, que o tópico marcado não é desvinculado da sentença, mas um elemento lingüístico que possui uma estreita relação com o contexto semântico-pragmático em que os enunciados são produzidos.

- b) O emprego das construções tópicas é influenciado por grupo de fatores de natureza social e de natureza estrutural?

Observam-se algumas variáveis independentes que influenciam o uso da maioria das CTs, e outras que favorecem ou inibem determinados tipos. Dentre os fatores estudados, demonstram favorecimento: a posição inicial, o preenchimento do sujeito e a sua posição pré-verbal, a estrutura tópica constituída de SN lexical, o correferente pronome lembrete e o emprego de verbos transitivos. É importante ressaltar, outrossim, que o traço [-humano] inibe as CTs de **tópico com retomada**, pois constata-se uma forte relação entre o traço [+humano] e a escolha do correferente pronominal muito recorrente nessa construção, o que revela que o condicionamento mais significativo para as construções de **tópico com retomada** é o traço semântico e não a sua estrutura.

Alguns fatores, inicialmente tratados como condicionadores de tópicos, mostraram-se no decorrer do estudo que estão mais propensos a serem os seus caracterizadores, visto que o índice percentual foi categórico, ou seja, atingiu 100%. Dentre eles, pode-se citar a anáfora zero nas **topicalizações** e **topicalizações com supressão da preposição**; o controle de correferência atribuído somente ao **tópico com retomada**; e a função sintática de sujeito nos **tópicos sujeitos especiais**.

Quanto às variáveis extralingüísticas, observa-se que, em 1970, os mais jovens tendem a usar mais a **topicalização**, enquanto os de idade mediana e os

mais velhos, **o tópico com retomada**. Em 90, os mais jovens e os de idade mediana empregam mais o **tópico com retomada**, enquanto os mais velhos, a **topicalização**.

Em relação ao fator gênero, na década de 70, os homens usam mais tópicos do que as mulheres. Apesar de, em estudos sociolinguísticos, as mulheres demonstrarem ser mais conservadoras, na década de 90, elas empregam as estruturas tópicas mais do que os homens, que são mais inovadores, quando se trata de usar variáveis não relacionadas à norma padrão.

c) A língua portuguesa do Brasil pode ser enquadrada como língua com proeminência de sujeito e tópico?

A partir das análises dos resultados, pode-se sugerir que o PB é uma língua do 3ª tipo, de acordo com a tipologia de línguas de Li e Thompson (1976), visto que as noções de sujeito e tópico são proeminentes, em uma mesma sincronia, sobretudo no registro coloquial.

O primeiro argumento para tal sugestão é que se constata, através das análises, que há características comuns entre as línguas Tp e o PB, tais como: a posição inicial ocupada pelo tópico, que pode ser uma codificação superficial para o seu reconhecimento; a rejeição, no PB, à construção passiva, que não é comum em línguas Tp; a alta incidência de tópicos com quebra de seqüência, que são estruturas prototípicas de línguas de tópico; a ausência de restrição, na estrutura tópica, ao seu constituinte, como acontece também nas línguas Tp.

O segundo argumento é a grande ocorrência e crescimento progressivo de CTs da década de 70 para a de 90.

É importante lembrar que, em números absolutos, observam-se muito mais construções de tópico marcado, em 90, do que em 70, apesar de as diferenças em níveis percentuais, nas duas décadas, não serem muito díspares.

O terceiro argumento é o aparecimento de novas estratégias de categorias tópicas, como o tópico com retomada pelo pronome lembrete e o tópico sujeito especial, estruturas em que o tópico aparentemente exerce a função de sujeito. Galves (1998) as considera como indício de que o PB caminha para língua com proeminência de tópico. A implementação dessas duas estruturas tópicas no sistema, provavelmente, deve estar vinculada às mudanças em curso no PB, não só com o preenchimento do sujeito e o apagamento do objeto, como também associadas ao processo de redução do sistema pronominal flexional e ao enfraquecimento geral da morfologia.

d) O tópico marcado é uma variável estável ou há indicação de mudança lingüística?

É provável que o tópico marcado seja uma variável estável, que tem sofrido transformações, tomando outras formas em função das pressões de uso e das mudanças em curso por que passa o PB. Um exemplo desse fato é o aparecimento e crescimento vertiginoso das construções de **tópico sujeito especial** e de **tópico com retomada**, com a inserção do pronome lembrete exercendo a função sintática de sujeito. Cabe lembrar que esses tipos de tópico não são encontrados em dados diacrônicos.

Levando-se em conta o comportamento lingüístico dos falantes, não há indicação de que as CTs de tópico marcado estejam em processo de mudança.

Tal afirmação talvez se deva ao fato de que o uso de todos os tipos dessas construções não é mais recorrente entre os jovens, nas duas décadas e, em contrapartida, alguns tipos de tópico são mais utilizados pelos mais velhos, a exemplo da **topicalização** na década de 90.

Através desse estudo, pôde-se também verificar o comportamento dos falantes cultos em relação à seleção que fazem das construções de tópico marcado, a qual mediu o peso da escolaridade culta em relação aos usos prescritos e proscritos pela norma tradicional.

A incoerência das prescrições normativas é observada ao se comparar as CTs com os pleonasmos e com os anacolutos, estruturas aceitas pela GT, que correspondem a exatas definições de tópico e comentário. Já as CTs são combatidas e evitadas, sobretudo nos registros mais formais do uso da língua.

Os estudos sociolingüísticos, nesses últimos anos, evidenciam a distância entre a gramática veiculada pela tradição normativo-prescritiva e os usos reais em variação ou em variação e mudança no PB.

A constatação de ocorrências de construções tópicas no seio de uma comunidade de fala culta, constituída de informantes de escolaridade superior, que não as estigmatizam, poderá indicar que essas estruturas têm sido adotadas, no registro oral. Portanto, mais estudos sobre o fenômeno em tela são necessários para que se elaborem outros trabalhos sobre as construções tópicas, para que, num futuro próximo, a orientação pedagógica para o ensino da língua materna possa adequar seus instrumentos e sua metodologia à realidade lingüística em uso.

Espera-se que essa pesquisa, voltada para um fenômeno da língua empregado por indivíduos de nível superior de escolaridade, no processo de comunicação oral, seja um passo importante na tentativa de dar relevância aos

aspectos sintático-discursivos da fala, principalmente no que tange à atuação do ensino da língua portuguesa nas escolas.

Insta ressaltar que, devido ao seu caráter de fluidez, até agora tudo o que se observa em língua são tendências, logo nada pode ser afirmado com absolutismo.

Segundo Martellota (1996, p.57), “um dos aspectos relacionados à língua humana que mais tem intrigado os lingüistas é a sua fluidez, ou seja, a sua capacidade de assumir formas diferentes, em indivíduos diferentes e em situações ou épocas diferentes”.

As divergências e confluências no dinamismo da língua em uso sempre existiram e continuarão a existir, desafiando aqueles que tentam desvendá-las. Portanto, as reflexões não se esgotam...

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1995.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BRAGA, Maria Luiza. Os condicionamentos discursivos. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 1992.
- DUARTE, Inês. Frases com tópicos marcados. In: MIRA MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.p.489 – 502.
- CALLOU, Dinah et al. Tópicos e adjuntos. In: CASTILHO, Ataliba; BASÍLIO, Margarida (Org). *Gramática do português falado*. São Paulo: FAPESP, 1996. p. 333.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Diversidade lingüística e ensino: anais de seminário nacional sobre a diversidade lingüística e o ensino da língua materna*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Revista de Estudos Lingüísticos e Literários*. São Paulo, n. 19, p. 25 - 64, 1997.
- CASTILHO, Ataliba T. de; BASÍLIO, Margarida. *Gramática do português falado: estudo descritivo*. São Paulo: FAPESP, 1996.
- CHAFE, W. Givenness, contrativeness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C.. (Ed.). *Subject and topic*. Nova York: Academic Press, 1976.
- CHAMBERS, J, K.; TRUDGILL, Peter. Estructura sociolingüística e inovación lingüística. França: Visor , 1994. p.115 - 136.
- CHAVES, Arlete Saddi. A ordem VS no português de fronteira. In: TARALLO, Fernando (Org). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas. São Paulo, 1989.
- CUNHA, Celso Cunha. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, Fernando (Org). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 113 - 139.

DIK, C. S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI-EUA: Foris, 1989.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (Org). *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.

FARIA, Isabel Hub et al. *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1966.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. *Lingüística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.

FIORIN, José Luís. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2001.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes, e concordância no português brasileiro. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 34, p.19 - 31, 1998.

GIVÓN, T. *Syntax II*, Nova York: Academic Press, 1990.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore. Edward Arnold, 1985.

HOPPER, P. One some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to gramaticalization*. Amsterdã: Benjamins, 1991. p. 22.

KATO, Mary A. Formas de funcionamento na sintaxe. *Revista D. E. L. T. A.*, São Paulo, v.14, n. especial, p.127,1998.

KATO, Mary A. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 17 p. 109 - 131. 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1996.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Building on empirical foundations*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Texas: Cambridge University Press, 1994.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra. A subject and topic: a new tipology of language. In: LI, Charles (Ed) *.Subject and topic*. New York: Academic Press Inc, 1976. p. 456-489.



LAUSBERG, H. *Lingüística românica*: Tradução de Maion Ehrhardt e Maria Luísa Shemann, Lisboa: Calouste Gulgenkian, 1963.

LIMA, Carlos Henrique Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

LOBO, Tânia. O problema da colocação dos clíticos: variação estável ou mudança em curso? In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org). *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 221 - 222.

LOPES, Norma da Silva. Notas de aula, Instituto de Letras da UFBA, 2005.

MACEDO, Alzira Tavares; RONCATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. (Org). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAINGUENEAU. Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. Conferência de abertura no II Encontro Franco – Brasileiro de Ensino de Língua. Natal: UFRN, 1995.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado et al. *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP& A, 2003.

MENÉNDEZ, Sálvio Martin. *Gramática textual*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1993.

MOLLICA, Maria Cecília. *Influência de processamento na variação em português*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luísa (Org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (Org). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador: materiais para seu estudo*. Salvador: Instituto de Letras 1994. Citado, também, como NURC 70.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Org). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Org). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

NARO, Anthonius Julius, BRAGA Maria Luíza. A interface sociolingüística / gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n.9, p.125 - 134. 2000.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Rreview of Rntropology*, v. 43, p. 43. 1984.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ORSINI, Mônica Tavares. *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva em tempo real*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-07.html>. Acesso em: 26 maio 2005.

PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves. Notas de aula. Instituto de Letras da UFBA, 2003.

PEZZATI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo, Cortez, 2004. p. 165 -207.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p.47- 67.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PONTES, Eunice Souza Lima. Sujeito e tópico do discurso. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 1, n. 1 e 2. p. 51-78, 1985.

PONTES, Eunice Souza Lima. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. Dissertação de Doutorado, MIT, 1967.

SCHERRE, Maria Marta; NARO, Anthony Julius. *Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL*. Mimeo. (1981).

SCHLIEBEN LANGE, Brigitte. Reflexões sobre a pesquisa em mudança lingüística. *Revista DELTA*, v. 10, número especial, 1994. p. 223 - 246.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística: teoria y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

SILVA, Giselle M. de O; PAIVA, Maria da Conceição. De. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, Giselle M. de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pereira. *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SOUZA, Iracema Luíza de. Ufba. Notas de pesquisa orientada, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática: 1985.

TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1987.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2002.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1999.

VOTRE, Josué Sebastião; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: MACEDO et al. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p.95-105.